

A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica

Rui Alexandre Ribolhos Filipe

Dissertação em Arqueologia

Rui Alexandre Ribolhos Filipe – A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica - 2015

Março de 2015

A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica

Rui Alexandre Ribolhos Filipe

Dissertação em Arqueologia

Março de 2015

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Rui Alexandre Ribeiro Figueira

Lisboa, março de 2015

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O orientador,

Rosa Vanela Gó

Lisboa, março de 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da
Professora Doutora Rosa Varela Gomes

Ao meu Amigo

Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e à minha irmã. Por tudo.

À minha esposa Dina por toda a paciência e apoio nos bons e maus momentos.
Por tudo.

Ao meu Amigo Doutor Rodrigues Ferreira pela orientação dos trabalhos de campo, por todo o incentivo e ajuda incansável ao longo de todos estes anos. Um abraço fraterno para todo o sempre.

À Professora Doutora Rosa Varela Gomes agradeço a orientação científica do presente ensaio, o apoio constante, a confiança e a motivação.

Aos meus amigos do Núcleo de Arqueologia de São Vicente de Fora: ao Nuno Pires, ao António Branco, ao Jorge Gradão, à Maria e ao Jorge.

À Dra. Conceição Rodrigues Ferreira por toda o apoio e partilha de interesses.

Aos amigos que me apoiaram ao longo dos tempos.

Aos habitantes do Vimeiro pelo carinho com que me receberam.

Ao meu amigo Nick Lipscombe pelas questões de Artilharia.

Ao Frédéric Lemaire do Institut National de Recherches Archéologiques Préventives pela ajuda cedida.

A BATALHA DO VIMEIRO NUMA PERSPETIVA ARQUEOLÓGICA
AN ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVE OF THE BATTLE OF VIMEIRO

RUI ALEXANDRE RIBOLHOS FILIPE

PALAVRAS-CHAVE: Batalha do Vimeiro; Arqueologia Militar; Campo de Batalha; Guerra Peninsular; Prospeção; Projéteis.

KEYWORDS: Battle of Vimeiro; Battlefield Archaeology; Peninsular War; Survey; Shot.

RESUMO

Na presente dissertação apresentam-se os resultados dos trabalhos de arqueologia efetuados na colina do Vimeiro durante o ano de 2014, tendo em vista a análise de parte do campo de Batalha do Vimeiro.

O estudo do espólio recolhido no que diz respeito à sua tipologia e localização espacial tem como objetivos finais compreender e identificar os vários momentos do combate da Colina do Vimeiro. Os dados recolhidos arqueologicamente serão em última análise uma visão aproximada da veracidade dos acontecimentos.

ABSTRACT

This research presents the results of the archaeological survey taken at the Hill of Vimeiro during 2014, with the objective of study part of the Battlefield of Vimeiro.

A close research of the artifacts recovered concerning the type and location has as main goals to locate the area where the battle took place and to understand the action different moments. The data will ultimately give us a real panoramic view of the action.

ÍNDICE

Capítulo I: Introdução, Objetivos e a Metodologia	1
I.1. Introdução	1
I.2. Objetivos	2
I.3. Metodologia	4
I.3.1. As Fontes Primárias, Secundárias e Fontes Imateriais	7
I.3.1.1. Análise Crítica às Crónicas de Guerra	16
I.3.2. Detetor de Metais: Metodologia de Prospeção	
Geofísica de um Setor do Campo de Batalha	19
I.3.3. Georreferenciação por <i>Global Position System</i>	22
Capítulo II: Enquadramento Histórico	23
II.1. A Arqueologia de Campos de Batalha	23
II.2. O Caso Português – Panorama Geral	24
II.3. A Invasão de 1807 no Âmbito da Guerra Peninsular	26
II.4. A Batalha do Vimeiro	32
II.4.1. O Combate da Colina	33
II.4.2. O Combate da Igreja de S. Miguel	34
II.4.3. O Combate da Ventosa	35
II.4.4. Mudanças no Comando Britânico e Armistício	36
II.5. A Arte da Guerra – Organização dos Exércitos, Armamento e	
Táticas ao Tempo das Invasões Francesas – Aspetos Gerais	38
II.5.1. Organização do Exército	38
II.5.2. Armas e Uniformes	40
II.5.3. Táticas	42

Capítulo III: A Intervenção Arqueológica	45
III.1. Descrição da Intervenção Arqueológica	48
III.2. Resultados da Sondagem Geofísica	60
III.3. Espólio	65
III.3.1. Projéteis de Armas Ligeiras	65
III.3.2. Projéteis de Artilharia	71
III.3.3. Botões	78
III.3.4. Fivelas	83
III.3.5. Fragmentos de Armas	87
III.3.6. Cavalaria	90
III.3.7. Objetos Pessoais	92
III.3.8. Numismas	95
III.3.9. Outros	97
Capítulo IV: Corte Diacrónico do Combate da Colina	99
Conclusão	104
Bibliografia	112
Lista de Figuras	119
Lista de Tabelas	121
Apêndice I – Ordem de batalha	i
Apêndice II – Iconografia	ii
Apêndice III – Plantas	iii
Apêndice IV – Catálogo Geral	iv

A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica

Capítulo I: Introdução, Objetivos e Metodologia

I.1. Introdução

A Batalha do Vimeiro foi travada a 21 de Agosto de 1808 durante a Guerra Peninsular, pondo termo à Invasão Francesa iniciada em 1807 pelo General Jean-Andoche Junot. Desta batalha Sir Arthur Wellesley, futuro Duque de Wellington iniciará um percurso de vitórias militares que acabaram por fim às aspirações de Napoleão Bonaparte.

Quis o destino coincidir esta investigação sobre a primeira grande vitória do Duque de Wellington sobre os Franceses com as comemorações do bicentenário da sua última e maior vitória em Waterloo. Esta ligação que nos pode transparecer distante, não o é. De facto foi no Vimeiro que o então, ainda, Sir Arthur Wellesley enfrentou pela primeira vez um exército Francês e onde pôde constatar as manobras, as táticas e a determinação das tropas Francesas. A Batalha do Vimeiro é uma lição para o Duque de Wellington na construção de uma fórmula tática vencedora para os confrontos vindouros da Guerra Peninsular.

O objetivo principal do nosso trabalho é aplicar uma metodologia arqueológica adaptada às características próprias dos campos de batalha, tentando através da recolha e interpretação dos artefactos perdidos durante o confronto, obter uma visão mais aproximada da realidade que a leitura das fontes históricas não permite alcançar. Devido à tarefa hercúlea que seria estudar em tão pouco tempo um campo de batalha de grandes dimensões, foi escolhida a área da Colina do Vimeiro como amostragem desta batalha em particular.

No decorrer desta dissertação iremos acompanhar todo o trabalho de arqueologia desde o planeamento, passando pela escolha das áreas a intervir culminando no estudo dos materiais recolhidos relacionando-os com as informações históricas da batalha.

I.2. Objetivos

O objetivo principal deste projeto consistiu na prospeção geofísica e abertura de sondagens localizadas permitindo uma amostragem do Campo de Batalha do Vimeiro. Procurou-se identificar o contexto arqueológico dos combates da Colina e seu desenvolvimento através da dispersão de espólio (destruição da batalha) em área.

Os resultados obtidos pela arqueologia dos campos de batalha têm alargado os horizontes dos investigadores quanto aos objetivos a alcançar, ultrapassando a intenção de localizar o *onde?* mas ir mais além nos objetivos procurando o *como?*. Este ramo da arqueologia dedicado ao estudo dos campos de batalha permitiu obter resultados muito para além dos objetivos propostos, veja-se o exemplo da Batalha de Little Big Horn (1876) onde foi possível determinar o movimento do mesmo soldado pelo espaço através da recolha e identificação balística de projéteis, para além da desmistificação da heroicidade do General e seus soldados (WASON, 2003). Essa informação ultrapassa em muito a informação obtida pela leitura das fontes históricas. Outro exemplo é o caso da Batalha de Bosworth Field (1485) onde a arqueologia permitiu atribuir uma nova localização do campo de Batalha, distante 3 Km da então conhecida e comprovar o uso de artilharia (FOARD, 2004). Assim pareceu-nos interessante propor um conjunto abrangente de objetivos acreditando no potencial da arqueologia de campo de batalha. Partindo deste pressuposto procurou-se alargar o conhecimento arqueológico definindo-se ainda os seguintes objetivos:

a) Confrontar os dados documentais com a informação arqueológica

Existem inúmeras fontes históricas para o período em questão. Partindo de uma abordagem crítica das fontes torna-se essencial relacionar os resultados obtidos pela arqueologia com as fontes documentais de modo a obter uma visão a mais aproximada da verdade quanto possível.

b) Identificar o contexto arqueológico na encosta da Colina do Vimeiro

Pretendeu-se identificar a área ou áreas onde decorreram os combates da Colina. Partindo da leitura das fontes históricas identificou-se parte da ação na colina, embora a leitura dos testemunhos contemporâneos não nos permitisse uma localização exata.

c) Identificar as posições e movimentações dos exércitos beligerantes

Procurar as posições da Linha Luso-britânica defendendo a Colina e das Colunas Francesas que a atacaram. Identificar os eixos de movimentação dos defensores e dos atacantes na ascensão ao topo da colina.

d) Locais de ação

Localizar os locais onde as forças militares se confrontaram. Estes locais serão, presumivelmente os mais ricos em materiais arqueológicos.

e) Geografia e táticas

O papel do espaço geográfico aliado às táticas militares da época como agentes determinadores do resultado dos combates.

f) Qual a real participação das unidades Portuguesas

As fontes Britânicas são geralmente omissas no papel participativo das tropas Portuguesas, sendo ainda as poucas menções de cariz depreciativo.

g) Sensibilização da população

A população local é a primeira “guardiã” dos vestígios, visto serem os proprietários dos terrenos onde decorreram os confrontos. Sensibilizar os habitantes para a importância do local e preservação de elementos arqueológicos encarando a arqueologia como um bem.

h) Alargar o conhecimento geral em relação à tipologia de sítios arqueológicos - Campos de Batalha em Portugal

Aumentar o conhecimento dentro da temática Arqueologia de Conflito ou Arqueologia de Campo de Batalha¹ em particular para o período da Guerra Peninsular.

I.3. Metodologia

A metodologia utilizada no âmbito deste trabalho decorreu a dois níveis distintos mas interligados: O trabalho de campo e o trabalho de Gabinete/laboratório. Os primeiros foram faseados numa sequência de escolha de áreas a prospetar, implantação de quadrículas, prospeção geofísica, sondagens localizadas e protocolo de catalogação em campo. Os trabalhos de gabinete/laboratório incidiram em duas fases, a primeira de pré-estudo do acontecimento batalha, de modo a compreender as suas realidades e identificação de áreas para desenvolver os trabalhos arqueológicos. Segundo no estudo dos materiais recolhidos quer do ponto de vista da identificação, como de metrologia. Também neste nível realizou-se a produção científica documental, quer na realização de relatório oficial para a entidade reguladora quer para a presente dissertação.

¹ Internacionalmente designada por Battlefield Archaeology.

Apresentamos seguidamente pela ordem cronológica possível a metodologia adotada para o estudo do Campo de Batalha do Vimeiro.

a) O Estudo das Fontes Documentais

Tratou-se da primeira abordagem continuando nos trabalhos práticos de Arqueologia. Esta estratégia teve como fundamento: compreender a batalha: quem participou, os vários momentos da ação, as táticas, etc.; determinar áreas de intervenção e numa fase final de laboratório, o estudo dos artefactos recolhidos. *O Património Imaterial e Achados Fortuitos*: Tal como a leitura das fontes escritas as fontes imateriais (Topónimos locais, lendas/estórias) e os achados acidentais feitos pela população permitiu balizar a área de pesquisa.

b) Implantação de Sistema de Quadrículas

Após a seleção das áreas a intervencionar foi determinado um sistema de quadrículas para a intervenção arqueológica, que permitissem uma amostragem dos objetivos propostos.

c) Prospeção Geofísica com Detetor de Metais

Prospeção em área com recurso a detetores de metais.

d) Abertura de Sondagens Localizadas

Escavação dos alvos seguindo os pressupostos metodológicos avançados por Philip Barker (BARKER, 1993) e Edward Harris (HARRIS, 1991).

e) Protocolo de Catalogação

Inventário do espólio recolhido através de uma referência sequencial anexando fotografia e dados técnicos.

f) Georreferenciação em campo com GPS (Global Position System) e Sistema de Informação Geográfica

Através de um terminal de GPS para atribuição de coordenadas dos artefactos. Posteriormente tratados em gabinete com *software* próprio, de modo a construir um mapa de georreferenciação/Sistema de Informação Geográfica culminando na apresentação gráfica em forma de plantas numeradas.

g) Estudo de Espólio

O estudo do espólio será em última análise a maior e mais inovadora fonte de informação. A relação da sua georreferenciação com as suas características tipológicas e as fontes históricas permitirão traçar uma realidade da batalha que de outra forma não seria possível. Para tal, procurou-se obter a informação possível de cada artefacto: a matéria-prima, a funcionalidade, a sua metrologia e constituindo conjuntos tipológicos. Partindo do princípio que seríamos bem-sucedidos na recolha de objetos relacionados diretamente com a batalha, foi previamente recolhida informação documental acerca de conjuntos/coleções correspondentes ao tema em questão para comparação.

Foram realizadas visitas a museus nacionais susceptíveis de possuírem em inventário, conjuntos em relação com a Guerra Peninsular: Museu Militar de Lisboa, Museu Militar do Buçaco, Museu de Almeida, bem como coleções privadas. Foi importante também, a recolha de informação dispersa de artefactos recolhidos em contextos de campos de batalha.

Beneficiou-se ainda da nossa ligação com a Associação Napoleónica Portuguesa de modo a providenciar aspetos da vida do soldado durante o período Napoleónico – Arqueologia Experimental – Ordem unida, o carregamento, o disparo, etc.

Os artefactos recolhidos estarão sujeitos numa primeira fase a uma limpeza superficial, catalogação e contentorização. Posteriormente divididos em relação às suas características funcionais em diversas categorias/tipologias. Cada artefacto analisado de modo a estabelecer nacionalidade (fundamental para a identificação de movimentos das diferentes unidades no espaço), proveniência no equipamento do soldado, metrologia e correspondência de paralelos.

I.3.1. As Fontes Primárias, Secundárias e Fontes Imateriais

Deparamo-nos no caso da nossa investigação, com um período histórico rico em produção documental. A existência de inúmeras fontes provenientes desta época prende-se em grande parte com a importância do acontecimento Guerra Peninsular/Guerras Napoleónicas, a sua proximidade temporal, um aumento da literacia dos participantes (FLETCHER, 2001: 7), a vontade de perpetuar a participação individual num momento histórico escrevendo à família/amigos² e um público ávido de histórias de aventuras³.

Partimos então de uma situação apraz vantajosa que permite uma leitura do mesmo acontecimento por várias testemunhas oculares, com a vantagem de várias visões do mesmo acontecimento pelos três lados beligerantes – Reino Unido, Portugal e França. Comemoram-se ainda ao tempo desta tese, os bicentenários das grandes batalhas da época Napoleónica, que culminarão com a comemoração da batalha final de Waterloo em 2015. Razão pela qual ainda hoje são publicados muitos documentos/fontes consideradas primárias acerca da Guerra Peninsular (FLETCHER, 2001: 7).

² Muitos dos relatos foram publicados a partir de cartas enviadas a amigos ou família.

³ Veja-se a quantidade de produções durante o século XIX (TERENAS, 2000).

Agrupamos as variadas fontes documentais em três categorias principais e uma categoria suplementar para os achados fortuitos:

Fontes Primárias

Testemunhas oculares - Memórias, diários, cartas, cartografia e iconografia realizadas por participantes, observadores ou contemporâneos da batalha.

Utilizadas para o conhecimento imediato da batalha, revelando-a nos seus momentos mais gloriosos, apresentando os principais intervenientes, táticas, desenvolvimento linear da ação, etc. Do grande número de “relatos” disponíveis, considerámos aqueles com informação mais detalhada acerca da batalha na área geográfica escolhida para os trabalhos arqueológicos. Os diversos testemunhos cobrem mais acertadamente o que se passa no campo de visão de quem escreve e o resto escreve-se o que se achou que se viu ao longe ou ouviu-se dizer. Tendo sido escolhida a área para a intervenção arqueológica, optou-se por escolher os relatos daqueles que participaram nos combates desse espaço, de modo a ter uma visão em primeira mão dos acontecimentos baseada nos pontos de vista de atacantes e defensores.

Foi possível encontrar testemunhos Portugueses, Britânicos e Franceses bem como testemunhos de um ponto diferente na escala hierárquica. Desde o General-em-chefe dos Aliados Sir Arthur Wellesley, através dos seus despachos (GURWOOD, 1835) ao soldado raso Harris (HARRIS, 1970), etc. A visão do soldado raso que enfrenta o inimigo de frente pode transmitir uma visão menos romântica da do oficial em cima do cavalo:

Several generals have written an account of our campaigns, but they have only given their own history, and that of their equals. (GUILLEMARD, 1826: 3).

A importância da relação das Fontes Primárias com o nosso trabalho apresenta-se em traços gerais da seguinte forma:



Fontes Secundárias

Trabalhos publicados após os acontecimentos no Vimeiro. Enquadram-se nestas fontes os variados trabalhos de investigação Histórica e Arqueológica, monografias e iconografia da Guerra Peninsular/Guerras Napoleónicas.

Como fontes secundárias considerámos vários trabalhos auxiliares para a compreensão histórica da batalha e arqueologia da mesma. Trabalhos de investigação acerca da Guerra Peninsular ou Guerras Napoleónicas, da Batalha do Vimeiro, táticas e características do armamento da época, mentalidades, metodologia arqueológica e trabalhos realizados em campos de batalha com características idênticas:



Fontes imateriais: Toponímia e Histórias

Procurou-se nas fontes locais, histórias ou lendas, os topónimos, as fontes imateriais, normalmente renegadas para um papel informativo secundário, mas que para este estudo revelaram-se uma fonte de grande interesse.

A recolha destas fontes provém de contactos com a população, em especial a mais idosa, detentora ainda da tradição da passagem de histórias de pais para filhos, percorrendo várias gerações.

A recolha resultou na identificação de cinco topónimos e diversas histórias/lendas a eles associados, que no nosso entender e por correlação com as fontes documentais, entendemos registar e que passamos a indicar.

Topónimo Alto do Cutelo

Localiza-se no alto da Colina do Vimeiro (Figura 1, ponto 1). Nos dias de hoje é conhecido por sítio da Memória, Memória ou Monumento, pois aí se encontra o monumento inaugurado no Primeiro Centenário da Batalha do Vimeiro. Era este local conhecido por Alto do Cutelo até à construção do Monumento em 1908, tendo o

topónimo acabado por cair em desuso. Segundo alguns testemunhos recolhidos entre a população, não existe uma lenda ou história associada, apenas a indicação que ali “morreu muita gente pelas lâminas das espadas!”.

Facto é que Cutelo é uma arma branca associada ao talhante, acabando por ligar-se ao especto de carnificina e massacre. Segundo a documentação contemporânea da batalha foi esta posição do Alto da Colina do Vimeiro escolhida pelas tropas Luso-britânicas como linha de batalha (GURNWOOD, 1835: 93,94). Após vários ataques das tropas Francesas seguiu-se um contra ataque das tropas Inglesas com recurso à carga de baioneta, o que vitimou inúmeros Franceses.

Será legítimo afirmar que a visão do campo de batalha neste local assemelhar-se-ia a um “matadouro”. Segundo ainda alguns relatos, o local serviu, após os combates, de hospital às vítimas. O recurso à amputação de membros, as quantidades de sangue e de detritos resultantes dessas operações pode também ter determinado o topónimo Alto do Cutelo.

Topónimo Pinhal Trombeta

Embora nesta colina não haja um único pinheiro desde 2004, o topónimo é ainda utilizado para localizar determinada área agrícola no Vimeiro (Figura 1, ponto 2). Trombeta ou outra derivação de instrumento de sopro – Corneta, é um instrumento de guerra, em especial quando na confusão da batalha o som e a música permitem aos soldados e oficiais saberem ações a tomar. Deste modo, o topónimo Pinhal Trombeta assume uma referência e ligação ao acontecimento batalha do Vimeiro.

Quando inquirida a população acerca deste nome, a resposta foi sempre unânime. Segundo estes, foi neste local que as tropas portuguesas emboscaram as tropas Francesas atraindo-as com o som de trombetas. Outra versão acrescenta que os Franceses atacaram os Portugueses nesta posição mas não conseguiram tomar-lhes as trincheiras e ninhos de atiradores.

Segundo a documentação histórica (PATTERSON, 1837: 38), esta posição encontra-se na linha de progressão das tropas Francesas em direção à colina do

Vimeiro. A população recolheu neste lugar e ao longo dos tempos diversos projéteis de chumbo atribuíveis ao período em questão. Nos anos 60 do século XX foram neste local cortados alguns pinheiros de grandes dimensões que quando cortados em pranchas foram descobertos no seu interior projéteis de chumbo do tempo da batalha.

Não nos chegou qualquer informação na documentação contemporânea acerca da construção de elementos defensivos como trincheiras. O facto da suposta existência de trincheiras parece-nos resultar da confusão com memórias da Grande Guerra. Foram vários os habitantes do Vimeiro que serviram na Flandres durante a Primeira Guerra Mundial e conseqüentemente no regresso transmitiram os horrores das trincheiras. As memórias deste conflito, mais recente que a batalha do Vimeiro terão levado certamente a que as versões se entrelçassem.

Topónimo Lagoa de Sangue

A par do Pinhal Trombeta este topónimo é dos mais conhecidos pela população local sendo também aquele que é apontado como o “palco” exato da batalha (Figura 1, ponto 3). Este facto deve-se ao grande número de supostos achados aqui resgatados pelos agricultores e a lenda aí associada.

Segundo a tradição oral, neste local tombaram “tantos Franceses que o sangue formou uma lagoa de sangue que dava pelos “coxins dos cavalos”. Esta história tomou ainda mais importância quando nos anos 50 do século XX, o proprietário recolheu algumas balas de chumbo e com o dinheiro adquirido com a venda providenciou que fosse celebrada missa pelos mortos da batalha⁴. Este acontecimento resultou também na primeira grande comemoração da Batalha do Vimeiro desde o 1º Centenário.

Tal como o Pinhal Trombeta, e pondo à prova a documentação histórica, foi certamente ponto de passagem das tropas Francesas em direção à Colina do Vimeiro (Alto do Cutelo). Os Ingleses usaram durante a batalha um novo tipo de projétil de artilharia, a Granada Shrapnel, uma bala de canhão oca cheia com balas de mosquete e pólvora com um rastilho. No momento do disparo pela boca-de-fogo o rastilho era

⁴ Recorte de jornal. Arquivo Histórico Militar nº de inventário: AHM/FO/006/G/24/215/15

aceso e a bala explodia no ar espalhado o seu conteúdo. Foi certamente responsável pelo elevado número de mortos e a área considerada Lagoa de Sangue está no raio de ação efetiva deste projétil.

É possível que alguns populares, após a batalha, tivessem participado no enterro dos mortos e a visão de tão grande mortandade tenha originado a esta memória. Uma outra hipótese é que o topónimo Lagoa de Sangue seja a localização de uma vala comum.

Topónimo Vale Jameira

Localiza-se perto de Fonte de Lima (Figura 1, ponto 4). A história local associada é bastante interessante. Vale Jameira parece derivar de Vale do *James* ou a *eira* do *James* sendo este o nome de um soldado Britânico deixado como morto no campo de batalha. Os populares terão cuidado dele até se recompor e apaixonando-se por uma rapariga local, não se apresentou às autoridades militares Britânicas casando e adquirindo algumas terras neste vale.

Existe ainda na região, Vimeiro, Maceira e A-Dos-Cunhados uma família de apelido *Inglês* que diz ser descendente de *James*.

A área de Fonte de Lima e Ventosa, onde se situa o Vale Jameira, foi palco de violentos combates durante a batalha e devido ao grande número de baixas foi criado um hospital de campanha. Segundo alguns documentos históricos, como os relatos do cirurgião Inglês Adam Neale, muitos feridos graves foram deixados para trás pelo exército na sua marcha para Lisboa (NEALE, 1809).

Este topónimo está identificado na carta militar nº361 com descrição incorreta – *Vale Lameira*.

Topónimo Pegada de Cavalo ou Pegada

Este topónimo é atribuído ao topo do penhasco imediatamente acima da antiga zona de engarrafamento das Águas do Vimeiro (Figura 1, ponto 5). Trata-se do maciço calcário de onde brota a nascente das famosas águas. Segundo a tradição foi neste lugar que alguma cavalaria Francesa parou para observar os Ingleses e tal foi o susto dos cavalos ao ver o enorme exército, que vincaram os cascos na rocha.

O Topo do sítio da Pegada foi, durante muitos anos, usado como pedreira e talvez por essa razão não nos foi possível identificar as ditas pegadas. Em todo o caso este topónimo é bastante conhecido e deu mesmo a origem ao nome de um bairro nas suas encostas – Bairro da Pegada, construído nos anos áureos das Termas do Vimeiro.

Esta área do campo de batalha estava à data ocupada pelas tropas Luso-britânicas, o que nos parece improvável que tenha sido permitido aos Franceses tal aproximação, no entanto existe uma relação de um oficial Inglês que nos conta que um grupo de mulheres, esposas de soldados Ingleses, que se encontravam a lavar roupa à beira rio detetaram um grupo de cavaleiros Franceses na antiga zona de engarrafamento das Águas do Vimeiro⁵.

Estas fontes imateriais acabam por fornecer pistas interessantes no que diz respeito à localização de áreas onde a presença de combates foi mais violenta e que terá marcado a geração de Vimeirenses à data da batalha. Para o projeto de estudo arqueológico em causa, estas fontes são de uma grande importância, ainda mais quando enriquecidas com o achado fortuito de objetos intimamente ligados àquela.

⁵ Este equipamento foi abandonado aquando da construção da nova área de engarrafamento. Por aqui passava um caminho marginal ao rio e que segundo as habitantes mais idosas do Vimeiro era utilizado para a lavagem de roupa ainda na década de 40 do século XX.

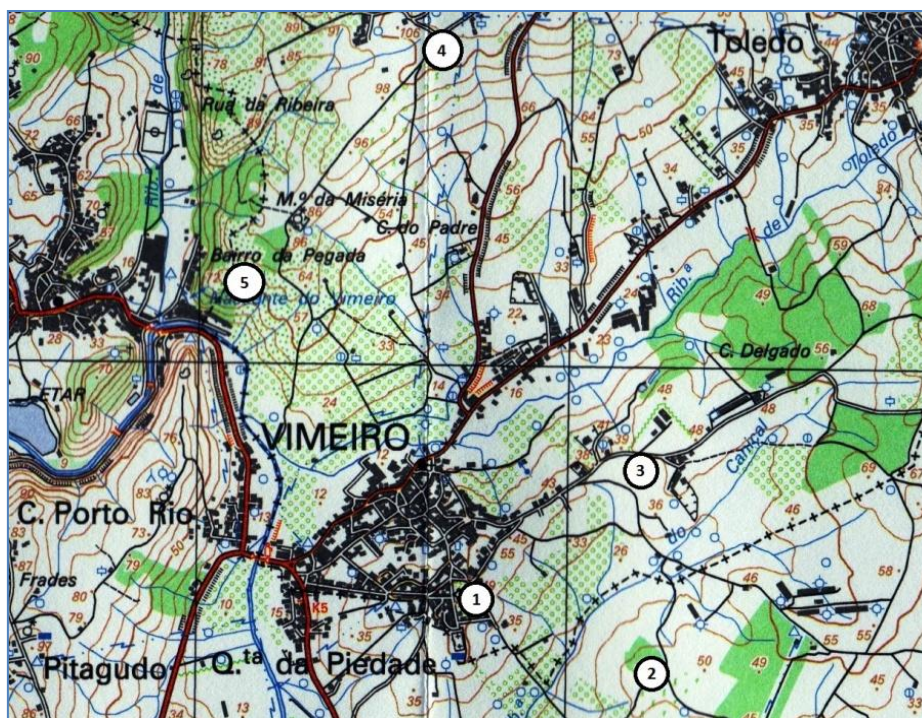


Figura 1 – Localização na Carta Militar dos vários Topónimos identificados com a Batalha do Vimeiro.

Achados Fortuitos

Objetos recolhidos ao longo dos anos pela população, durante a realização de trabalhos agrícolas ou ao acaso.

Existem ainda hoje muitos populares que guardam em suas casas diversos artefactos relacionados com a batalha. Este espólio foi em parte encaminhado para o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, aquando da direção do mesmo por parte do autor deste trabalho. Desses artefactos fazem parte balas de chumbo, relacionadas com armas de fogo ligeiras, projéteis de artilharia esféricos ou fragmentados.

Ao longo dos anos o campo de batalha foi delapidado pela ação inocente dos trabalhos agrícolas. Segundo o que podemos apurar até aos anos 60 do século XX, os terrenos eram ainda tratados de forma manual, o que resultava na descoberta fortuita de muitos materiais. As balas de chumbo e balas de canhão eram facilmente identificáveis pela população, bem como adaptados ao uso do dia-a-dia. As balas eram

transformadas em chumbadas, para a pesca, e as balas de canhão vendidas a sucateiros de passagem. Após os anos 60 a mecanização da agricultura com recurso a tratores, trouxe um fim à quantidade de objetos recuperados, visto que o agricultor não está atento ao que sai da terra.

Para a arqueologia do campo de batalha fica a informação importante de que “baldes cheios” de balas e outros objetos saíram da terra desde o ano de 1808. O destino da grande maioria é desconhecido. O Museu de Torres Vedras possui uma coleção recolhida no Vimeiro, com a designação de origem no inventário de Maceira, A-dos-Cunhados e Porto Novo⁶.

Consideramos importante a informação por si só, mesmo que o destino dos artefactos seja desconhecido. A indicação de onde foram achados e o que foi achado foi de algum modo importante para determinar, pela tipologia dos objetos, as áreas de combates – logo espaços a ter em conta aquando da escolha da zona a intervir arqueologicamente.

I.3.1.1. Análise Crítica às Crónicas de Guerra

Face ao conjunto de fontes primárias escolhidas para a nosso *corpus* houve a necessidade de realizar, sempre que possível, uma leitura atenta e crítica. Esta metodologia parte de um conjunto de pressupostos primariamente identificados e por nós imposto que pretendem uma leitura a mais aproximada da realidade dos acontecimentos ao invés do que podemos considerar de “realidades desviadas”. Os resultados dos trabalhos arqueológicos resultarão certamente *per si* numa análise crítica final às fontes:

As with many battles we have looked at, the truth often lies buried beneath many layers of retelling, in both oral and written history, folklore and dramatization.

⁶ Em 1938 Rafael Salinas Calado ofereceu ao colégio Militar de Sandhurst, Inglaterra 12 balas do campo de Batalha do Vimeiro. Na sua obra Memórias de um Ferro Velho descreve o procedimento e a resposta de Inglaterra.

This is why, as archaeologists, we place so much importance on seeing the battlefields for ourselves and using archaeological evidence, not just historical accounts, to come to our own conclusions about a battle (POLLARD e OLIVER, 2002).

Tomaram-se como regras a ter em conta as seguintes alíneas:

a)A História é escrita pelos vencedores. Parece de algum modo aplicar-se a este caso, visto tratar-se de uma grande batalha e uma grande vitória para os Aliados Luso-britânicos. Não é de espantar de que a grande parte das fontes históricas disponíveis são Britânicas tratando-se daquela que foi a primeira grande vitória militar do salvador da Europa – o Duque de Wellington.

As descrições feitas pelos seus autores tendem a manifestar um certo heroísmo pessoal, bem como algum exagero no papel interveniente da ação. Procurámos sempre que possível cruzar informação, com recurso a várias leituras entre obras, de modo a obter uma visão mais assertiva do acontecimento.

Nota-se após leitura das fontes Francesas (os vencidos) de uma certa tendência para desculpabilizarem-se face aos factos, sendo que a culpa pela derrota é da responsabilidade de Junot. Os autores de tudo fizeram para o sucesso da campanha⁷.

b)Em total consonância com a alínea anterior temos também o papel das “Nacionalidades” de cada um dos autores. Do mesmo lado da trincheira há diferenças sobre o papel desempenhado durante a batalha - o caso da participação das tropas Portuguesas. Pela leitura geral das fontes de origem Britânica parece que o aliado Português é inexistente e quando é referido a imagem é geralmente negativa (WARRE, 1909: 25-28). As fontes Portuguesas por seu lado tendem a exagerar o papel da coragem dos Portugueses com discursos valorosos da parte de Sir Arthur Wellesley, embora o mesmo não faça qualquer menção dos Portugueses nos seus despachos relativos à batalha⁸. Outro exemplo é o caso concreto da carga de cavalaria Luso-britânica durante a batalha onde na versão Portuguesa é gloriosa (Figura 2).

⁷ O caso do General Thiébault e do Coronel de Artilharia Foy, que manobraram as tropas o melhor possível face às circunstâncias.

⁸ O Padre Pacheco (PACHECO, 1809) fala da enorme coragem Portuguesa recompensada com um heroico discurso aos Portugueses por parte de Sir Arthur incluindo abraços e grande alegria. Procuramos

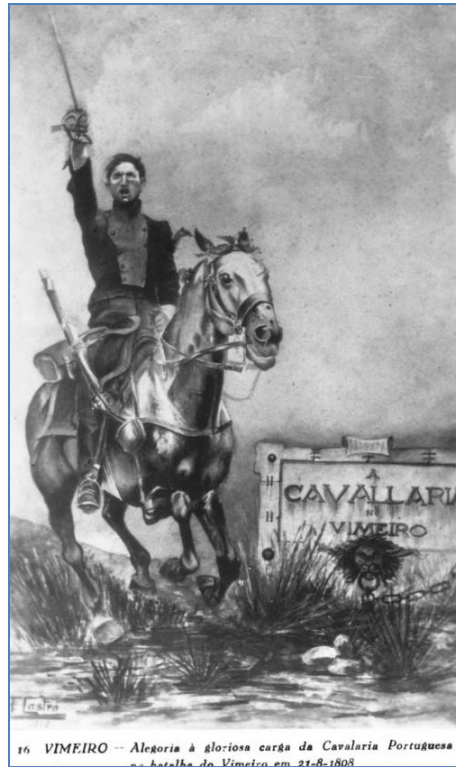


Figura 2 – A gloriosa carga de cavalaria Portuguesa – A visão Portuguesa. Postal. Coleção privada.

A gloriosa carga da cavalaria Portuguesa na visão Britânica:

The Portuguese likewise pushed forward, but through the dust which entirely enveloped us, the enemy threw in a fire, which seemed to have the effect of paralyzing altogether our handsome allies. Right and left they pulled up, as if by word of command, and we never saw more of them till the battle was over. (GLEIG, 1837: 269).

c)A Estrutura cronológica dos acontecimentos é em alguns dos relatos confusa. Existindo uma falta de encadeamento ou mesmo mistura na descrição da “história”, quer por falta de memória do autor, quer por falta de preocupação em contar pormenores históricos importantes.

nos famosos despachos de Sir Arthur e não menciona, na sua lista de unidades e oficiais de valor, os Portugueses.

d)A questão de falta de memória é pertinente em especial na falta de lembrança dos maus momentos ou a omissão de pormenores visto que muitas destas obras foram escritas muitos anos depois (TERENAS, 2000: 38).

e)Um aspecto interessante é o de “documentos/narrativas em segunda mão” onde um narrador descreve os acontecimentos que o “outro” contou (TERENAS, 2000: 38-39). Nunca saberemos até que ponto o texto corresponde realmente ao que foi contado. Este tema parece-nos levar ainda para a existência de documentos onde as descrições têm uma aparência de romance.

Em suma as fontes escolhidas, primárias, secundárias ou auxiliares gozaram de escrutínio crítico e sempre que possível os acontecimentos foram comparados entre diferentes obras.

I.3.2. Detetor de Metais: Metodologia de Prospeção Geofísica de um Setor do Campo de Batalha

Para a prospeção da área designada para a intervenção arqueológica recorreremos à metodologia de utilização de detetor de metais. Este equipamento permite através da indução de um campo magnético, localizar alvos metálicos enterrados. Esta metodologia aplicada à arqueologia iniciou-se nos anos 80 do século XX, nos Estados Unidos da América com o Campo de Batalha de Little Big Horn⁹ (SCOTT, 1989) e na Alemanha com a localização do Campo de Batalha de Kalkriese¹⁰ (CLUNN, 2005). Desde então tornou-se ferramenta essencial da *Battlefield Archaeology*. Noutros contextos, nomeadamente de arqueologia subaquática, a utilização do detetor de metais tem sido prática corrente¹¹.

A Arqueologia de Conflito ou de campo de batalha baseia-se na recolha e identificação de artefactos militares perdidos durante os confrontos, resultado quer

⁹ A utilização de detetores de metal aliado ao estudo do espólio resultou na desmistificação da batalha onde morreu o famoso General Americano George Custer.

¹⁰ Batalha entre Romanos e Germanos no ano 9. Um detetorista descobriu o rasto de destroços da batalha em 1987 e desde então esta metodologia tem reconstruído o conhecimento da batalha.

¹¹ Como exemplo os trabalhos realizados na Baía de Angra do Heroísmo (GARCIA, MONTEIRO e ALVES, 1999: 203).

dos duelos de espingarda, artilharia ou do combate corpo-a-corpo. Na grande generalidade os artefactos de tipologia militar são em metal¹² e o detetor mencionado surge como uma ferramenta essencial e lógica:

One of the most obvious legacies of a battle is the large number of metal artifacts dropped in its wake. Depending upon the period in which the battle was fought, these objects may include arrowheads, spearheads, swords, musket-balls, cannonballs and bullets, not to mention the buckles, buttons and badges torn from clothing and equipment during hand-to-hand fighting. Any archaeological study of a battlefield must therefore include the recovery and recording of this material, and the most practical way to do this is to use a metal detector (POLLARD e OLIVER, 2002: 111).

Os campos de batalha da Idade Moderna tendem a cobrir enormes áreas de terreno devido às táticas da época e ao grande número de combatentes presentes. Esta situação leva a um cenário arqueológico de grande dispersão horizontal de artefactos em área com existência de zonas de maiores concentrações onde os combates terão sido mais intensos.

Os sítios designados campos de batalha podem apresentar diferentes tipologias no que diz respeito à natureza da ação. De facto uma batalha pode ser tipificada como: em campo aberto, onde os exércitos se confrontam; em campo aberto com a variante da preparação prévia do terreno¹³ e de tipologia de cerco/sítio, onde os exércitos alteram o espaço físico no desenrolar da ação construindo trincheiras, baluartes, minas, acampamentos permanentes, etc.

Abordando as fontes documentais podemos inserir a Batalha do Vimeiro na tipologia de campo de batalha em campo aberto sem intervenção física no terreno, resultado possivelmente de um campo de batalha acidental¹⁴. A única intervenção humana na geografia da área de batalha pode traduzir-se na abertura de valas comuns para deposição das vítimas dos combates.

¹² Embora não seja a totalidade. Em conflitos com recurso a cerco é possível encontrar materiais ligados ao dia-a-dia em cerâmica, cachimbos ou vestígios construtivos como trincheiras, baluartes, etc.

¹³ O caso de Aljubarrota onde há uma escolha e preparação do terreno com valas e covas de lobo.

¹⁴ Sir Arthur Wellesley pretendia no mesmo dia marchar para Mafra e aí dar batalha aos Franceses.

A utilização do detetor de metais no contexto de campos de batalha permite ao arqueólogo poupar muito tempo, na localização das realidades arqueológicas. De facto a escavação em área referenciada em sistema de quadrículas por toda a zona de conflito seria impeditivo pelo tempo e esforço humano despendidos:

A more precise method of evaluating a site is by carefully excavating squares, typically 5' x 5' or 1m x 1m. The soils are carefully removed with trowels or flat shovels and the locations of artifacts are precisely recorded. This method is not practical due to the large areas covered by battles. A typical battlefield would require excavating thousands of squares. However this technique is very useful in evaluating siege warfare sites in which the battle takes place in a fixed location such as in a fort, trenches or specific buildings (SIVILICH, 2005: 74).

Após implantação do sistema de quadrículas para prospeção foram as áreas alvo de um rastreio sistemático e minucioso, tendo em conta um plano pré definido. A aplicação de uma rede de corredores subdividindo quadrículas principais (20m x 20m) de modo a que o sensor cobrisse 100% das áreas. Abordaremos melhor este assunto no capítulo dedicado à Intervenção Arqueológica.

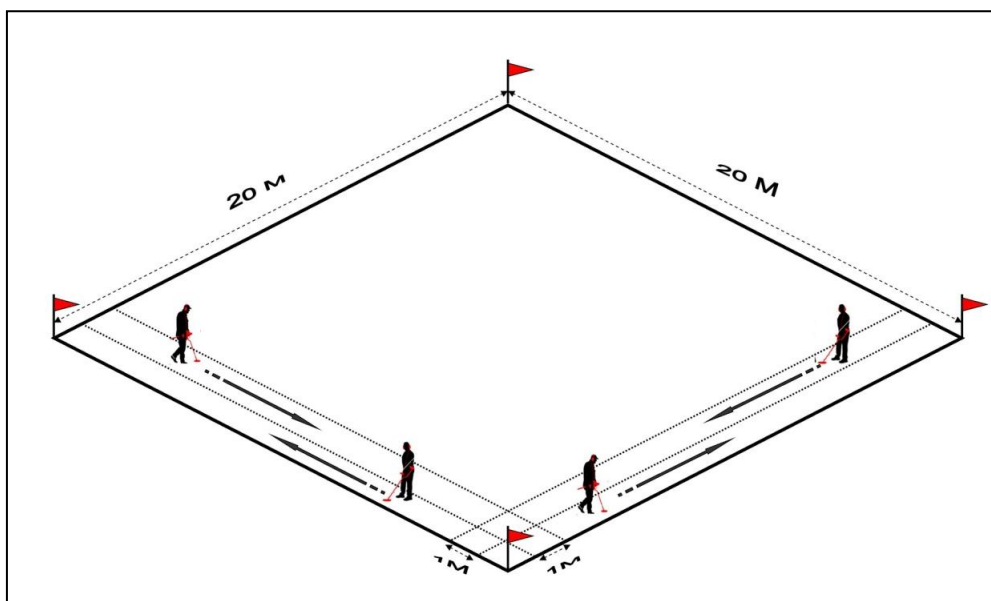


Figura 3 – Metodologia de aplicação prática do detetor de metais no Vimeiro. Esta metodologia teve como objetivo a cobertura de 100% das áreas designadas. Desenho do autor.

I.3.3. Georreferenciação por *Global Position System*

Para a georreferenciação de cada artefacto relacionado com a batalha foi utilizada uma estação portátil de Global Position System (GPS). Capazes de uma precisão aceitável em trabalhos de prospeção arqueológica (PLANAS, 2004: 10) são cada vez mais indispensáveis ao arqueólogo e têm vindo a assumir um papel fundamental em diversos projetos de estudo de campos de batalha (SUTHERLAND, 2005: 27).

Os aparelhos GPS, ditos portáteis, permitem assegurar coordenadas bastante aproximadas da realidade quando reunidos diversos fatores: Campo aberto, sem interferências de árvores altas ou edifícios, número de satélites e seu posicionamento espacial¹⁵, qualidade do aparelho, etc. No caso concreto do Vimeiro parece termos beneficiados de uma receção máxima de satélites, devido à área designada para os trabalhos arqueológicos encontrar-se em campo aberto.

Para a melhor precisão possível a estação GPS foi colocada em posição fixa junto dos artefactos arqueológicos, durante um período de 20 minutos o que permitiu uma reduzida margem de erro¹⁶. Os valores foram confirmados com uma nova verificação recorrendo a um outro terminal GPS.

Foram atribuídos a todos os artefactos coordenadas através de uma estação portátil *Garmin Series 60* Geographic Position System. A informação recolhida foi posteriormente inserida num Sistema de Informação Geográfica (SIG) com o objetivo final da georreferenciação em plantas de dispersão de artefactos relacionados com a batalha.

¹⁵ Também a disponibilidade de estações permanentes, no caso Português RENEP-Rede Nacional de Estações Permanentes.

¹⁶ Segundo os dados fornecidos pela estação.

Capítulo II: Enquadramento Histórico

II.1. A Arqueologia de Campos de Batalha

Arqueologia de Campos de Batalha com a denominação original de *Battlefield Archaeology*, tem-se tornado um novo ramo da disciplina de arqueologia. Os resultados obtidos pelos trabalhos realizados no campo de Batalha de Little Big Horn, Estados Unidos da América em 1876 descrita pela literatura como um exemplo de batalha heroica, trouxeram à luz uma imagem bem diferente da que foi estabelecida pelas lendas, historiadores e pela indústria cinematográfica (SCOTT, 1987). Estes trabalhos iniciados na década de 80 do século XX¹⁷ levaram a outros arqueólogos a questionar a informação contida na documentação histórica e procurar no espaço geográfico dos campos de batalha realidades “escondidas”. Nas últimas três décadas assistiu-se a uma crescente número de trabalhos arqueológicos em diversos campos de batalha no contexto internacional (SILBERMAN, 2012: 191), por exemplo:

Nos Estados Unidos da América das dezenas de campos investigados referenciamos: 1876 - Little Big Horn (SCOTT, 1987); 1776 - Monmouth (SIVILICH, 2005: 72-85); 1780 - Budford's (BUTLER, 2011); 1846 - Palo Alto (HAECKER, 1994); 1836 - San Jacinto (MOORE, 2009).

Na América Latina¹⁸: Uruguai: 1807 - San Pedro¹⁹ (PEREIRA e FRENANDEZ, 2009); Brasil: 1827 – Ituzaingó²⁰.

Na Europa exemplos como: Reino-Unido: 1403 – Shrewsbury; 1471 – Barnet; 1513 – Flodden; 1642-1646 – Newark (POLLARD e OLIVER, 2002); 1746 - Culloden (POLLARD, 2011); 1314 - Bannockburn (URBANOS, 2014: 18); Áustria: 1809 – Aspern (BINDER e OBERTHALER, 2014: 26-31); Alemanha: 9 A.D. – Teutoburgo (CLUNN, 2005); França: 1916 – Fromelles; 1917 – Somme; Ucrânia: 1649 - Zboriv (COOKSEY, 2005).

¹⁷ Que atualmente continuam a ser realizados.

¹⁸ Projeto *Campos de Honor* que integra Universidades do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina.

¹⁹ A única Batalha das Guerras Napoleónicas travada no Continente Americano.

²⁰ In Jornal “A Retoma” nº12 de 2012, Órgão de Divulgação das Atividades da academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Africa do Sul: Guerra dos Zulus (1876), batalha de Isandlwana (POLLARD, 1999: 6-8).

A importância do estudo dos campos de batalha, para além de todo o conhecimento que daí advenha, é em último caso a sua proteção para as gerações vindouras. A forma de proteção destes espaços foi ao longo das gerações anteriores a criação de um pequeno espaço dentro do espaço total do acontecimento, colocando um memorial ou monumento. Este espaço de memória apenas protege em conformidade com a lei ou não, apenas uma pequena área envolvente, estando o espaço geográfico do acontecimento (zonas de combate, acampamentos, hospitais de campanha, valas comuns, etc.) recetivo à destruição pelo fator desenvolvimento. A importância da arqueologia de campo de batalha é, a nosso ver, o primeiro passo para a proteção destes locais históricos – Conhece-los, redescobrimos dando-os a conhecer é protegê-los para o futuro (FILIPE, 2015).

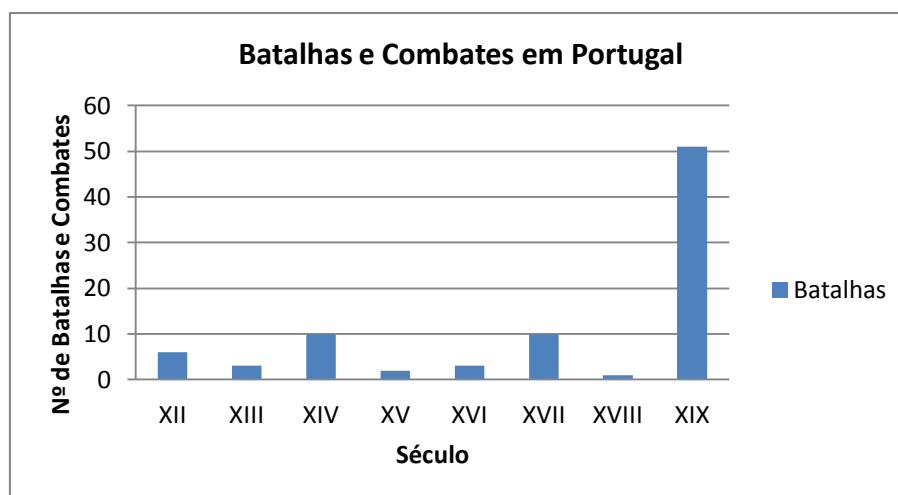
II.2. O Caso Português – Panorama Geral

Quantos campos de batalha em território Português encontram-se preservados ou protegidos? Quantos estão estudados com recurso à arqueologia?

Numa estimativa provisória, identificámos no seguinte gráfico as ações de combate ou batalha em território Nacional em campo aberto²¹ desde a Nacionalidade até ao fim das Guerras Liberais²²:

²¹ À data dos acontecimentos.

²² Gráfico construído com base principalmente na recolha feita por Carlos Selvagem (SELVAGEM, 1999).



Da recolha possível de dados informativos, os campos de Batalha Portugueses que beneficiaram de estudos arqueológicos foram²³:

Aljubarrota (1385), com trabalhos realizados pelo Coronel Afonso do Paço na segunda metade do século XX (PAÇO, 1959: 35-51), pela Dr.ª Helena Catarino em 1999 (CATARINO, 2003: 253-265) e mais recentemente pela Dr.ª Maria Antónia Amaral anos 2005, 2006 e 2007. O novo Centro de Interpretação conservou no seu interior parte de fosso resultante dos trabalhos arqueológicos. O campo de batalha está ao cuidado da Fundação Batalha de Aljubarrota que tem vindo a promover a importância dos campos de batalha. O local é Monumento Nacional.

No Campo de Batalha de Atoleiros (1384) foi feito um trabalho de levantamento dentro do projeto de Levantamento Arqueológico do Concelho de Fronteira (PNTA/2000) onde foram identificados possíveis pontos-chave da batalha.

Trancoso (1385) não propriamente ao campo da peleja mas à identificação de vestígios da primitiva capela de São Marcos, situada próxima e mandada incendiar por D. Juan I (ATHAÍDE et al., 2006: 75-85).

Ponte de Misarela (1809): trabalhos de arqueologia subaquática aos destroços do combate ali travado durante a retirada do General Francês Soult²⁴.

²³ Incluímos desde já os trabalhos realizados no Vimeiro.

²⁴ Comunicação pessoal do Dr. Alexandre Monteiro no I Encontro sobre Arqueologia e Museologia das Guerras Napoleónicas em Portugal, 2014.

Fortaleza de Almeida (1810): Escavações nas ruínas do castelo medieval que explodiu durante o cerco efetuado pelos Franceses em 1810²⁵.

Para além destes devemos também salientar alguns dos trabalhos arqueológicos em conexão com a arqueologia de campo de batalha, mas que não se inserem diretamente sobre os espaços geográficos de peleja:

A Guerra fantástica (1762): Trabalhos arqueológicos realizados no Forte das talhadas em Proença-a-Nova (MONTEIRO e PEREIRA, 2008).

Guerra Peninsular: Vala Comum escavada no Convento de São Francisco em Coimbra onde foram identificadas inúmeras ossadas de soldados depositados em vala comum, possivelmente vítimas de ferimentos após internamento em hospital. Importante acervo de elementos de uniformologia militar²⁶.

Guerra Peninsular: Vários fortes que constituem o sistema defensivo das Linhas de Torres foram escavados pelos diversos municípios que constituem a PILT (Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres) com o apoio de investigação documental realizada pelos serviços de Engenharia do Exército Português (MASCARENHAS e BERGER, 2013).

II.3. A invasão de 1807 no âmbito da Guerra Peninsular

A Guerra Peninsular é um episódio fundamental das denominadas Guerras Napoleónicas. A entrada de Portugal no conflito encontra antecedentes no período das Guerras Revolucionárias auxiliando a causa monárquica Francesa.

A Revolução Francesa veio criar um sentimento de terror no seio das monarquias europeias, incrementado pelo trágico acontecimento da decapitação de Luís XVI em 1793, o que as levou à declaração de guerra aos revolucionários, tendo em vista o auxílio militar das forças monárquicas a restabelecerem a ordem divina.

²⁵ Comunicação pessoal do Dr. André Teixeira no I Encontro sobre Arqueologia e Museologia das Guerras Napoleónicas em Portugal, 2014.

²⁶ Dados recolhidos *online* na página da empresa de arqueologia responsável pelos trabalhos – Dryas, Arqueologia e Património.

É criada uma Coligação armada para invadir a França e destruir os exércitos revolucionários, Coligação que durou de 1792 a 1797 juntando os esforços militares e diplomáticos da Áustria, Espanha, Prússia e Reino Unido, arrastando os seus aliados, nos quais se incluía Portugal (VICENTE, 1995: 12).

Em Portugal o Príncipe D. João substituía sua mãe a Rainha D. Maria I nas decisões de Estado, assumindo o papel de Regente do reino a partir de 1792²⁷. No ano seguinte Portugal assume uma posição hostil à França aliando-se à Espanha e Inglaterra com tratados militares de auxílio mútuo.

Esta situação arrastou Portugal para o conflito armado em duas frentes: a Campanha do Rossilhão e da Catalunha (1793 -1795) e no Mar Mediterrâneo. Para a expedição militar, Portugal contribuiu com uma força auxiliar de cerca de 6.000 homens para unir-se aos Espanhóis que participaram em várias ações, embora a campanha tenha culminado numa derrota para as tropas Luso-espanholas. A situação degradou-se quando a Espanha acordou com a França a Paz de Basileia²⁸ tendo Portugal na situação incómoda de tornar-se inimiga da Espanha e França (NEVES, 2008: 20).

Para o Mediterrâneo é enviada em 1798 uma armada comandada pelo Almirante Marquês de Niza com o intuito de colaborar com as forças navais Inglesas. Portugal cumpria o acordo firmado com a Inglaterra, auxiliando-a na perseguição naval às forças francesas em Campanha no Egito sob o comando de Napoleão.

Portugal envolvia-se diretamente na guerra com a França, embora diplomaticamente o Governo do Príncipe Regente tenha demonstrado uma postura ambígua e evasiva tanto às exigências Francesas bem como às Britânicas.

A ascensão ao poder por parte de Napoleão Bonaparte vai levar a um crescente número de atos de modo a dismantelar a hegemonia comercial Inglesa na Europa. A Espanha invade Portugal em 1801, com instruções de Paris para encerrar os portos Portugueses ao trato com os Britânicos. A rápida campanha militar, denominada Guerra das Laranjas, levou o Príncipe Regente D. João a assinar um tratado de paz onde acordava no encerramento dos portos Portugueses ao comércio Britânico. Este

²⁷ A Rainha foi declarada incapaz de governar devido a doença do foro psicológico.

²⁸ Assinado a 22 de Julho de 1795. É o prelúdio para a Guerra das Laranjas em 1801.

facto não é consumado, conseguindo ainda assim o Governo do Reino evitar as consequências até 1807 (VICENTE, 1995: 17).

Após a Batalha de Trafalgar (1805) e derrota da Armada Franco-espanhola, Napoleão adia o plano de uma invasão marítima do Reino Unido o bloqueio de todos os portos Europeus impedindo a entrada de produtos ingleses – Bloqueio Continental. Pensava assim Napoleão que a Inglaterra seria obrigada a recorrer a um tratado vantajoso para o Império Francês.

Em 1807 Portugal é confrontado com um ultimato Francês que obrigava a que definitivamente D. João aderisse ao Bloqueio Continental. Por outro lado o Reino Unido com quem Portugal mantinha importantes relações a todos os níveis, ameaçava tomar medidas protecionistas apoderando-se de pontos-chave nas possessões Portuguesas além-mar.

A diplomacia Portuguesa conseguiu manobrar de modo a agradar a “Gregos e Troianos” mas em Novembro de 1807 a França passa das ameaças à ação enviando um exército sob o comando do General Jean-Andoche Junot, auxiliado por unidades várias Espanholas. Face a esta grave ameaça e de comum acordo com o Governo Britânico, a Família Real enceta uma retirada estratégica para o Brasil, visto esperar-se que o Exército Português pouco podia fazer frente aos exércitos veteranos de Napoleão.

Inicia-se então a Guerra Peninsular que irá prolongar-se até 1814, embora neste trabalho só analisaremos em traços gerais a Invasão de 1807-1808.

Jean-Andoche Junot foi escolhido por Napoleão como General em Chefe da expedição a Portugal, o seu exército composto por cerca de vinte e cinco mil homens foi denominado por 1º Corpo de Observação da Gironda²⁹. Partiu de França no Outono de 1807 atravessando a aliada Espanha e transpondo a fronteira com Portugal a 19 de Novembro chegando a Lisboa a 30 de Novembro. A fuga da Família Real tornou infrutífero as duas das principais missões de Junot atribuídas por Napoleão: A captura da Família Real e a captura da Armada real fundeada no Tejo (VICENTE, 2007: 46-47).

O General francês e o seu Estado-Maior assumem o governo do Reino, “auxiliados” por um Conselho de Regência deixado pelo Príncipe Regente. As principais

²⁹ Chegados a Lisboa passou-se a chamar Exército de Portugal.

preocupações dos franceses durante o período da ocupação eram aniquilar os principais focos de comércio Inglês no território, recolha de contribuições para o Estado Francês, desmobilização do Exército Português (VICENTE, 2007: 48) e aparelhar os navios de linha que não puderam acompanhar a Corte ao Brasil para entrarem ao serviço da França (JUNOT, 2008).

Com o 1º Corpo de observação da Gironda entraram em Portugal, também, diversas forças espanholas perfazendo um total de forças invasoras em cerca de cinquenta mil soldados. Este facto agudizou o crescente espírito revoltoso por parte da população Portuguesa. Em Espanha as medidas de aliança vão permitindo à França introduzir em território Espanhol vastos contingentes militares e, como se verificou mais tarde, a colocar o irmão José Bonaparte no trono Espanhol (VICENTE, 1995: 19).

Estas ações em Espanha levaram a um levantamento contra os aliados/ocupantes franceses, que se iniciou em Maio de 1808, e que consequentemente vai chamar em seu auxílio as tropas Espanholas que ocupavam Portugal. Incentivados, os Portugueses aproveitam aquele facto para iniciar focos revoltosos onde podiam contra o ocupante Francês (VICENTE, 2007: 58-59). Todo o norte do Reino sob o comando do General Manuel José Gomes de Sepúlveda revoltasse. Porto, Bragança, Guimarães, Braga, etc., proclamam o Príncipe Regente sem oposição, aprisionando toda a pequena guarnição Francesa mais a norte, na cidade do Porto (NEVES, 2008: 245-252).

Também a sul se realizam movimentos de revolta. No Algarve e Alentejo, aproveitando as reduzidas unidades francesas, as principais cidades proclamam o Príncipe Regente (IRIA, 2010). Junot encontrava-se agora numa situação difícil, por um lado estava isolado, de Espanha não podia esperar reforços, nem por aí retirar, tinha apenas vinte e cinco mil homens para controlar todo o Reino, estando a maior parte aquartelados nos fortes ao longo do Tejo, impedindo um possível desembarque Britânico. O receio de Junot tornou-se realidade quando os ingleses, vendo nas revoltas Peninsulares uma oportunidade de combater os franceses, enviam Sir Arthur Wellesley, o futuro Duque de Wellington, com um corpo expedicionário de catorze mil homens (GURWOOD, 1835: 8, 30-35).

Após a recusa de ajuda militar por parte do norte de Espanha, a frota Inglesa desembarcou o contingente na praia de Lavos, Figueira da Foz³⁰, durante os primeiros dias do mês de Agosto de 1808. Sir Arthur Wellesley já havia reunido com o Bispo do Porto, tendo este prometido toda a ajuda possível na campanha. Após o desembarque de Lavos o General Inglês reuniu com o General Bernardim Freire de Andrade, Comandante do Exército Português em revolta, para delinear a melhor estratégia (NEVES, 2008: 479-480).

O exército Português aproximava-se dos nove mil homens (CHARTRAND, 1808) estando muito debilitado, faltando de tudo: armas, víveres, equipamentos, cavalos, etc. Do encontro entre os dois Generais acordou-se que Bernardim forneceria aos ingleses um contingente de cerca de dois mil homens, aos quais os ingleses forneceria armas e mantimentos ficando sob o comando do Coronel Nicholas Trant. Surgiu deste modo o exército Luso-britânico ou Anglo-luso.

Sir Arthur Wellesley seguiu para sul sempre junto ao mar, de modo a receber mantimentos da frota Inglesa, tendo Bernardim permanecido na região de Leiria e depois marchado na retaguarda dos ingleses. Aos portugueses coube ainda a tarefa de isolar as guarnições de Elvas, Almeida e Peniche.

Junot tinha grande parte do seu exército empregue na segurança de Lisboa, o restante espalhado pelo sul tentava solucionar o problema dos revoltosos, ou seja não lhe seria possível reunir de imediato a totalidade do exército para fazer frente às forças Britânicas. Conhecedor do desembarque em Lavos e que as forças Luso-Britânicas marchavam para sul, O General Francês enviou o General Delaborde com uma pequena força de modo a atrasar a reconhecer o inimigo e, se possível, atrasar a sua progressão. A 15 de Agosto deu-se uma pequena escaramuça entre unidades de reconhecimento de ambos os exércitos, perto de Óbidos³¹, mas é na Roliça onde se trava um combate em maior escala (CHARTRAND, 2001: 48).

A 17 de Agosto de 1808 o exército Luso-Britânico atacou as posições defensivas do General Delaborde, primeiro na aldeia da Roliça e depois nos altos da Columbeira.

³⁰ O forte de Santa Catarina que guarda o local a baía havia sido tomado por forças Portuguesas.

³¹ Combate de Óbidos ou de Brilos.

Sir Arthur Wellesley viu-se obrigado a manobrar o exército aliado em terreno desvantajoso mas obrigando com sucesso o pequeno contingente francês³² a retirar.

Após a vitória Wellesley marchou novamente para sul, junto à costa, tendo sido informado que novos reforços enviados em seu auxílio, estavam prestes a desembarcar. Um reforço de quatro mil soldados sob o comando dos Generais Anstruther e Acland procuraram desembarcar em Peniche mas a fortaleza estava em poder dos franceses o que impossibilitou a ação. O local escolhido foram as pequenas baías de Paimogo, Lourinhã e Porto Novo local onde desagua o Rio Maceira perto da localidade de Maceira e Vimeiro. Sir Wellesley assegurou a segurança dos desembarques colocando o seu exército nas colinas a norte do Vimeiro em posição defensiva tendo o desembarque durado os dias 19, 20 e ainda parte do dia 21 (OMAN, 1902: 248). No dia da batalha, o exército aliado rondaria os dezanove mil homens (CHARTRAND, 2001: 92).

Sir Arthur Wellesley tencionava marchar para sul se possível em direção a Maфра ou Ericeira, avançando sobre Lisboa (GURWOOD, 1835: 91). Em todo o caso adotou no Vimeiro um conjunto de medidas defensivas caso fosse aí atacado.

Junot saiu de Lisboa com todas as tropas disponíveis³³ marchando para norte em direção da vanguarda aliada, acantonando no dia 18 em Torres Vedras (VICENTE, 2007: 62). É nesta cidade que os franceses efetuam a reunião de todas as forças disponíveis para enfrentar o exército Luso-britânico. O General Junot reúne-se com as unidades do General Loison e os sobreviventes da Batalha da Roliça, sob o comando de Delaborde (NEVES, 2008: 494). O exército Francês rondaria agora cerca de catorze mil homens o que Junot julgava ser suficiente para vencer os Aliados, julgando sempre que o exército de Sir Wellesley teria o mesmo número daquele que Delaborde enfrentara na Roliça.

³² O número difere de fonte para fonte. Podemos considerar cerca de quatro mil homens (CHARTRAND, 2001: 91).

³³ Foi obrigado a deixar em Lisboa uma força considerável tanto para guardar a população como para guarnecer as várias fortalezas do Tejo de forma a impedir o desembarque de tropas pela armada Inglesa que permanecia no Tejo.

Na noite de 20 para 21 de Agosto, Junot com o seu exército, marchou pela estrada Torres Vedras – Lourinhã³⁴, na esperança de encontrar o exército Luso-Britânico (CHARTRAND, 2001: 63).

II.4. A Batalha do Vimeiro

A aldeia do Vimeiro situa-se nas encostas da Colina com o mesmo nome, nas margens do Rio Alcabrichel rodeado ainda pelas Ribeiras de Toledo e dos Caniçais. Em torno da Colina estende-se uma área plana, o que torna a colina numa pequena “ilha”. Estas características tornaram-na numa posição ideal para defesa. A Nordeste encontra-se uma barreira de colinas encimadas pelas localidades de Fonte de Lima, Ventosa e Pregança. A Noroeste outra barreira de colinas denominadas por Pitagudo. A cortar esta cadeia de alturas está uma estreita passagem que leva ao mar e por onde passa o Rio Alcabrichel, sendo acompanhada pela estrada da povoação da Maceira que dá acesso ao mar na Baía de Porto Novo³⁵ (Carta Militar Portuguesa, folha 361).

Estas características pareciam ideais para uma situação de defesa para Sir Wellesley, por um lado uma área protegida para os desembarques de tropas e equipamentos, por outro as alturas permitiam criar grandes pontos de defesa.

Esta posição permitia ainda observar, até grande distância, os dois caminhos de acesso através do Sul ao Vimeiro: Torres Vedras /A-dos-Cunhados/Vimeiro e Torres Vedras/ Carrasqueira/Vimeiro. O que permitiam localizar qualquer avanço Francês em tempo suficiente para que Sir Arthur Wellesley pudesse manobrar as tropas Aliadas para posições mais vantajosas, o que realmente veio a suceder.

O exército Luso-britânico esperava que Junot marcha-se pela estrada de A-dos-Cunhados colocando numa primeira fase as tropas aliadas concentradas no Vimeiro e nas Alturas do Pitagudo, mas no dia 21 de Agosto o exército Francês foi localizado a marchar pela estrada de Torres Vedras/Lourinhã o que levou o General Britânico a retirar parte das tropas estacionadas no Pitagudo e coloca-las em Fonte de Lima e

³⁴ Hoje Estrada Nacional nº8.

³⁵ Os Ingleses atribuíram a Porto Novo o nome de *Maceira Bay*.

Ventosa. Assim a Colina do Vimeiro tornou-se na prática a ala direita dos aliados e Fonte de Lima/Ventosa a ala esquerda³⁶. Foi nestas posições que Junot encontrou as tropas aliadas no dia da batalha, atacando primeiro a sua ala direita (OMAN, 1902: 253).

O plano de Junot era quebrar as defesas inglesas, de modo que os Luso-britânicos ficassem encurralados entre o exército Francês e o Oceano Atlântico.

II.4.1. O Combate da Colina

O General Junot efetuou um rápido reconhecimento, identificando duas posições - chave: A Colina do Vimeiro e as Alturas da Ventosa (OMAN, 1902: 253).

Deste modo Junot dividiu as suas tropas em duas forças separadas sendo a primeira para atacar diretamente a colina do Vimeiro, com cerca de seis mil soldados de Infantaria, sob o comando dos Generais Kellerman, Charlot e Thómiers, com o apoio de alguma cavalaria e artilharia.

Para defesa da Colina Wellesley colocou os Generais Fane e Anstruther, com cerca de cinco mil infantes e várias peças de artilharia, tendo ocupado ainda as colinas em frente com unidades de Infantaria Ligeira que formariam uma linha de observação e se fosse caso, para atrasar a progressão do inimigo em direção ao Vimeiro.

Foram estas unidades que, pela manhã, iniciaram a batalha disparando contra as primeiras unidades francesas que surgiram defronte à colina do Vimeiro (OMAN, 1902: 252).

Como previsto os Franceses surgiram defronte da Colina do Vimeiro, a sudeste, atacando de imediato os batedores Britânicos e perseguindo-os em direção à colina. A artilharia britânica, posicionada no alto da colina, iniciou o bombardeamento sobre as colunas francesas (CHARTRAND, 2001: 72).

³⁶ Na realidade a colina do Vimeiro seria o centro visto que o General Hill com algumas tropas ficou posicionado o mais à direita no Pitagudo, mas estas forças não foram utilizadas.

Os Generais Franceses realizaram vários ataques à colina avançando em formação de coluna de modo a progredirem no terreno mais rapidamente, mas limitando o seu poder de fogo visto que apenas a primeira linha de soldados podia disparar. Os ingleses formados em linha podiam disparar salvas de centenas de espingardas contra as poucas dezenas que a formação em coluna permitia. A intenção das Colunas Francesas seria avançar rapidamente e quebrar as linhas inglesas, com o choque ou transformarem a coluna em linha podendo realizar um duelo de poder de fogo (agora com um maior número de espingardas disponíveis) com os ingleses.

Foram realizados três ataques à colina sendo todos rechaçados, primeiro com fogo de artilharia, depois pelas salvas de tiro de espingarda e por fim por cargas à baioneta. Os vários Regimentos Britânicos no topo da colina, formados em linha, tiveram ainda a vantagem de poder manobrar podendo flanquear as formações Francesas (CHARTRAND, 2001: 72).

Numa tentativa desesperada para flanquear as unidades Britânicas na colina do Vimeiro, o General Kellerman, sob o comando de mil granadeiros decidiu não atacar diretamente a colina mas contorna-la, entrando na povoação do Vimeiro, e seguindo o caminho de acesso ao topo, surpreendendo-os de flanco (CHARTRAND, 2001:73).

II.4.2. O Combate da Igreja de S. Miguel

O progresso dos granadeiros de Kellerman foi observado pelo General Anstruther que ordenou à artilharia da Colina do Vimeiro para disparar sobre estes, enquanto ordenava a algumas unidades para a descerem à povoação, de modo a providenciarem a sua defesa. Os ingleses ocuparam a Igreja que, em cima de uma pequena elevação sobranceira à estrada, elevava-se dos demais edifícios do núcleo urbano. Os ingleses tomaram esta posição tornando-a numa fortaleza improvisada, utilizando os muros exteriores como baluarte (FILIPE, 2011).

Os granadeiros iniciaram o avanço sobre a aldeia, pela estrada Toledo/Vimeiro, estando bastante expostos ao fogo dirigido da Igreja e das alturas de Fonte de Lima. O

General Acland ordenou a parte das forças colocadas na esquerda Aliada para descenderem e flanquearem esta progressão Francesa. Os granadeiros apesar das baixas conseguiram chegar à povoação, onde envolveram-se em combates corpo a corpo no largo da Igreja. Este ataque solda-se em fracasso e Kellerman é obrigado a recuar pela estrada e engrossar a retirada geral dos sobreviventes Franceses, que desde manhã cedo, haviam sido empregues no ataque geral à colina (OMAN, 1902: 256).

Estas forças foram ainda perseguidas por uma carga de cavalaria aliada, composta por 250 cavaleiros Ingleses do 20º Regimento de *Light Dragoons* e 250 cavaleiros, de vários Regimentos Portugueses e Real Policia de Lisboa. Esta carga percorrendo uma grande distância das linhas de infantaria sofreu um contra-ataque por parte dos Franceses, levando os cavaleiros aliados a recuar com pesadas baixas (CHARTRAND, 2001: 76).

II.4.3. O Combate da Ventosa

Junot havia resolvido dividir o seu exército em duas frentes de combate, a primeira como já constatamos para atacar a colina do Vimeiro e a segunda para atacar o flanco esquerdo, localizado nas alturas de Fonte de Lima e Ventosa.

Para esta manobra Junot destacou o General Brenier com infantaria, artilharia e algumas unidades de cavalaria e já em marcha Junot reforçou este ataque enviando também o General Solignac. Embora estas duas forças conjuntamente formassem uma frente de batalha importante a verdade é que Brenier e Solignac quer por razões estratégicas, quer por falta de comunicação optaram por progredir em direção às alturas da Ventosa por dois caminhos diferentes. O General Brenier seguiu pela estrada da Lourinhã, numa manobra de flanqueamento que o levou a deslocar-se demasiado à direita dos aliados na Ventosa. Por outro lado Solignac avançou diretamente sobre a Ventosa e mesmo partindo depois de Brenier chegou em primeiro ao local designado (CHARTRAND, 2001: 77).

A hoje povoação da Ventosa era à data da Batalha uma quinta (CHARTRAND, 2001: 76) foi ocupada pelos Franceses, sem oposição dos aliados a não ser alguns

soldados de Infantaria Ligeira. Apercebendo-se que Brenier não chegara, ficou momentaneamente isolado e foi surpreendido por uma enorme massa de Infantaria Britânica que marchava resolutamente em sua direção e que após um breve combate o derrotou (OMAN, 1902: 259).

Enquanto as tropas Britânicas perseguiam as unidades do General Solignac, surgiu no flanco esquerdo o General Brenier que finalmente alcançara a Ventosa apanhando os Ingleses desprevenidos por momentos. Refeitos da surpresa e com o apoio de mais tropas inglesas chegadas entretanto ao local bateram os Franceses, ferindo e capturando o próprio General Brenier (OMAN, 1902: 259).

As tropas Portuguesas, sob o comando do Coronel Nicholas Trant, foram enviadas nesta fase para apoiar a defesa da Ventosa e não sabemos se tomaram parte nestes combates.

Os dois grandes ataques franceses haviam falhado e todo o exército Francês retirava para as posições iniciais. Para Junot o cenário geral era agora muito complicado. Reunindo com o seu Estado-Maior, avaliando as condições do seu exército e vendo que o inimigo não tomava a iniciativa de contra-atacar decidiu retirar as suas tropas (CHARTRAND, 2001: 81).

Por outro lado pôde constatar que os Aliados eram superiores em tudo e que haviam usado apenas parte das tropas disponíveis. Por outro lado o exército Português, sob o comando do General Bernardim Freire de Andrade, marchava de Óbidos a caminho do Vimeiro (PACHECO, 1809: 602).

II.4.4. Mudanças no Comando Britânico e Armistício

Sir Arthur Wellesley preparava-se para dar ordem para perseguir o inimigo quando foi substituído no comando por Sir Harry Burrard, sendo seu superior hierárquico e mais cauteloso ordenou a suspensão do ataque. Ainda no dia seguinte, 22 de Agosto, Sir Burrard foi substituído por Sir Hew Dalrymple aumentando a demora de atuação perante a situação presente (OMAN, 1902: 263).

Sir Arthur Wellesley, o justo vencedor da batalha, via agora que nenhum dos novos Comandantes do exército Luso-britânico aproveitava o momento à procura da vitória definitiva e como resultado, os Franceses retiraram em boa ordem em direção a Torres Vedras e Lisboa.

Junot sabia que não podia sobreviver a outro confronto em campo aberto e vendo que o exército Aliado não tomava a iniciativa de perseguição, enviou o General Kellerman para negociar uma rendição com termos favoráveis. Recebido pelo Estado-maior Britânico no Vimeiro, Kellerman foi feliz na constituição dos artigos do armistício, conseguindo um acordo bastante benéfico para um exército que apenas algumas horas havia sido batido no campo de batalha. Deste encontro resultou em termos gerais os artigos que iriam constituir a famosa Convenção de Sintra, acordo polémico não só pelos portugueses não terem tido sido consultados, mas também por tratar-se uma derrota diplomática por parte das altas patentes militares britânicas. Em troca da suspensão das armas foi permitido aos franceses o transporte para território Francês em navios Ingleses, com armas, cavalos, artilharia e todo os valores saqueados em Portugal que podiam carregar (VICENTE, 1995: 21).

Sir Arthur Wellesley, que não participou de forma prática neste acordo foi mais tarde chamado a Inglaterra, juntamente com o Sir Burrard e Sir Dalrymple para responder a um inquérito relativo ao acordo Convenção de Sintra. Sir Arthur Wellesley afastado de qualquer culpa em relação à vergonhosa ação diplomática, tornou-se uma autoridade em assuntos Peninsulares (CHARTRAND, 2001: 85) voltando à Península para comandar o exército Luso-Britânico após a campanha de Sir John Moore.

O número de baixas terá sido de cerca de mil para os Aliados e dois a três mil para os Franceses.

Ordem de Batalha (Apêndice I)

Iconografia da batalha (Apêndice II)

II.5. A Arte da Guerra – Organização dos Exércitos, Armamento e Táticas ao Tempo das Invasões Francesas – Aspetos Gerais

De modo a interpretar a arqueologia de uma batalha, do período Napoleónico, torna-se necessário perceber a arte da guerra à época. Impõe-se ao arqueólogo no caso específico em estudo, um conhecimento das doutrinas militares em voga à época, tendo em vista relacionar a informação obtida pela dispersão de objetos no campo de batalha que se deve muito às movimentações e táticas militares, em voga, permitindo em última análise interpretar a batalha através dos seus despojos.

Não tendo este trabalho um cariz teórico acerca do estudo profundo da evolução das táticas de guerra pretende-se uma abordagem, mais sintética e geral da arte da guerra do período Napoleónico. A organização e forma de como fazer a guerra táticas foram resultantes das experiências iniciadas em França e continuadas por Frederico II (1712-1786) da Prússia, na forma da utilização de formações lineares apostando num aumento da capacidade de fogo sobre o inimigo ao invés de uma resolução pelo choque.

II.5.1. Organização do Exército

A organização dos exércitos baseava-se principalmente nas três Armas: Infantaria, Cavalaria e Artilharia organizados em Regimentos numerados de 1 a X. À época os Regimentos Britânicos, Franceses e Portugueses eram, de grosso modo, organizados em um ou mais Batalhões, podendo o seu número variar entre dois a cinco Batalhões *de guerre*, sendo que um funcionava como base de recrutamento e treino de tropas estando acantonado no Quartel do Regimento (HAYTHORNTHWAITE, 1983: 4).

Cada Batalhão era constituído por um certo número de Companhias³⁷, e por sua vez as companhias variavam entre 100 a 120 soldados. Esta organização era válida para as Três Armas, Infantaria, Artilharia e Cavalaria. Estes últimos tinham cerca de metade dos efetivos dos outros, na proporção que um cavaleiro valia por vários infantes.

No caso da Infantaria as Companhias eram ainda organizadas por “especialidade”, por exemplo no caso Francês, uma companhia de Granadeiros³⁸, uma companhia de *Voltigeurs*³⁹ e as restantes de Fuzileiros⁴⁰ (HAYTHORNTHWAITE, 1983: 4).

O Exército Britânico comportava ainda alguns Regimentos ditos especiais como os *Riflemens* (Regimento 95º) e os *Royal American* (Regimento 60º), unidades treinadas para ações de desgaste, manobras rápidas e escaramuças. Normalmente iniciavam os confrontos estando na vanguarda das tropas de linha tendo a vantagem ainda de estarem armados com a única arma de cano estriado presente na Guerra Peninsular, a carabina Baker. Esta arma embora de fecho de pederneira tinha uma total vantagem em alcance quando comparada com as espingardas regulamentares de alma lisa, podendo atingir alvos com o dobro da distância (SILVA e REGALADO, 2010: 148).

Organização alargada do Exército em campanha:

Uma divisão era composta por duas ou mais Brigadas; uma Brigada comportava dois ou mais Regimentos; cada Regimento tinha um ou mais Batalhões; cada Batalhão era composto por várias Companhias.

³⁷ No caso Francês 6 companhias por batalhão com 100 homens e no caso Britânico 8 companhias com 500 a 800 soldados.

³⁸ Companhia de Elite que comportava os melhores e mais experientes soldados.

³⁹ Soldados treinados como batedores que normalmente vão à frente e a uma certa distância do resto das unidades para detetar inimigos. Em combate vão libertando a frente de combate de atiradores inimigos, mascarando a força que marcha na sua retaguarda.

⁴⁰ Fuzileiro como soldado que usa o Fuzil.

II.5.2. Armas e Uniformes

A tecnologia no armamento ligeiro era o de fecho de pederneira. O mecanismo de disparo da arma estava dependente de uma pederneira que por choque na caçoleta criava faíscas que incendiavam a pólvora negra e faziam disparar a arma (Figura 4). Armas essencialmente com canos de alma lisa que disparavam projéteis esféricos de chumbo, de carregamento demorado, sendo a bala colocada pela “boca” ou seja por avancarga, podendo o soldado realizar cerca de dois a três disparos por minuto.

Quanto ao alcance:

A soldier's musket, if not exceedingly ill-bored (...) will strike the figure of a man at eighty yards, it may even at 100, but a soldier must be very unfortunate indeed who shall be wounded (...) at 150 yards, provided his antagonist aims at him (...) I do maintain (...) that a man was never killed at 200 yards, by a common soldier's musket, by the person who aimed at him (DARLING, 1970: 11).

Os Exércitos manobravam formações lineares cerradas⁴¹, permitindo ao inimigo uma considerável aproximação sendo os disparos disciplinados e coreografados, procurando rentabilizar ao máximo a capacidades destas armas.

A arma principal para o soldado de infantaria era a espingarda e sua baioneta de alvado reunindo os elementos de fogo e choque (SILVA e REGALADO, 2010: 33). O soldado de Cavalaria estava consideravelmente melhor armado: Duas pistolas, um sabre ou espada e uma clavina⁴². Os oficiais por norma estavam armados de arma branca. Todas as armas eram regulamentadas e fornecidas pelo Exército de modo a facilitar a reposição de peças e mais importante, uma regularização dos calibres das armas de fogo.

Os uniformes e restante equipamento eram também fornecidos pelo Exército, geralmente constituídos por camisa, casaca, pantalonas, polainas, barretina e sapatos (ou botas para cavalaria). Num período onde a comunicação em batalha era realizada

⁴¹ Ombro com ombro.

⁴² Carabina curta de uso exclusive pela cavalaria (SILVA e REGALADO, 2010: 209).

pelo campo de visão dos oficiais e pelos sons⁴³, onde os disparos de espingarda com pólvora negra criavam densas “neblinas”, havia a necessidade de controlar as tropas, de saber quem era quem na confusão dos combates. Exigia-se uniformes coloridos para que fossem vistos e facilmente identificadas as unidades. Assim cada Nação tinha as suas cores com diferenciações para as diferentes unidades. Por exemplo a Infantaria de Linha Britânica tinha casacas vermelhas, sendo a distinção Regimental feita pela cor da gola⁴⁴ e os Portugueses vestiam de Azul Ferrete⁴⁵ com as distinções regimentais nas golas e canhões (BRANCO, 2008: 13).

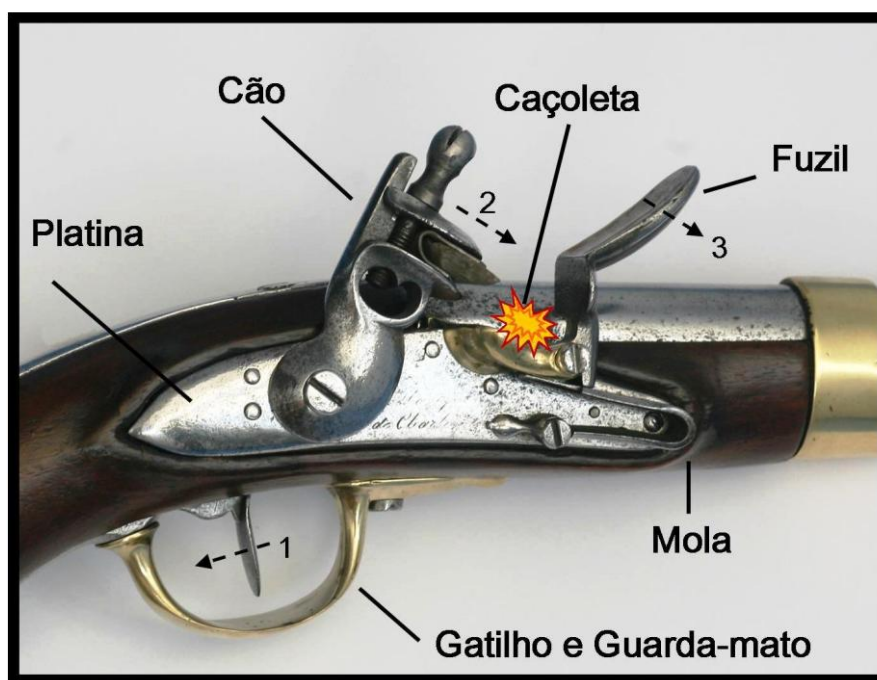


Figura 4 – Pormenor da Fecharia de Pederneira de uma pistola Francesa. A legenda apresenta os nomes das diversas peças constituintes. Ao carregar o gatilho (1), o Cão onde se encontra presa nos lábios uma pederneira (2), projeta-se sobre o Fuzil (3). Este em contacto com a pederneira produz um conjunto de faíscas que caem na Caçoleta. A Caçoleta é o recetáculo de uma pequena quantidade de pólvora negra, previamente colocada durante o carregamento e que comunica com a culatra através do ouvido, fazendo explodir a carga no interior do cano. Fotografia e desenhos do autor.

⁴³ Os tambores e corneteiros tinham a função de tocar melodias que transmitiam a ordem de manobra.

⁴⁴ Também no caso Português a distinção era pela gola e pelo “canhão” da casaca. Por exemplo o Regimento nº 19 de Cascais tinha gola amarela e canhão da mesma cor, enquanto o nº16 tinha gola e canhão vermelhos.

⁴⁵ Azul muito escuro ainda em uso pelos Fuzileiros de Marinha Portuguesa.

II.5.3. Tácticas

Como já referimos estas tácticas baseiam-se em formas lineares de modo a rentabilizar ao máximo as armas de fogo da época. Assim um Exército que pretendia defender uma posição formava uma longa linha de batalha e esperava o inimigo. Mantinha a posição sofrendo primeiro com o bombardeamento da artilharia inimiga e depois enfrentando o inimigo de frente. As tropas atacantes avançavam então ao som do tambor alinhadas ombro com ombro e geralmente com a baioneta calada debaixo do bombardeamento da artilharia defensora. Ao chegarem a 100 metros iniciavam uma marcha mais rápida. Os defensores abriam fogo a 50 metros, repetindo uma e outra vez e depois efetuavam uma carga à baioneta. Os atacantes se respondiam também com salvas mas o combate à baioneta normalmente era decisivo (DARLING, 1970: 10-11). Tradicionalmente é reconhecido que os Britânicos eram adeptos de formações em linha e os Franceses de formações em coluna. Na realidade o menor número de efetivos Britânicos ou Luso-britânicos em comparação aos Franceses em confronto nos campos de batalha da Guerra Peninsular⁴⁶ obrigou os Generais Britânicos à adoção geralmente da Linha estática em posição defensiva. Desta forma desgastavam-se as tropas Francesas com intenso bombardeamento na sua progressão, aumentado pelo uso de tropas ligeiras cujos atiradores munidos da carabina Baker que infligiam a confusão abatendo os oficiais e músicos Franceses. A disciplina Britânica levava a que os soldados tivessem o sangue-frio de dispararem salvas disciplinadas quase à queima-roupa.

Os Franceses por seu lado optavam geralmente por atacar em formações de coluna, e em algumas ocasiões formações de “ordem mista”. Durante as Guerras Revolucionárias (1792-1802) os Franceses desenvolveram a táctica de coluna, onde os regimentos formavam em densas formações com uma linha frontal reduzida mas com uma grande profundidade permitindo uma progressão rápida sobre o inimigo, mesmo que sofresse perdas, usando depois a força bruta da superioridade numérica no

⁴⁶ O Vimeiro é uma exceção. Sir Arthur Wellesley contava com cerca de 20 mil homens e Junot com 14 mil.

combate corpo a corpo⁴⁷. Napoleão desenvolveu a “ordem mista” (SILVA e REGALADO, 2010: 25) juntando as duas formações, mantendo a designação de Coluna mas aumentando a largura da formação o que aumentava o poder de fogo e maior proteção nos flancos, mas os seus Generais evitavam estas manobras (GRIFFITH, 2007: 23).

De uma forma geral a artilharia apoiava a defesa e o ataque, bombardeando as posições inimigas ou o seu avanço. A evolução das táticas fez também evoluir a tipologia das peças de Artilharia, que ao tempo da Guerra Peninsular eram mais ligeiras para movimentos mais rápidos na ação. Cada peça era acompanhada de uma equipe de artilheiros e respetivo carro de munições, de modo a conceder-lhes maior autonomia. Uma variedade de projéteis permitia causar um grande número de baixas contra formações maciças.

A Cavalaria tinha a capacidade de movimentações rápidas, atuar como batedores e carregar sobre o inimigo em momentos cruciais das batalhas podendo retirar rapidamente se necessário, para além da carga psicológica da visão de centenas de cavaleiros carregarem de frente. Quando a infantaria era surpreendida por uma carga de cavalaria era normalmente levada de vencida, caso não tivesse tempo para formar um quadrado. A Cavalaria era extremamente eficaz contra tropas inimigas em fuga/pânico ou retirada.

⁴⁷ No caso de um inimigo resoluta a coluna manobrava e formava uma linha para um duelo de salvas.

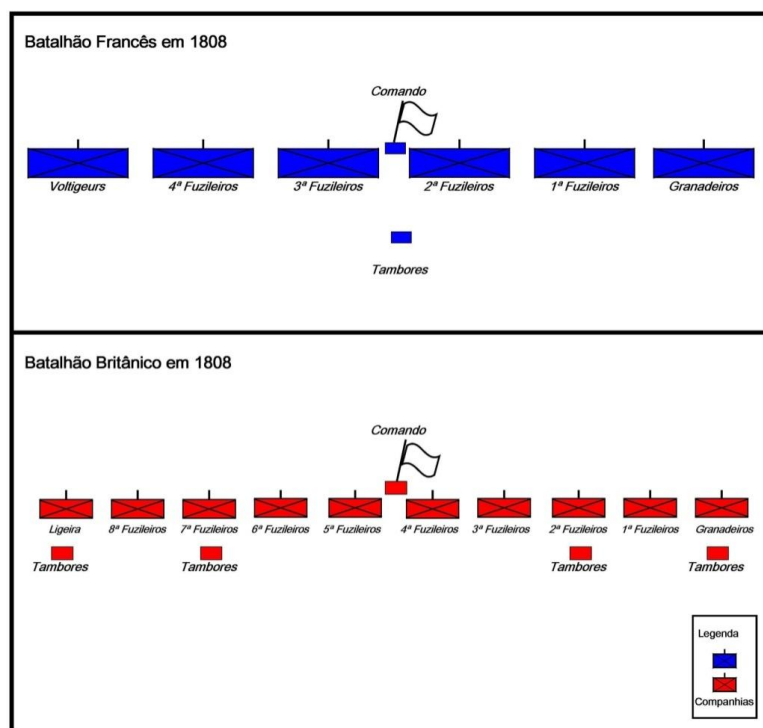


Figura 5 – A organização dos Batalhões Franceses e Britânico à data da Batalha do Vimeiro. Desenho do autor.

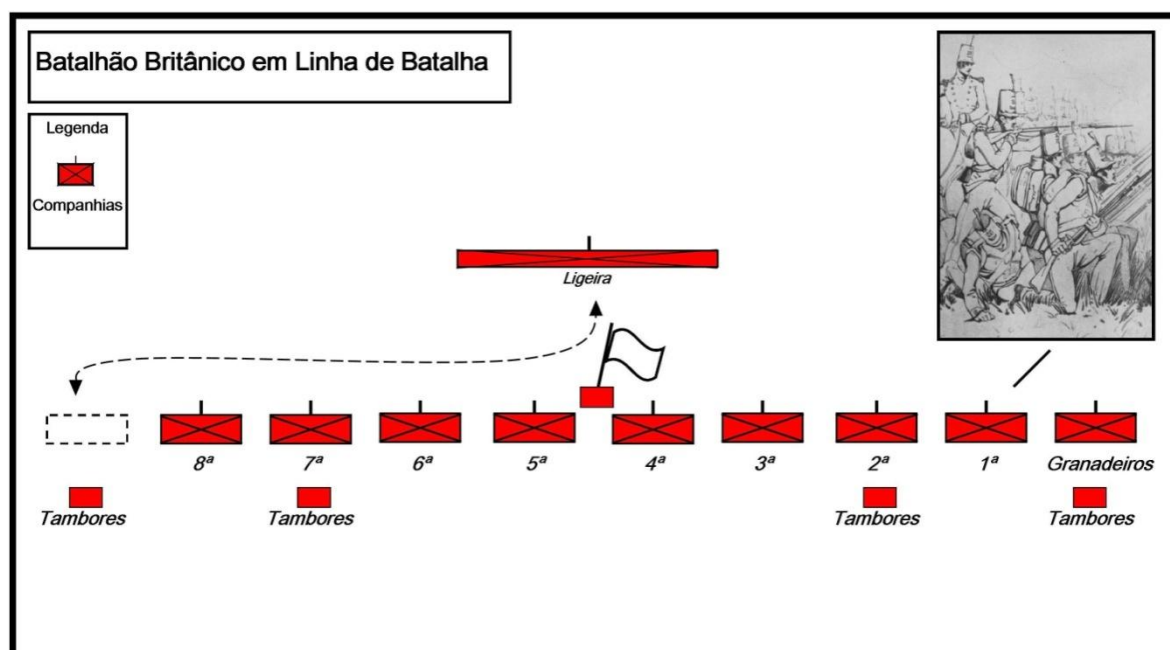


Figura 6 – Batalhão Britânico em Linha de combate. As companhias de tropas ligeiras assumiam a vanguarda da linha principal de modo a provocar o máximo de baixas voltando à posição inicial. Em destaque encontra-se a formação da companhia em duas linhas de Fuzileiros. A primeira disparava e

iniciava o carregamento da arma enquanto a segunda linha disparava, mantendo um fogo constante. Desenho do autor. A Gravura inserida pertence a uma coleção privada.

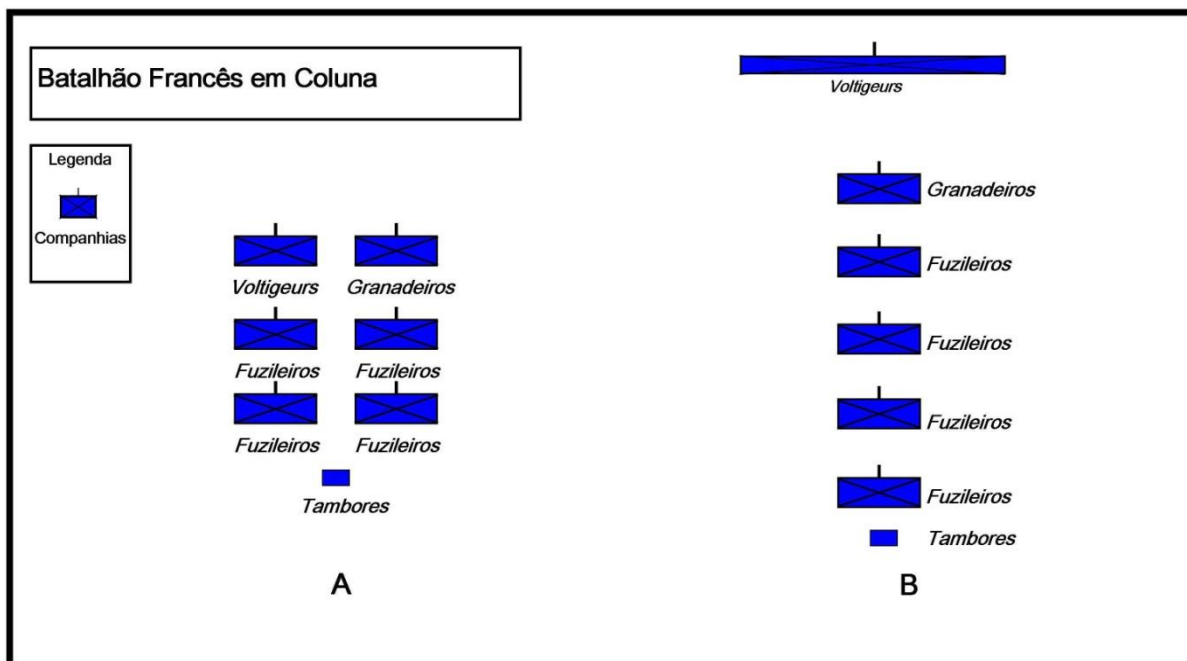


Figura 7 – Duas versões da Coluna Francesa em ataque por Batalhões. Desenho do autor.

Capítulo III: A Intervenção Arqueológica

Os trabalhos de arqueologia regem-se pela legislação em vigor: Lei nº107/2001, de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e regime de proteção e valorização do património cultural; legislação aprovada pelo Decreto-Lei nº164/2014, de 4 de Novembro, que revoga o anterior Decreto-Lei nº270/99, de 15 de Julho, alterado pelo Decreto-Lei nº287/2000, de 10 de Novembro.

Esta intervenção arqueológica inseriu-se na Categoria C. Foi autorizado excecionalmente uma vez que tinha como principal finalidade a investigação base de uma dissertação de mestrado em Arqueologia subordinada ao tema *A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica* a apresentar à Universidade Nova de Lisboa. O trabalho foi superiormente autorizado pela Divisão de Salvaguarda do Património Arquitetónico e Arqueológico – Área do Património Arqueológico.

Após receção da autorização dos serviços do Património Arqueológico iniciou-se a intervenção no início de Novembro de 2014 sendo finalizado em Dezembro do mesmo ano.

A Equipa Científica

A Equipa Científica do projeto Batalha do Vimeiro foi composta por elementos do Núcleo Arqueológico de São Vicente de Fora e Instituto de Arqueologia e Paleociências da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a saber:

Doutor Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira, Arqueólogo, Instituto de Arqueologia e Paleociências da FCSH da Universidade Nova de Lisboa – Diretor Científico.

Dra. Maria da Conceição Machado Neves Rodrigues Ferreira, Arqueóloga.

Dr. Nuno Filipe Poínhas Pires, Arqueólogo, Instituto de Arqueologia e Paleociências da FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Dr. Rui Alexandre Ribolhos Filipe - Instituto de Arqueologia e Paleociências da FCSH da Universidade Nova de Lisboa - Mestrando em Arqueologia.

Dra. Márcia Poínhas Pires. Arquiteta.

Dr. Jorge Machado Gradão.

António Augusto Tiago Branco, estudante de Arqueologia - FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Irondina Spencer da Graça.

Maria Lopes Anacleto Guerreiro.

Jorge Manuel Ferreira.

Calendarização dos trabalhos

Datas	Fase	Descrição Sumária
Janeiro a Novembro de 2014	Fase 1	Estudo das fontes históricas, toponímia e folclore local; estudo da Geografia do terreno; Definição das áreas a intervencionar
30 de Outubro de 2014	Fase 2	Implantação de Sistema de Quadrículas
1 e 2 de Novembro e 5 e 6 de Dezembro	Fase 3	Prospecção Geofísica e Sondagens Localizadas
Novembro e Dezembro de 2014 e Janeiro de 2015	-	Interpretação dos Dados Recolhidos
Fevereiro de 2015	-	Discussão e Apresentação de Resultados

Tabela 1 – Calendarização dos Trabalhos Arqueológicos

Os trabalhos de campo tiveram início no final do mês de Outubro de 2014 com a implantação do sistema de quadrículas (Fase 2), resultado prévio de um trabalho de gabinete refletido na investigação das fontes documentais de modo a determinar as áreas de intervenção (Fase 1).

A prospeção e abertura de sondagens (Fase 3) foram realizadas durante dois fins-de-semana dos meses de Novembro e Dezembro, quando as condições climáticas o permitiram. Este calendário de trabalho de campo foi ainda consertado com os proprietários dos terrenos, que pretendiam utiliza-los para o cultivo em meados de Dezembro.

Durante o período de Novembro de 2014 e Fevereiro de 2015 foram ainda contabilizadas os trabalhos desenvolvidos em gabinete com o objetivo de interpretar

os materiais recolhidos e realização de relatório a entregar à tutela, bem como a presente dissertação.

III.1. Descrição da Intervenção Arqueológica

a) Fase 1 – Identificação da Área a Intervencionar

Após uma primeira leitura das fontes documentais chegou-se à conclusão que o espaço geográfico onde a Batalha havia decorrido ocupava uma enorme área, perfazendo quatro Freguesias, A-dos-Cunhados, Maceira, Vimeiro e Ventosa inseridos em dois Municípios, Torres Vedras e Lourinhã. Devido ao facto de que um estudo total da Batalha com base em amostras resultantes de prospeção geofísica e escavação em várias áreas da ação requereria uma intervenção morosa, foi decidido que para uma primeira fase da Investigação do Campo de Batalha, com a finalidade de dissertação numa tese de mestrado, faria mais sentido uma amostra localizada e representativa de um dos momentos chave da refrega. A partir desta primeira fase de investigação arqueológica poder-se-ia partir futuramente para uma investigação mais abrangente.

Ultrapassada esta primeira problemática determinou-se escolher um momento histórico da ação, que pudesse responder aos objetivos propostos representando a tipologia das batalhas Napoleónicas, em especial na dicotomia das táticas em confronto.

Da leitura das fontes resultou a atribuição de três momentos principais: o *Combate da Colina* (no espaço geográfico de Vimeiro e A-dos-Cunhados), o *Combate da Igreja* (Vimeiro) e o *Combate da Ventosa* (Ventosa). Após um estudo prévio dos três combates e deslocação aos respetivos locais onde estas decorreram, decidiu-se que o cenário da intervenção arqueológica seria a área da Colina do Vimeiro com o benefício de que das fontes documentais recolhidas, a referência à ação na Colina do Vimeiro apresentava os testemunhos mais vívidos. Da historiografia da batalha também este combate pareceu-nos ser, dos três, o mais representativo para a vitória final. As suas encostas a Oeste, Este e Sul apresentavam-se aparentemente conservadas pela

passagem do tempo e logo mais susceptíveis de conservarem um maior número de artefactos, bem como oferecendo boas áreas abertas para prospeção.

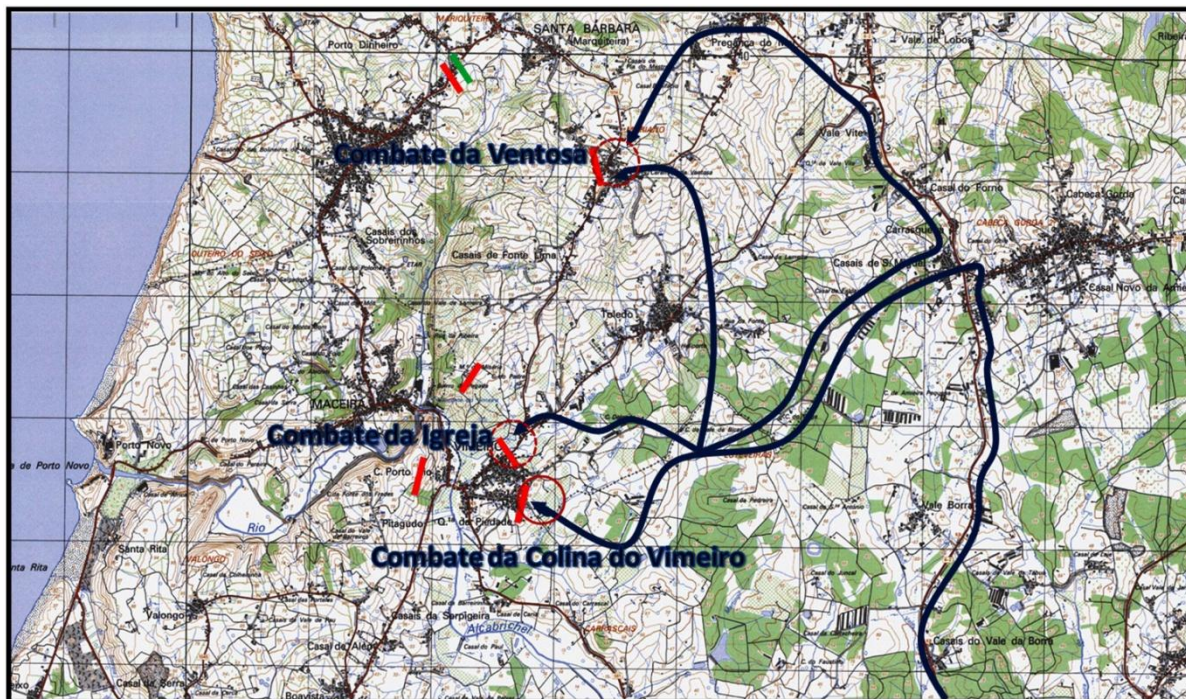


Figura 8 – Mapa representativo dos vários combates que constituem a Batalha do Vimeiro e as movimentações/eixos de ataque do Exército Francês. A vermelho estão representadas tropas Britânicas, a verde as Portuguesas e a Azul as Francesas. Com base na Carta Militar Portuguesa nº361. 1:25000.

Procurou-se nas fontes referências específicas dos acontecimentos na Colina do Vimeiro, com especial incidência nas testemunhas oculares. Da sua leitura, bem como da cartografia disponível, dos elementos da toponímia local⁴⁸, dos achados fortuitos e por último da geografia do terreno, permitiram identificar a área possível referida para os acontecimentos a Este do Monumento do Primeiro Centenário (Figuras 9 e 10). Esta localização encontra-se de face para a estrada Torres Vedras – Lourinhã – Torres Vedras (Estrada Nacional nº8) rota esperada e confirmada do avanço Francês (LANDSHEIT, 1837).

⁴⁸ A colina é referenciada pelos topónimos *Alto*, *Memória* e *Alto do Cutelo*. Este último parece-nos ligado à arma de corte do talhante, referência possível às armas brancas, espadas e baionetas e aos combates corpo-a-corpo que terão deixado na mente dos habitantes do Vimeiro à altura da batalha, uma imagem de carnificina, conforme mencionado anteriormente, capítulo I.3.1 – As Fontes Primárias, Secundárias e Fontes Imateriais.



Figura 9 – Área em pormenor do Vimeiro e Combate da Colina. Com base na Carta Militar Portuguesa nº361. 1:25000

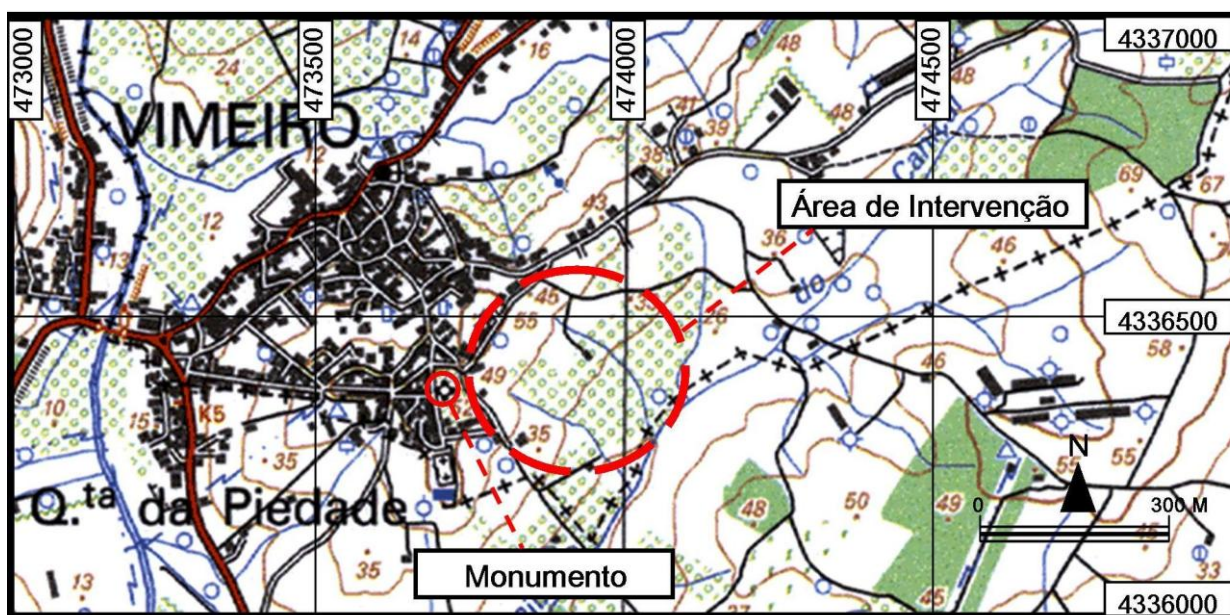


Figura 10 – O Combate da Colina. A área de Intervenção em relação ao monumento comemorativo do Primeiro Centenário. Com base na Carta Militar Portuguesa nº361. 1:25000

A localização do monumento é importante não só per si, mas também porque para a sua construção foi segundo a tradição oral⁴⁹, desmantelado um antigo moinho de vento (reconstruído em parte incerta) provavelmente um dos dois moinhos descritos à data da batalha por várias testemunhas como marco de referência para descrever a área de localização das Linhas defensivas Britânicas. Nas palavras de Sir Arthur Wellesley:

On the eastern and Southern side of the town is a mill, which is entirely commanded, particularly on its right, by the mountain to the westward of the town, and commanding all the ground in the neighborhood to the southward and eastward, on which Brigadier General Fane was posted with his riflemen, and the 50th regiment, and Brigadier General Anstruther with his brigade, with half a brigade of 6 pounders, and a half a brigade of 9 pounders⁵⁰, which had been ordered to the position in the course of last night (GURWOOD, 1835: 94).

A identificação da possível localização do moinho e a sua conexão com a batalha foi fundamental na determinação da área de intervenção para os trabalhos de campo, tanto mais, quando parece ter estado envolvido nos combates. O Coronel Landman do Corpo de Engenheiros Britânico foi enviado para a colina do Vimeiro onde se esperava o ataque Francês e também faz referência a moinhos na colina:

I mounted my horse, which had been waiting for me in the park, and rode off towards the two wind mills, where I saw the reserve guns had taken up a position, commanded by Morrison under Robe, and which induced me to believe that I should there find Sir Arthur Wellesley. In order to reach that place, I necessarily passed through the village of Vimieiro⁵¹ (LANDMAN, 1854: 200-201).

⁴⁹ Mário Baptista Pereira no seu trabalho de investigação sobre os moinhos do Concelho da Lourinhã refere a existência de pelo menos um moinho no alto do Vimeiro (PEREIRA, 1990).

⁵⁰ Peças de Artilharia de 6 e 9 Libras.

⁵¹ Landman refere-se ao parque do trem de artilharia localizado hoje no espaço da Residencial Braga. Ainda hoje o acesso à colina a partir deste ponto é feito passando pela povoação do Vimeiro.

I dismounted, with a view to obtain a rest to steady my hand. I first tried to support my glass on my saddle, but my horse was too unsteady, I then went to a windmill close by, where a drummer-major and all his little fry were gathered crowded together behind the mill, in hope of protecting themselves from shots (LANDMAN, 1854: 207).

Durante os trabalhos de desmantelamento do moinho e preparação das fundações do monumento⁵² foram recolhidas algumas balas (CIPRIANO, 2008) e mais recentemente a Este deste, foram encontradas pela população uma chapa de talabarte do Regimento Britânico nº 9 de Infantaria e uma baioneta de espingarda regulamentar Britânica⁵³.

A colina do Vimeiro encontra-se hoje ocupada por muito casario, em parte devido ao crescimento urbano dos últimos cinquenta anos. No topo da Colina, como já referimos encontra-se a memória/monumento inaugurado em 1908 por D. Manuel II, durante as comemorações do Primeiro Centenário da Guerra Peninsular. Trata-se de um Monumento classificado em 1982 como de interesse público, implantado num jardim com representações em painéis de azulejo dos vários momentos da batalha. Em 2008 foi este local enriquecido por um Centro de Interpretação (CIBV). O potencial arqueológico nesta área será baixo, visto que nos últimos cem anos o espaço em redor do monumento teve várias funcionalidades: como terreno agrícola, com plantação de batatas e eucaliptos, como zona de extração de terras e seixos, terraplanada para campo de futebol, transformado em jardim com migração de terras e uso de betão. A última intervenção foi a construção do CIBV.

A Este, a separação entre zona urbana e zonas agrícolas é feita por duas ruas, a saber, Rua da Victória e Rua Agostinho Estevão. Estas áreas são desde tempos imemoriais utilizados para a agricultura, alternando nos últimos anos entre a plantação de vinhas, a batata e o milho. Estando inviabilizada a possibilidade de prospetar a área da colina ocupada pelo monumento e casario, foi decidido que os trabalhos

⁵² A Comissão executiva do centenário da Guerra Peninsular comprou o terreno em 1908 para a implantação do monumento comemorativo inaugurado no mesmo ano por D. Manuel II.

⁵³ Entraram nas coleções do Centro de Interpretação após uma campanha de sensibilização da população local a entregar achados relacionados com a batalha.

decorressem na zona imediatamente a Este que como já referimos, apresentava-se pouco alterado pela ação humana.

Localização do Sítio – Coordenadas
Coordenadas Geográficas do sítio UTM (WGS84): 29S 472805.48m E, 4336462,25m N
Coordenadas Geográficas WGS84: 39° 10' 37.05"N 9° 18' 53.41" O

Tabela 2 – Coordenadas do sítio. Localiza-se a Este do Monumento do Primeiro Centenário da Batalha do Vimeiro com fácil acesso através da Rua da Victória. Numa área de encosta em direção à Ribeira do Caniçal.

Acessibilidade: De Lisboa pela Autoestrada nº8 saindo após Torres Vedras Norte para a Estrada Nacional 8 de Torres Vedras para a Lourinhã. Virando à direita no cruzamento para A-dos-Cunhados e seguindo a estrada municipal 561 até ao Vimeiro. Na povoação seguindo as placas com a indicação Monumento. Do monumento seguir 50 metros pela Rua da Victória.

b) Fase 2 - Implantação de Sistema de Quadriculas

Correlacionando as descrições Francesas com as descrições Britânicas de Sir Arthur Wellesley e de outros testemunhos do dispositivo defensivo adotado na colina e a possível localização do moinho descrito, determinamos colocar a nossa área de sondagem na encosta a Este do monumento. Para tal foram selecionadas duas áreas, uma paralela à Rua da Victória e outra perpendicular a esta. A proximidade de ambas procurou dar respostas aos momentos pré definidos pela leitura das fontes do ataque à colina.

Calculando que a linha defensiva Luso-britânica fosse localizada paralelamente à Rua da Victória selecionamos uma área de prospeção em conformidade, com o intuito de obter uma leitura da área de choque entre os dois exércitos. Por outro lado

escolhendo uma segunda área perpendicular à primeira, permitiria em teoria uma amostra dos vestígios arqueológicos da progressão/retirada do Exército Francês, subindo e descendo a encosta (Figuras 8 e 11).

Questionou-se os proprietários acerca do historial dos terrenos, especificamente em relação a achados que possam ter ocorrido ao longo dos anos mas ao que podemos apurar, na área designada não havia sido encontrado nada, ao contrário de outros locais (Lagoa de Sangue) de onde “saíram baldes cheios de balas”⁵⁴.

Foram delineados dois transeptos com as seguintes denominações: Área 1 e Área 2 com um quadriculado de 20m X 20m. A Área 1 com a dimensão de 60m x 100m (6000m²) e a Área 2 com 20m x 120m (2400m²) – (Figuras 11, 12 e 13). A sua implantação prática obedeceu à orientação das parcelas de terrenos já definidas pelos proprietários e não com o norte magnético. Cada quadrícula recebeu uma designação alfanumérica.

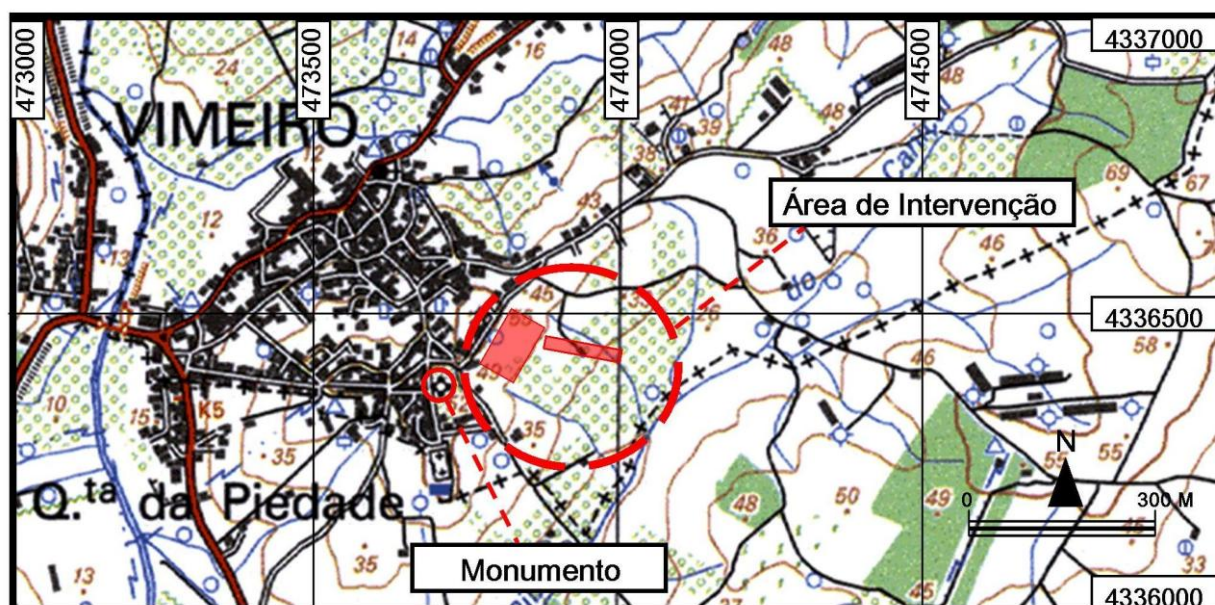


Figura 11 – Localização geral dos dois transeptos para prospeção. Com base na Carta Militar Portuguesa nº361. 1:25000.

⁵⁴ Como referenciado no capítulo I.3.1. – As Fontes Primárias, Secundárias e Fontes Imateriais.

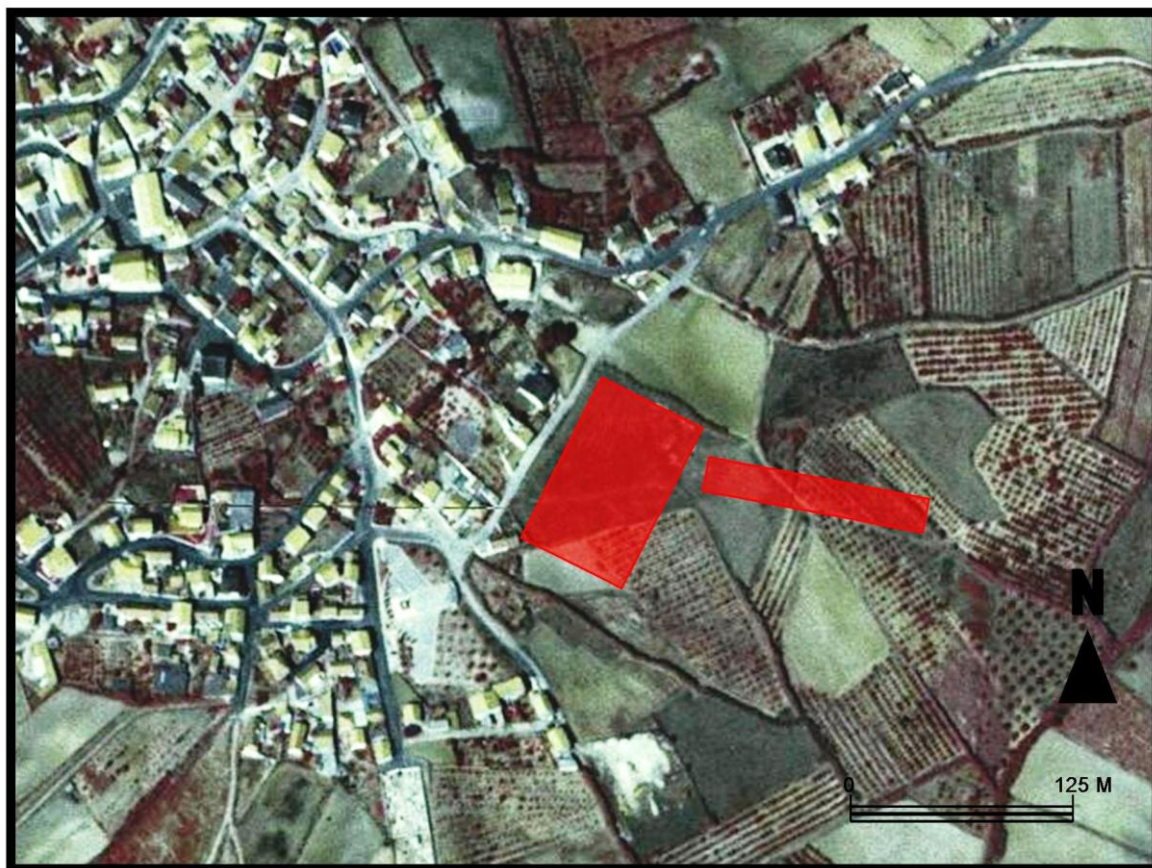


Figura 12 - Implantação dos transeptos para prospeção sobre Ortofotomapa. Imagem base disponibilizada pelo Serviço Nacional de Informação Geográfica.



Figura 13 – Planta Geral das duas áreas intervençionadas com recurso a prospeção. Desenho do Autor.

c) Fase 3 - Prospeção Geofísica e Abertura de Sondagens Localizadas

Após a demarcação das quadrículas, foram as áreas batidas com recurso a detetor de metais seguindo metodologia própria, de modo a percorrer a zona integralmente. Para tal e com recurso a estacas e linhas, foram criados vários corredores dentro das quadrículas com cerca de 1m de largura que permitiram uma prospeção linear com cruzamento da mesma área permitindo uma dupla passagem (Figura 3, página 21). A prospeção beneficiou das condições do terreno que se apresentava, apenas, com um manto herbáceo rasteiro quase idêntico a um relvado.

Embora com uma passagem intensa do detetor de metais temos a noção pela experiência em trabalhos similares, que geralmente nem todos os artefactos em determinada área são identificados (POLLARD, 2011: 142). O detetor pode ser afetado pela profundidade dos alvos, pela humidade dos solos, pela experiência do detetorista. Outro facto é a ação da maquinaria agrícola que revolve o terreno, fazendo migrar artefactos para o fundo numa lavra e na seguinte trazendo-os mais à superfície.

Os possíveis alvos de interesse localizados pelo aparelho foram marcados através de bandeirolas, fabricadas para o efeito, para posteriormente realizar-se com todos os cuidados a escavação dos mesmos.

Foi construída uma caixa de metal para que a abertura de sondagens fosse limitada a uma área de 25cm x 30cm, de modo a obter sempre uma caixa de sondagem estandardizada. A escavação dos alvos foi realizada da seguinte forma: primeiro a limpeza superficial do manto herbáceo em torno do alvo, seguida da colocação da caixa de sondagem e escavação do seu interior com recurso a colherim. Aquando da identificação do alvo foi colocado o aparelho de GPS para obter coordenadas do mesmo (Figuras 14, 15, 16).

Após serem postos a descoberto, os artefactos foram alvo do protocolo de catalogação em campo (Figura 17) com a atribuição de um número sequencial escrito na respetiva bolsa de plástico com as seguintes referências: Data; Coordenadas; Numero Sequencial em expressão quadrimembre (*Campo de Batalha do Vimeiro-nº da área- nº alfanumérico de quadricula-nº de objeto*). A identificação e recolha destes

materiais foram fundamentais para dar resposta aos objetivos a que nos propúnhamos.



Figura 14 - Prospeção com detetor de metais e colocação de bandeirolas.



Figura 15 – Limpeza do manto herbáceo para proceder à escavação do alvo.



Figura 16 - Escavação dentro de caixa de sondagem, marcação de coordenadas através de sistema *Global Position System* e preparação para fotografia.



Figura 17 - Recolha e identificação de artefactos

III.2. Resultados da Sondagem Geofísica

a) Contextos Estratigráficos

A escavação arqueológica através da remoção das unidades estratigráficas por ordem inversa à sua deposição permitiu, apenas, identificar uma camada estratigráfica, localizada imediatamente ao manto herbáceo, correspondente a terras castanhas claras e por vezes escuras com presença de areias e pequenos seixos rolados. A esta unidade estratigráfica foi atribuída a designação **1**. Foi nessa unidade que foi detetado todo o espólio, sendo a profundidade máxima atingida de 15cm (Figuras 18 e 19).

Esta camada estratigráfica afigura-se como uniforme na profundidade escavada devido ao revolvimento anual dos solos por ação mecânica e ao seu uso intensivo para fins agrícolas.

Esta situação apresenta-se como problemática em duas vertentes: primeiro nunca se recolhem todos os artefactos visto que a lavra pode atingir uma profundidade a que o detetor não penetra, havendo objetos que migram verticalmente (POLLARD, 2011: 142). Segundo, o uso de estrumes “caseiros” permite a mistura de artefactos cronologicamente identificáveis com outros períodos na mesma unidade estratigráfica. Veja-se o caso dos dois numismas recolhidos no decurso dos trabalhos.

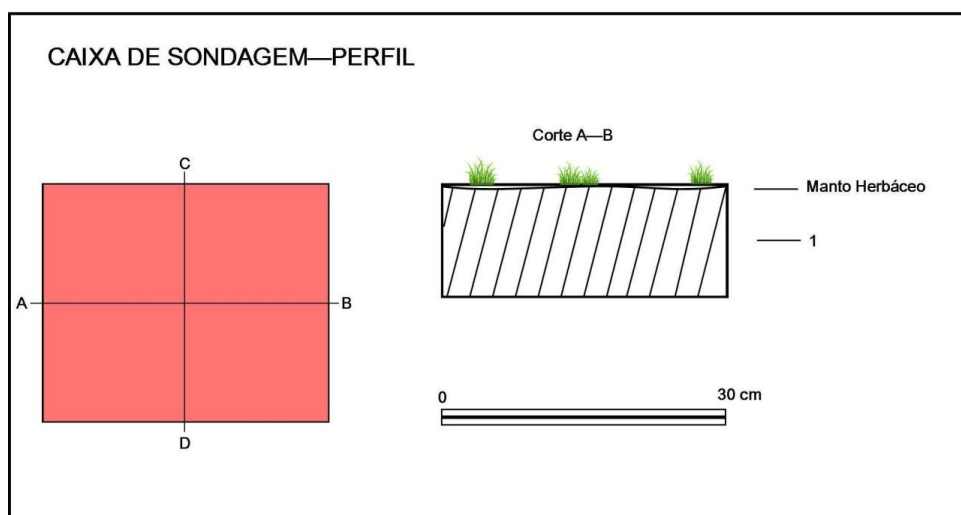


Figura 18 – Esquema geral das caixas de sondagem abertas para identificação e recolha de espólio. Desenho do autor.



Figura 19 – Pormenor da limpeza do manto herbáceo sendo visível imediatamente a única unidade estratigráfica identificada. A profundidade máxima alcançada foi de 15cm.

b)Prospecção com Detetor de Metais

Foram recolhidos um total de 55 artefactos durante o trabalho de prospecção na Colina do Vimeiro. Deste conjunto 48 estão relacionados com a batalha, 5 deixam algumas dúvidas e 2 são numismas com cronologias posteriores ao acontecimento. Organizámos o espólio recolhido pelas seguintes categorias: Projéteis de Armas Ligeiras (36,4%), Projéteis de Artilharia (9,1%), Botões (18,2%), Fivelas (9,1%), Fragmentos de Armas (3,6%), Cavalaria (3,6%), Objetos Pessoais (7,3%), Numismas (3,6%) e Outros (9,1%).

Os projéteis de armas ligeiras foram a categoria de artefactos com maior predominância, em total sintonia com os resultados de outras prospeções em campos de batalha modernos. De salientar ainda a recolha na categoria de projéteis de artilharia de quatro fragmentos de granadas explosivas, que podem corresponder à arma secreta Britânica, a granada Shrapnel. Segundo a historiografia da batalha foi no Vimeiro que este novo tipo de munição foi utilizado pela primeira vez.

Numa primeira abordagem sobre as concentrações de artefactos nas duas áreas prospetadas, verificámos a predominância de uma maior concentração paralelamente à Rua da Victória e uma aparente dispersão de objetos para Este (Figura 21).

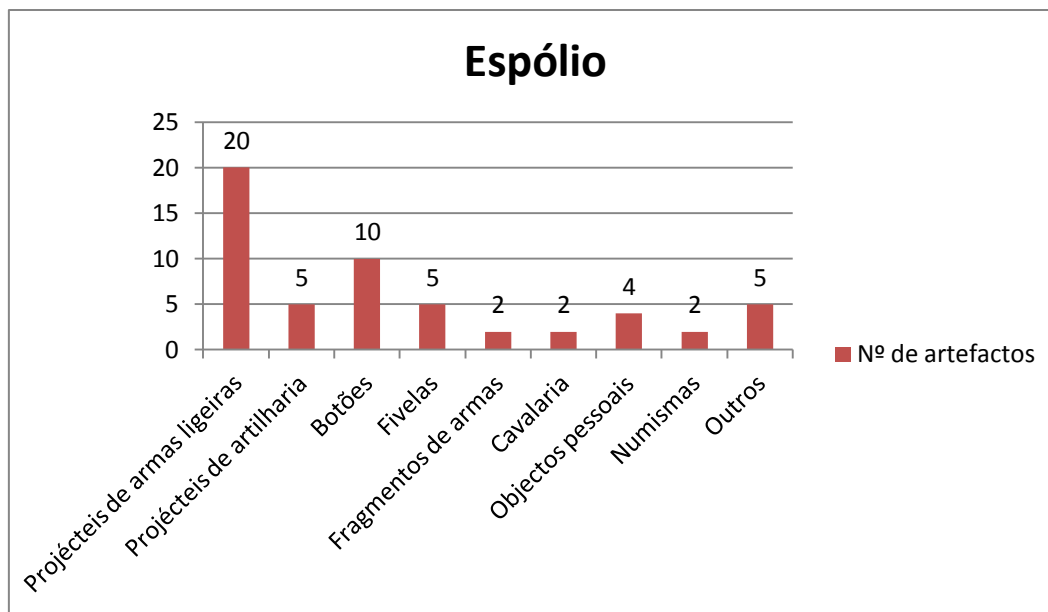


Figura 20 – Gráfico representativo da quantidade de artefactos por categoria.

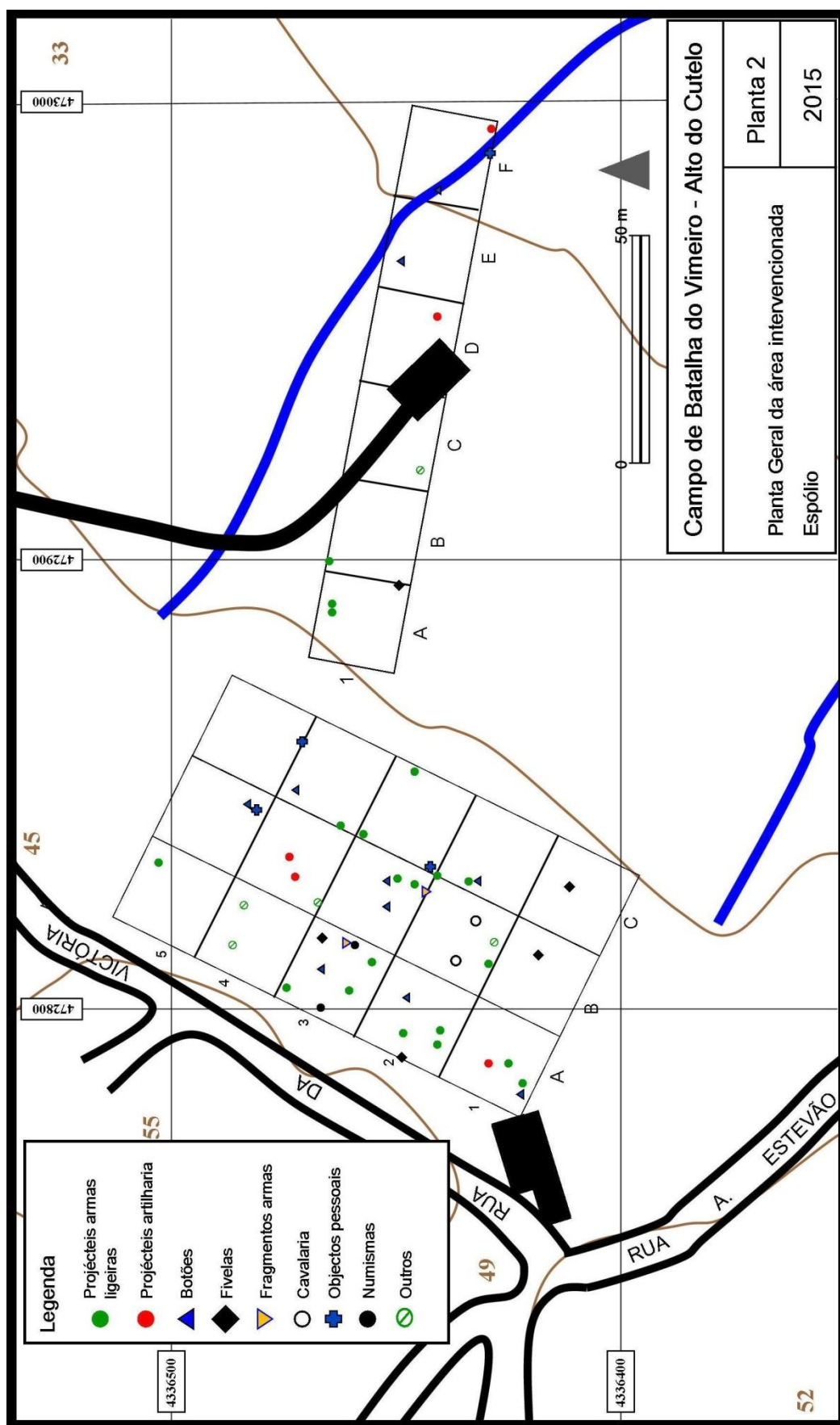


Figura 21 – Planta Geral referente ao Espólio. Desenho o autor.

III.3. Espólio

III.3.1. Projéteis de Armas Ligeiras

Foram recolhidos 20 projéteis, em chumbo, atribuíveis a armas ligeiras de fogo durante a prospeção do campo de Batalha do Vimeiro. Trata-se de balas esféricas sendo visível em algumas, deformações provenientes do impacto e noutras a ausência de indicação que tenham sido disparadas. A bala juntamente com alguns gramas de pólvora negra era selada num invólucro de papel compondo o cartucho. O soldado à ordem dada para carregar a arma, retirava o cartucho da patrona, rasgava o invólucro com os dentes despejando uma pequena quantidade de pólvora na caçoleta despejando o restante, incluindo a bala, no cano da espingarda com o auxílio da vareta.

Para o estudo deste conjunto procurou-se identificar os modelos das armas de em serviço de ambos os lados e determinar os seus calibres, partindo para uma correspondência entre arma e munição disparada. Consideram-se como armas ligeiras espingardas, carabinas, clavinhas e pistolas por comparação com a categoria das armas pesadas onde se incluem as peças de Artilharia. O exército Luso-britânico e o Francês tinham no seu arsenal armas de fogo ligeiras de pederneira. Para os aliados a arma regulamentar principal era a espingarda de alma lisa *India pattern*, vulgo Brown Bess com um calibre de 19,06mm (0.75 polegadas) (DARLING, 1970). Algumas unidades especiais tinham ao seu serviço a única arma de cano estriado a carabina Baker com calibre de 15,90mm (0.63 polegadas). Os Franceses tinham ao serviço a espingarda de alma lisa *modèle 1777 corrigé an IX*, vulgo Charville (SILVA e REGALADO, 2010) com um calibre de 17,53mm (0.69 polegadas).

Ainda na categoria das armas ligeiras incluem-se as pistolas, normalmente usadas por oficiais, elementos de cavalaria, porta-estandartes, etc. Sendo o seu número muito reduzido quando comparado com o número de espingardas regulamentares Brown Bess e Charville presentes.

A atribuição de uma proveniência para cada projétil é fundamental na arqueologia de um campo de batalha moderno, pois sabendo “quem disparou”, pode identificar e delinear acontecimentos específicos em toda a extensão da ação.

Os trabalhos de arqueologia realizados em Monmouth e Bufords nos Estados Unidos da América e Culloden no Reino Unido permitiram apresentar estudos balísticos relacionados com estas armas, tendo como base a estandardização dos calibres. Através da medição do peso dos projéteis é possível calcular o diâmetro original da bala e associa-la à arma que a disparou (SIVILICH, 2005: 8). A questão do cálculo do diâmetro é fundamental visto que a grande maioria dos projéteis recolhidos, apresentam deformações resultantes quer do disparo como do impacto. Para tal foi criada uma fórmula matemática com base nas características específicas do chumbo, nas impurezas e bolsas de ar resultantes na sua fundição. A fórmula Sivilich⁵⁵ apresenta-se da seguinte forma:

$$\text{Diâmetro em Polegadas} = 0,223204 \times (\text{Peso em Gramas})^{1/3}$$

O diâmetro do projétil será sempre menor que o calibre da arma, ou seja se a espingarda Britânica tem um calibre de 19,06mm a bala terá menos de modo a poder entrar na boca do cano. Essa questão denomina-se por **vento**: espaço entre a alma da arma e o projétil (Figura 22), o mesmo aplica-se para as peças de Artilharia.

⁵⁵ Daniel M. Sivilich é o arqueólogo e engenheiro responsável pelo projeto BRAVO, atualmente escavando o Campo de Batalha de Monmouth nos Estados Unidos da América.

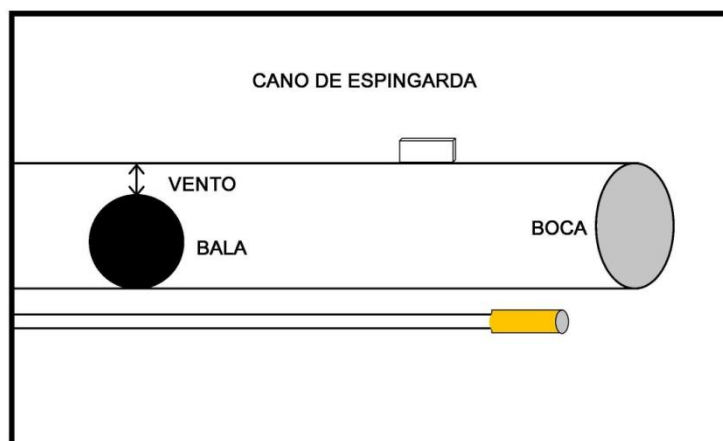


Figura 22 – O Vento: Esquema demonstrativo do interior do cano de uma espingarda. Desenho do autor.

Os resultados obtidos em outros trabalhos depararam-se com outra problemática: os moldes utilizados para a fundição das balas variavam de fabricante para fabricante o que significa que as balas para a mesma arma, apresentam na maioria das vezes pequenas variações no diâmetro. Desta forma tomámos como referencia para o estudo do nosso conjunto, os trabalhos desenvolvidos com projéteis descobertos em acampamentos Britânicos durante a Revolução Americana (CALVER, 1928: 120-127), a tabela e fórmula criadas por Daniel Sivilich (SIVILICH, 2005: 8), os trabalhos no campo de batalha de Budford (BUTLER, 2011: 21-32) e de Culloden (POLLARD, 2011: 142-146). Existe ainda uma ausência de publicações acerca desta temática em campos de batalha do período Napoleónico. Embora todos os trabalhos arqueológicos mencionados retratem batalhas modernas prévias à Guerra Peninsular, as armas utilizadas são exatamente as mesmas.

Com as informações recolhidas foram construídos dois Quadros, pelos quais nos guiámos na atribuição de calibres, diâmetros, nacionalidade e marcas visíveis nas peças:

Características das Principais Armas Presentes na Batalha		
Exército Luso-britânico	Exército Luso-britânico	Exército Imperial Francês
Espingarda <i>India Pattern</i> (Brown Bess)	Carabina Baker	Espingarda <i>Modèle 1777 an IX</i> (Charville)
Calibre da Arma	Calibre da Arma	Calibre da Arma
19,06mm (0.75 polegadas)	15,90mm (0.63 polegadas)	17,53mm (0.69 polegadas)
Diâmetros de Projétil	Diâmetros de Projétil	Diâmetros de Projétil
Valores acima de 17,02mm	Valores até 15,23mm	Valores de 15,24mm a 17,01mm

Tabela 3 – Características das Principais armas presentes na Batalha do Vimeiro

Projéteis



CBV-AR1-A1-003



CBV-AR1-A1-004



CBV-AR1-A2-006



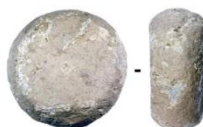
CBV-AR1-A2-007



CBV-AR1-A2-009



CBV-AR1-A3-011



CBV-AR1-A3-012



CBV-AR1-A5-020



CBV-AR1-B2-023



CBV-AR1-B2-026



CBV-AR1-B3-030



CBV-AR1-B3-031



CBV-AR1-C2-038



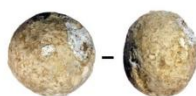
CBV-AR1-C3-040



CBV-AR1-C3-041



CBV-AR1-C4-043



CBV-AR2-A1-046



CBV-AR2-A1-047



CBV-AR2-B1-049



CBV-AR1-A3-015



PROJÉTEIS DE ARMAS LIGEIRAS – CATÁLOGO				
Nº Inventário	Peso (g)	Diâmetro Calculado (mm/polegadas)	Arma/Nacionalidade	Marcas de disparo/impacto
CBV-AR1-A1-003	20,57g	15,51mm/0,611	Charville/Francesa	Sim
CBV-AR1-A1-004	21,88g	15,84mm/0,624	Charville/Francesa	Sim
CBV-AR1-A2-006	30,37g	17,68mm/0,696	Brown Bess/Britânica	?
CBV-AR1-A2-007	29,06g	17,42mm/0,686	Brown Bess/Britânica	Não
CBV-AR1-A2-009	25,30g	16,64mm/0,655	Charville/Francesa	Sim
CBV-AR1-A3-011	18,40g	14,97mm/0,589	Baker/Britânica	Sim
CBV-AR1-A3-012	31,24g	17,86mm/0,703	Brown Bess/Britânica	Sim
CBV-AR1-A3-015	29,52g	17,49mm/0,689	Brown Bess/Britânica	Disforme
CBV-AR1-A5-020	21,24g	15,70mm/0,618	Charville/Francesa	Sim
CBV-AR1-B2-023	22,86g	16,06mm/0,633	Charville/Francesa	Sim
CBV-AR1-B2-026	29,88g	17,58mm/0,692	Brown Bess/Britânica	Sim
CBV-AR1-B3-030	28,48g	17,28mm/0,681	Brown Bess/Britânica	?
CBV-AR1-B3-031	29,16g	17,46mm/0,687	Brown Bess/Britânica	?
CBV-AR1-C2-038	19,14g	15,17mm/0,597	Baker/Britânica	Sim
CBV-AR1-C3-040	29,26g	17,46mm/0,687	Brown Bess/Britânica	Sim
CBV-AR1-C3-041	18,49g	14,99mm/0,590	Baker/Britânica Sem Marcas de disparo?	?
CBV-AR1-C4-043	28,83g	17,36mm/0,684	Brown Bess/Britânica	Não
CBV-AR2-A1-046	16,81g	14,49mm/0,571	Baker/Britânica	Sim
CBV-AR2-A1-047	12,82g	-	Indeterminada apenas Fragmento	?
CBV-AR2-B1-049	17,17g	14,60mm/0,575	Baker/Britânica	Sim

Tabela 4 – Características do conjunto quanto ao peso, diâmetro, nacionalidade e marcas visíveis.

Do conjunto recolhido a maioria das balas são de origem Britânica, quer da espingarda Brown Bess (9 exemplares) como da Carabina Baker (5 exemplares). Atribuídos à espingarda Francesa Charville temos 5 projéteis. Um dos exemplares (CBV-AR2-A1-047) apresentou-se sob forma de fragmento, muito disforme, com muito pouco peso em relação aos demais talvez devido a um impacto que cortou o projétil. Foi possível ainda verificar se haviam sido disparados ou se apresentavam o que parecia ser a sua forma original (forma esférica). Em 12 dos exemplares verificou-se a existência de marcas de disparo traduzidas em deformações quer pelo choque ainda dentro do cano da espingarda (devido ao vento), quer por impacto em obstáculo no campo de batalha. A pouca precisão destas armas e a tendência dos atiradores fecharem os olhos durante o disparo⁵⁶ levava a que algumas balas não atingissem o alvo pretendido⁵⁷. Um dos exemplares surgiu muito deformado como se tivesse sido derretido num suporte mas apresentando exatamente o peso de uma bala para a espingarda Brown Bess.

III.3.2. Projéteis de Artilharia

Foram recolhidos cinco artefactos relacionados com a artilharia, quatro fragmentos da carcaça (estilhaços) de bombas ou granadas explosivas e um projétil de metralha ou de lanterna. A metodologia de trabalho para o seu estudo iniciou-se com a identificação das peças de artilharia que haviam servido na batalha do Vimeiro, em especial as peças que utilizadas no combate da Colina por Britânicos e Franceses.

Foram identificadas dois tipos de peças de artilharia: Peças e obuses, sendo as primeiras o tipo mais comum, o que de grosso modo designamos por canhões e os obuses um tipo de peça muito mais curta, próprias para disparo de explosivos em trajetórias curvas. O calibre das peças era designado pelo peso do projétil que disparavam em Libras e o calibre dos obuses era designado pelo diâmetro da “boca” medida em Polegadas.

⁵⁶ Durante o disparo eram criadas faíscas na çaçoleta que em posição de tiro ficava paralela à face do soldado. Num movimento natural humano os olhos fechavam-se nesse momento, deixando momentaneamente de fazer pontaria.

⁵⁷ Compensado pelo grande número de soldados a disparem ao mesmo tempo.

O exército Luso-britânico destacou para a Colina do Vimeiro cerca de nove peças de artilharia: duas peças de 6 Libras, cinco de 9 Libras e dois obuses de 5^{1/2} polegadas (LESLIE, 1908: 11). Por seu lado, os Franceses utilizaram um número indeterminado de peças de 3, 4, 6 Libras e obuses de 5^{1/2} polegadas (GURWOOD, 1835: 98)⁵⁸. Cada peça era acompanhada por um carro de munições, que transportava munições, pólvora e apetrechos de guerra puxados por um determinado número de animais de tiro. O alcance efetivo dependia do calibre da peça mas de uma forma geral rondaria os mil metros para os projéteis de bala sólida, bombas e granadas e cerca de trezentos metros para metralha e lanterna.

⁵⁸ O total de peças de artilharia Francesas no Vimeiro era de vinte e três. Não sabemos exatamente quantas estariam na nossa área de investigação. A contar com as que já estariam em ação o General Foy trouxe para o combate oito peças que estavam na reserva. Quanto aos calibres existem algumas diferenças nos relatos embora tenhamos seguido a indicação dada por Sir Arthur Wellesley nos seus despachos baseada nos calibres de peças capturadas.

Metralha ou Lanterna



CBV-AR1-B4-033



Granada ou Bomba—Estilhaço



CBV-AR1-A1-002



Granada ou Bomba—Estilhaços



CBV-AR1-B4-034



CBV-AR2-D1-051



CBV-AR2-F1-055



As peças disparavam diferentes tipos de projéteis:

PROJÉTIL	IMAGEM	DESCRIÇÃO
Bala Sólida		Balas esféricas em ferro maciço.
Bomba		Bala oca carregada com pólvora negra e ativada por uma mecha explodindo a determinada distância.
Granada Shrapnel		Balas ocas carregadas de pólvora e balas de espingarda em chumbo ativadas por uma mecha explodindo a determinada distância. Efeito “picaretada”.
Lanterneta		Latas cilíndricas carregadas com esferas de chumbo ou de ferro. Utilizadas a curta distância.
Metralha		Conjunto de balas em ferro seguras em suporte, envoltas em pano e corda. Utilizado a curta distância.

Tabela 5 – Diferentes tipos de projéteis em uso ao tempo da Guerra Peninsular.

Para o estudo dos quatro fragmentos de carcaça recolhidos foi necessário a identificação da forma esférica original da qual fizeram parte, calculando os seus diâmetros aproximados⁵⁹ e comparando-os na relação calibre da peça e diâmetro dos projéteis (Tabela 7).

⁵⁹Contabilizando alguma expansão do metal aquando da explosão.

RELAÇÃO DOS CALIBRES DAS PEÇAS COM OS DIÂMETROS DOS PROJÉTEIS ⁶⁰		
Peça	Calibre (mm)	Diâmetro do Projétil ⁶¹ (mm)
3 Libras	73,80	70,44
4 Libras	81,23	77,55
6 Libras	92,96	88,74
9 Libras	106,42	101,60
Obus 5 ^{1/2}	147,61	140,89

Tabela 6 – Com base na obra de David McConnell (MCCONNELL, 1988).

Estudo do Conjunto

CBV-AR1-A1-002

Fragmento de Bomba/Granada de ferro. Não foi possível calcular o seu diâmetro devido á corrosão generalizada.

CBV-AR1-B4-033

Projétil de metralha ou de lanterna em ferro com 36,47mm. Ambos eram utilizados a curta distância provocando o efeito de tiro de caçadeira muito eficaz contra unidades militares compactadas. No caso de metralha o diâmetro das esferas variava consoante o calibre da peça de artilharia mas seriam sempre em número de nove. Caso pertença a uma lanterna (mais provável), a quantidade variava de doze a trinta e quatro esferas (MCCONNELL, 1988: 316-320). O Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro tem na sua coleção alguns exemplares idênticos que foram recolhidos pela população ao longo dos anos.

⁶⁰ Valores de referência.

⁶¹ Foi contabilizado o valor do Vento.

CBV-AR1-B4-034

Fragmento de Bomba/Granada em ferro. As bombas ou granadas eram constituídas por uma carcaça em ferro com um orifício que servia para encher o interior de pólvora ou de pólvora e balas (Shrapnel). No orifício era colocado o rastilho que era “automaticamente” aceso aquando do disparo do canhão, explodindo acima das cabeças dos inimigos (picaretada) libertando fragmentos de ferro e o conteúdo. Apresenta uma espessura que varia entre 23,23mm e 24,26mm. Com um diâmetro calculado em cerca de 14,5cm. Possivelmente pertencente a um Obus de 5^{1/2}. Existem alguns exemplares idênticos no Centro de Interpretação do Vimeiro e no Museu Municipal de Torres Vedras.

CBV-AR2-D1-051

Fragmento de Bomba/Granada em ferro. Apresenta uma espessura que varia entre 23,27mm e 25,55mm. Com um diâmetro calculado em cerca de 10,7cm. Peça de artilharia de 9 Libras.

CBV-AR2-F1-055

Fragmento de Bomba/Granada em ferro. Apresenta uma espessura que varia entre 19,12mm e 16,20mm. Com um diâmetro calculado em cerca de 11,0cm. Peça de artilharia de 9 Libras (?).

Embora o conjunto necessite de mais estudos e comparação com outras coleções, os dois últimos fragmentos aparentam pertencer a um projétil de peça de 9 Libras Britânica. Não podemos excluir que possam pertencer à mesma bomba/granada visto

que no processo de fabricação a espessura da carcaça era irregular (MCCONNELL, 1988: 291).

III.3.3. Botões

Foram recolhidos dez botões em metal relacionados com o fardamento militar das tropas envolvidas nos combates. Os botões faziam parte de todos os uniformes militares da época misturando o cariz utilitário com o decorativo encontrando-se nas casacas, polainas, coletes, calças e camisas interior embora estes últimos tivessem normalmente botões em osso ou madeira⁶². Os botões de uniforme eram em metal, normalmente liga de cobre, dourados ou prateados, dependendo da nacionalidade, patente ou Arma.

A partir da segunda metade do século XVIII quando os Regimentos de uma forma geral, começaram a adotar uma designação numérica e não de título⁶³ passando os botões a apresentar os respetivos números identificativos. Esta situação não é regra, no caso Português o regulamento para os uniformes do exército de 1806 apenas atribuía botões referenciais para o uniforme dos oficiais empregues no Estado-maior, sendo que os demais teriam botões lisos de metal amarelo para as unidades de linha e de metal branco para as milícias (BRANCO, 2008). Enquanto nos uniformes Franceses parecia haver obediência regimental aos modelos regulamentares, o mesmo não acontecia com os Britânicos usufruíam de alguma liberdade quando ao *design* dos botões. Podiam ser lisos ou numerados mas também podiam ser bastante elaborados com simbologias ligadas à história do regimento (BERNARD e LACHAUX, 2005: 107; LATHAM, 2006: 60-61).

O número de botões num só uniforme podia variar: Uma casaca de infantaria Francesa trinta botões, uma casaca Portuguesa vinte e dois botões (SIGNOLI et Alii, 2008: 59).

⁶² No caso Português botões de unha, fabricados a partir dos cascos de cavalos.

⁶³ Por exemplo o caso do exército Britânico (LATHAM, 2006: 59) e Francês.

Para o estudo do conjunto tivemos em conta o formato, matéria-prima, diâmetro, existência de presilha, motivos e descrição geral e quando possível a nacionalidade.

Estudo do Conjunto

CBV-AR1-A1-001

Botão côncavo em liga de cobre com 14,54mm de diâmetro. A presilha apresenta-se partida vendo-se ainda o arranque. Aparenta ter o nome do fabricante em redor do arranque da presilha, embora a leitura seja impossível. O nome ou marca de fabricante surge normalmente em botões de origem Britânicas (NAYLER, 1993: 7).

CBV-AR1-A2-008

Botão liso em liga de cobre, com 19,82mm, com a presilha partida. Tem na face vestígios do que aparenta ser o emblema da Estrela da Ordem Britânica da Jarreteira ou da Ordem do Cardo.

CBV-AR1-A3-013

Botão côncavo em liga de cobre com 14,80mm ainda com presilha. Semelhante a botões recuperados no campo de batalha Napoleónico de Aspern (BINDER e OBERTHALER, 2013: 29).

CBV-AR1-B3-027

Botão regulamentar para Regimentos de Infantaria de Linha Franceses em liga de cobre com 15,86mm de diâmetro (módulo menor). Trata-se do modelo utilizado de 1803 a 1815 apresentando na face o número regimental 82 envolto num arabesco circular aberto terminando num ponto (FALLOU, 1915: 86). Este *design* é denominado

por *French Scroll* (LATHAM, 2006: 60). A presilha é de quatro entradas para uma melhor fixação ao uniforme⁶⁴.

CBV-AR1-B3-028

Botão côncavo em liga de cobre com 19,03mm e sem presilha. A face é lisa mas o anverso apresenta duas circunferências que formam uma moldura sendo preenchida por estrelas intercaladas por pontos em alto-relevo. Este motivo está presente em outros botões civis e militares da época da Guerra Peninsular (FILIPE, 2013: 160 e 161). Provavelmente de fabrico Britânico.

CBV-AR1-B5-035

Botão de bola em liga de cobre com 9,12mm de diâmetro e sem presilha. Nas escavações do acampamento napoleónico de Étaples-Sur-Mer, França, foi recolhido um conjunto de botões idêntico, sendo-lhe atribuído a designação de *Boutons Grelot* (LEMAIRE, 2010: 218).

CBV-AR1-C2-039

Botão de bola em liga de cobre com 9,71mm de diâmetro conservando ainda a presilha. Idêntico à referência anterior.

CBV-AR1-C4-044

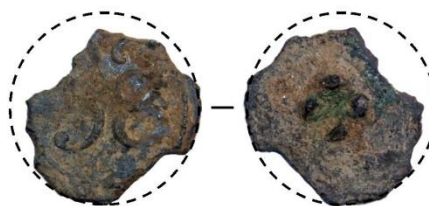
Botão de bola em liga de cobre com 8,34mm de diâmetro e com parte da presilha conservada. Idêntico aos dois anteriores.

⁶⁴ No Museu do Exército em Paris na exposição permanente *De la Revolution à la Première Restauration* podem-se observar estes botões nos uniformes expostos. Apresentam-se em dois formatos módulo maior, com cerca de 22mm e módulo menor com 16mm.

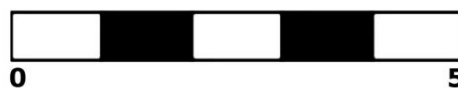
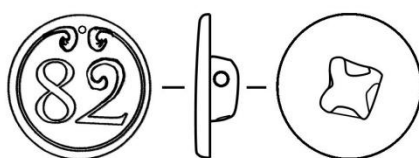
Botões Regulamentares Franceses



CBV-AR1-B3-027



CBV-AR2-E1-052



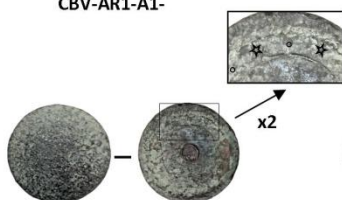
Botões



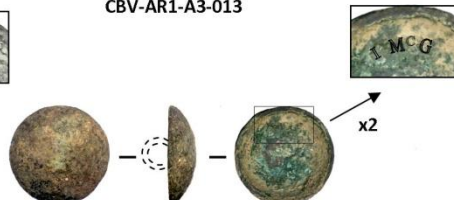
CBV-AR1-A1-



CBV-AR1-A3-013



CBV-AR1-B3-028



CBV-AR2-F1-053



Botão



CBV-AR1-A2-008

Botões Grelots



CBV-AR1-B5-035



CBV-AR1-C4-044



CBV-AR1-C2-039



CBV-AR2-E1-052

Botão regulamentar para Regimentos de Infantaria de Linha Franceses em liga de cobre com um diâmetro calculado em 20mm (módulo maior). Idêntico ao botão referência CBV-AR1-B3-027, modelo utilizado entre 1803 e 1815 (FALLOU, 1915: 86). Na face apresenta o número regimental Francês 58 em *French Scroll* encontrando-se em mau estado de conservação tendo a presilha partida.

CBV-AR2-F1-053

Botão de forma côncava em liga de cobre com 18,16mm de diâmetro. A presilha encontra-se partida. No anverso foi possível identificar as letras **I. MCG** tratando-se de um botão fabricado em Londres por James McGowan, um dos fornecedores do Exército e Marinha Britânica durante o período das Guerras Napoleônicas (NAYLER, 1993: 50). Embora não seja possível fazer uma leitura devido ao mau estado do botão, é possível que este exemplar seja um botão regimental Britânico.

III.3.4. Fivelas

Cada soldado à data das Guerras Napoleônicas estava equipado com cerca de dezanove fivelas, distribuídas pelo variado equipamento militar: barretina, patrona⁶⁵, mochila, talabarte⁶⁶, cantil, polainas, arreios, etc., e igualmente pelas exigências da moda da época: sapato ou bota, suspensão de meia ao calção no joelho, etc. Foram recolhidos cinco exemplares que analisaremos sumariamente, tendo em conta as suas características gerais⁶⁷:

⁶⁵ Bolsa em couro onde eram transportados os cartuchos das armas ligeiras.

⁶⁶ Cintas de couro que cruzavam no peito de modo a suspender a patrona, a baioneta e o sabre.

⁶⁷ As referências quanto à metrologia podem ser consultadas no Apêndice dedicado ao catálogo.

CBV-AR1-A2-**005**

Fragmento de fivela dobrado em liga de cobre com moldura de forma retangular. Possivelmente para aplicação à patrona, mochila ou cantil (TURNER, 2006: 10, 36, 57, 60, 70).

CBV-AR1-A3-**016**

Exemplar de fivela em liga de cobre com moldura de forma retangular e sem espigão. Possivelmente para aplicação à patrona, mochila ou cantil (TURNER, 2006: 10, 36, 57, 60, 70).

CBV-AR1-B1-**021**

Exemplar de fivela em liga de cobre com moldura de forma retangular. A fivela encontra-se dobrada e partida e sem espigão, tendo perdido o espigão. Possivelmente para aplicação à patrona, mochila ou cantil (TURNER, 2006: 10, 36, 57, 60, 70).

CBV-AR1-C1-**037**

Exemplar de fivela com moldura em forma **D** conservando ainda o espigão. Liga de cobre. Compatível com os cinco exemplares (tipo 4b) encontrados no acampamento Napoleónico de Étapes-Sur-Mer (LEMAIRE, 2010: 231).

Fragmento de fivela com elemento em forma de âncora. Trata-se provavelmente de uma fivela para segurar a meia e o calção na zona do joelho por meio de uma fita (WHITEHEAD, 1996: 109). Outra possibilidade seria para apertar as polainas na zona do joelho, de modo a não descaírem com o movimento, normalmente utilizados pelas tropas Francesas (HAYTHORNTHWAITE, 1983).

Todo este conjunto encontra paralelos com os exemplares identificados em Étaples-Sur-Mer, todos compatíveis com o período da Guerra Peninsular (LEMAIRE, 2010: 224 e 231). Igualmente no Museu Histórico e Militar de Almeida podem ser vistos alguns exemplares sobreviventes da explosão da fortaleza em 1810.

Fivelas com Moldura Quadrangular



CBV-AR1-A2-005



CBV-AR1-B1-021



CBV-AR1-A3-016

Fivela Semicircular



CBV-AR1-C1-037

Elemento Âncora



CBV-AR2-A1-048



III.3.5. Fragmentos de Armas

Foram recolhidos e identificados dois fragmentos de armas de fogo. Ambos pertencem à espingarda regulamentar Britânica vulgo Brown Bess. Durante as Guerras Napoleónicas foram produzidas enormes quantidades destas armas (DARLING, 1970: 52), não só para o Exército Britânico, bem como para os seus aliados, no qual se incluía Portugal. As tropas de infantaria Luso-britânica no Vimeiro estavam armadas com este modelo.

CBV-AR1-A3-017

Fragmento de Guarda-mato de espingarda regulamentar Britânica Brown Bess em latão. Tem ainda um dos fixadores para integração na coronha de madeira e vestígios do passador em ferro para fixação da bandoleira. Um fragmento idêntico surgiu também durante os trabalhos arqueológicos no sítio da Batalha de Culloden na Escócia (POLLARD, 2011: 149).

CBV-AR1-B3-029

Fragmento de contra platina de espingarda regulamentar Britânica Brown Bess em latão. Servia para prender o fecho de pederneira à coronha recorrendo a dois parafusos (DARLING, 1970: 49). Um exemplar idêntico foi recuperado nos Estados Unidos da América, no Campo de Batalha de Palo Alto (HAECKER, 1994: 128, 129). No Museu Militar do Buçaco existe um exemplar completo.

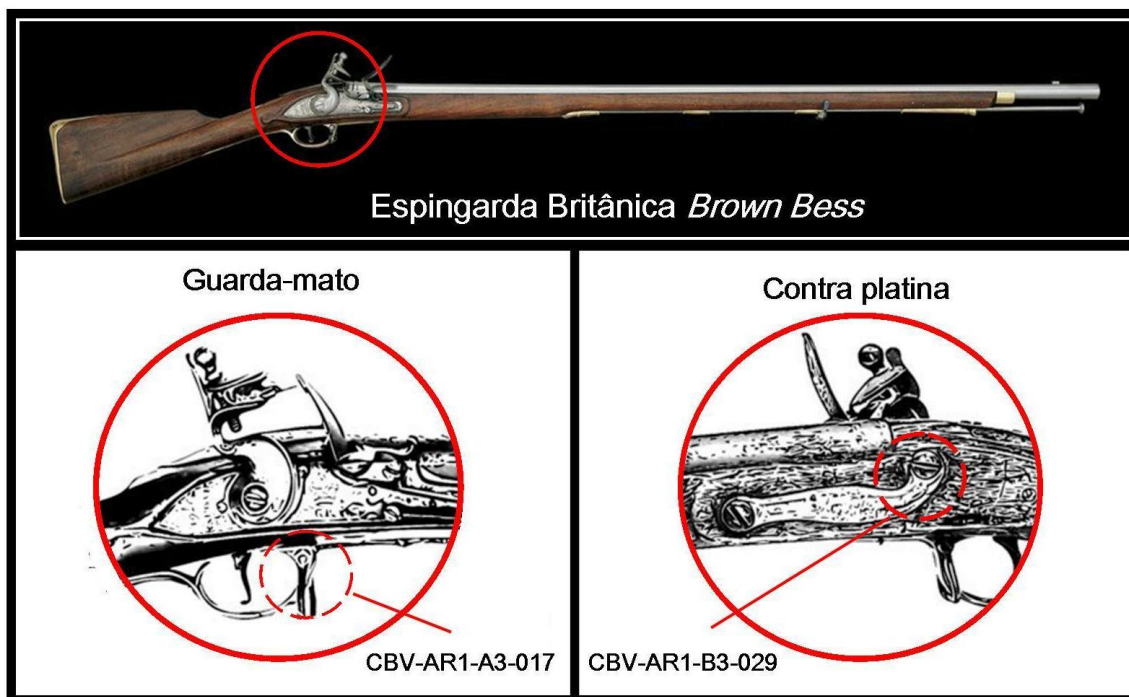


Figura 23 – Localização dos dois Fragmentos em relação à espingarda. Montagem e desenhos do autor.

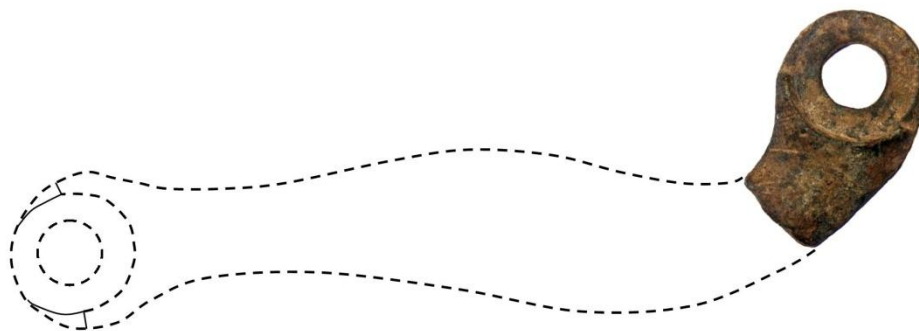
Fragmento de Guarda-mato



CBV-AR1-A3-017



Contra-platina



CBV-AR1-B3-029



III.3.6. Cavalaria

Foram recolhidos dois artefactos compatíveis com elementos decorativos para arreios de cavalo. Com tradição milenar estes elementos de cariz decorativo surgiram também nos arreios dos cavalos da época Napoleónica. Eles podem assumir formato losangular, retangular, discóide, etc. Portugal tem tradição nesta área e é possível observar estes elementos em coleções como do Museu do Coche ou, ainda, em serviço nas apresentações da Escola Portuguesa de Arte Equestre. Veja-se o exemplo dos arreios do Príncipe Regente D. João no famoso quadro de Domingos Sequeira⁶⁸. A existência destes elementos pode estar relacionada com a carga de cavalaria Luso-britânica.

CBV-AR1-B2-022

Elemento côncavo em liga de cobre com 18,08mm de diâmetro. Apresenta dois espigões para cravar no couro, dobrados para o interior para melhor fixação.

CBV-AR1-B2-025

Artefacto com forma discóide em liga de cobre com 22,54mm de diâmetro. Apresenta na decoração elementos concêntricos e conserva vestígios do arranque de dois espigões para fixação no couro.

⁶⁸ Pintura representando D. João passando revista às tropas na Azambuja, datado de 1803.

Apliques Decorativos



CBV-AR1-B2-022



CBV-AR1-B2-025



III.3.7. Objetos Pessoais

Foram recolhidos 4 artefactos que classificámos como objetos pessoais. Faziam parte dos acessórios de cada soldado diversos objetos relacionados com a vivência do dia-a-dia. Desde agulhas e dedal para coser a roupa, talheres para as refeições, uma navalha para vários serviços, chaves para a limpeza da fechadura da arma, etc.

CBV-AR1-B5-036

Fragmento de navalha com lâmina em ferro e chapas laterais em liga de cobre. Este fragmento é semelhante ao modelo representado na obra de Stuart Reid (REID, 1997: 39). A navalha era extremamente popular como lâmina que permitia variadas atividades. Diversos exemplares foram recolhidos na escavação de Étapes-Sur-Mer (LEMAIRE, 2010: 262-265).

CBV-AR1-C3-042

Medalha religiosa em liga de cobre de pequenas dimensões (12,38mm x 7,67mm) com uma forma elíptica. A pequena argola de suspensão encontra-se partida e as imagens nas duas faces são ilegíveis. O aparecimento de artefactos religiosos encontra paralelos em outros sítios de conflito da época: Vilnius, na Lituânia⁶⁹, Waterloo, Bélgica⁷⁰ e no acampamento de Étapes-Sur-Mer (LEMAIRE, 2010: 258).

⁶⁹ (SIGNOLI et Alii, 2008: 94, 95).

⁷⁰ (BERNARD e LACHAUX, 2005: 123).

CBV-AR1-C4-**045**

Fragmento de colher em liga de cobre. A forma da concha, mais larga na base do que na ponta, parece apontar para uma cronologia dos finais do século XVIII⁷¹. São conhecidos exemplares idênticos de Étaples-Sur-Mer (LEMAIRE, 2010: 268).

CBV-AR2-F1-**054**

Fragmento de garfo em ferro. O garfo faria parte do equipamento do soldado embora este fragmento necessite de mais estudos quanto na relação da sua forma e o período em questão (REID, 1997:43).

⁷¹ Conforme a análise do tema na Enciclopédia Britânica.

ESPÓLIO: **OBJETOS PESSOAIS**

Folha 1/1

Fragmento de Navalha



CBV-AR1-B5-036



Medalha Religiosa



CBV-AR1-C3-042



Colher



CBV-AR1-C4-045

Garfo



CBV-AR2-F1-054



III.3.8. Numismas

Durante os trabalhos foram recolhidos dois numismas com cronologias posteriores à batalha. Ambos encontram-se em muito mau estado sendo de leitura muito difícil.

CBV-AR1-A3-**010**

Moeda de 5 Reis de Dom Carlos I em bronze com data ilegível. Cunhadas entre 1890 e 1906.

CBV-AR1-A3-**014**

Moeda de 50 Centavos da República Portuguesa em alpaca com data ilegível. Cunhadas entre 1927 e 1968.

5 Reis de D. Carlos I

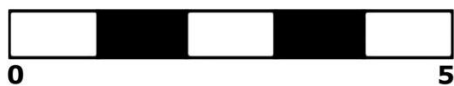


CBV-AR1-A3-010

50 Centavos da República Portuguesa



CBV-AR1-A3-014



III.3.9. Outros

Nesta categoria consideramos cinco artefactos que, em virtude do seu estado de conservação, à falta aparente de ligação com a batalha e à falta de paralelismos, não podemos imediatamente identificar como artefactos ligados aos combates. Podem tratar-se de objetos descartados pelos proprietários ao longo dos anos. Em todo o caso faremos uma breve descrição:

CBV-AR1-A4-018

Objeto indeterminado em ferro.

CBV-AR1-A4-019

Fragmento de chapa prensada em liga de cobre com o que aparenta ser um motivo vegetalista. Pode eventualmente tratar-se de um fragmento de uma chapa militar para barretina ou para tambor, mas não encontramos paralelos para o motivo.

CBV-AR1-B2-024

Cravo em liga de cobre com respetivo espigão dobrado. Parte de mobiliário?

CBV-AR1-B4-032

Chapa em liga de cobre. Chapa para Boldrié moderno.

CBV-AR2-C1-050

Argola de ferro com 34,72mm de diâmetro. Poderá tratar-se de uma argola de suspensão para suspender as bainhas das armas brancas ou argola de suspensão de clavina através de um mosquetão ao talabarte (SILVA e REGALADO, 2010: 109 e 205).

Chapa Prensada



CBV-AR1-A4-019

Cravo



CBV-AR1-B2-024

Chapa para Boldrié



CBV-AR1-B4-032

Argola



CBV-AR2-C1-050

Indeterminado



CBV-AR1-A4-018



Capítulo IV: Corte Diacrónico do Combate da Colina

Após a leitura crítica das fontes históricas foi possível traçar uma linha cronológica dos acontecimentos relativos aos combates na Colina do Vimeiro, área selecionada para a intervenção arqueológica. Para tal construímos primeiramente um quadro geral dos vários momentos da ação onde conjugámos a relação hora⁷² e acontecimento, partindo depois para uma projeção gráfica onde acrescentámos um último fator: o espaço geográfico.

Para cada momento é apresentada a fonte primária principal, não sendo a única de que nos socorremos. As fontes secundárias foram também tidas em conta.

HORA	EXÉRCITO LUSO-BRITÂNICO	EXÉRCITO FRANCÊS
DIA 20		
22:00 –	Sir Arthur Wellesley ordena que a colina do Vimeiro seja ocupada pelas Brigadas dos Generais Fane e Anstruther e algumas peças de Artilharia (GURNWOOD, 1835: 90).	Reunião de diversas unidades Francesas em Torres Vedras. Marcham pela estrada da Lourinhã em busca dos aliados para dar batalha (PACHECO, 1809: 591).
DIA 21		
00:30 – 06:00	São enviadas da colina unidades ligeiras para ocuparem as colinas em frente (Pinhal Trombeta), de modo a servirem de guarda avançada (CURLING, 1970: 34).	Os Franceses chegam à povoação da Carrasqueira. Depois de um reconhecimento pela cavalaria, Junot envia metade das forças em direção à Colina do Vimeiro (PACHECO, 1809: 591).
06:00 – 10:30	As unidades Ligeiras Britânicas detetam o avanço dos Franceses em direção à Colina. Depois de oferecerem alguma resistência recuam até à proteção das linhas principais na colina do Vimeiro (PATTERSON, 1837:43).	As Forças Francesas marcham da aldeia da Carrasqueira até ao Alto das Bicas (1Km da Colina) onde coloca o seu Quartel-general. Os Franceses avançam sobre a colina (FOY, 1827: 517).
10:30 – 11:00	1ª Defesa da colina: A linha Inglesa é surpreendida pela rapidez dos Franceses mas conseguem destruir a coluna com salvas de espingarda e com o apoio da artilharia (WARRE, 1909: 32).	1ª Ataque Francês sob o comando dos Generais Delaborde e Thomières: A coluna persegue as unidades ligeiras Britânicas até à colina. O General Delaborde é ferido. São vencidos. Os sobreviventes retiram (FOY, 1827: 520).

⁷² Probabilidade de período de tempo em horas para os acontecimentos, sendo obviamente discutível.

11:00 – 11:30	2ª Defesa: A linha de batalha Britânica é atacada novamente quase em simultâneo. Uma vez mais esperam que o inimigo se aproxime e disparam quase à queima-roupa (WARRE, 1909:32).	2ª Ataque Francês: Os Generais Loison ⁷³ e Charlot não conseguem quebrar a linha Britânica e são vencidos. Charlot é ferido (THIÉBAULT, 1896: 207).
11:30 – 12:00	3ª Defesa: Toda a artilharia e Infantaria puderam concentrar-se no último ataque Francês. A granada explosiva Shrapnel causa enorme destruição (LEACH, 1831: 52)	3ª Ataque Francês: Ataque final dos Franceses à colina. Junot ordena ao General Saint-Clair que faça um derradeiro ataque à colina com unidades de elite (Granadeiros) para desalojar os Britânicos. Com o apoio de artilharia avançam rapidamente com baionetas caladas, mas são massacrados (FOY, 1827: 521).
12:30 – 13:00	Contra ataque Britânico: Avanço das linhas Britânicas e carga de cavalaria Luso-Britânica. Por ordem de Wellesley a perseguição cessa (CURLING, 1970: 36).	Os regimentos Franceses retiram em confusão, perseguidos pela Cavalaria Luso-britânica (GLEIG, 1837: 273).
13:00 –	Espaço usado como Hospital de Campanha e concentração de prisioneiros Franceses. Os soldados Luso-britânicos e população pilham o campo de batalha. (ANÓNIMO, 1819: 60).	A segunda frente Francesa na Aldeia da Ventosa também fracassa. Junot bate em retirada deixando o Exército à sorte dos seus oficiais. Retirada dos Franceses sobre Torres Vedras. (THIÉBAULT, 1896: 209).
DIAS 22 - 23		
-	Acampamento na Colina. Acampamento das tropas Luso-britânicas. Um moinho na colina serve de acantonamento aos oficiais Britânicos.	-
DIAS 23 – 29		
-	Após a partida do Exército principal o espaço é ocupado por unidades Portuguesas sob o comando do General Bernardim Freire de Andrade.	-

Tabela 7 – Cronologia dos acontecimentos na Colina do Vimeiro. Proposta

⁷³ O General Louis Henri Loison (1771-1816) conhecido em Portugal como “maneta”.

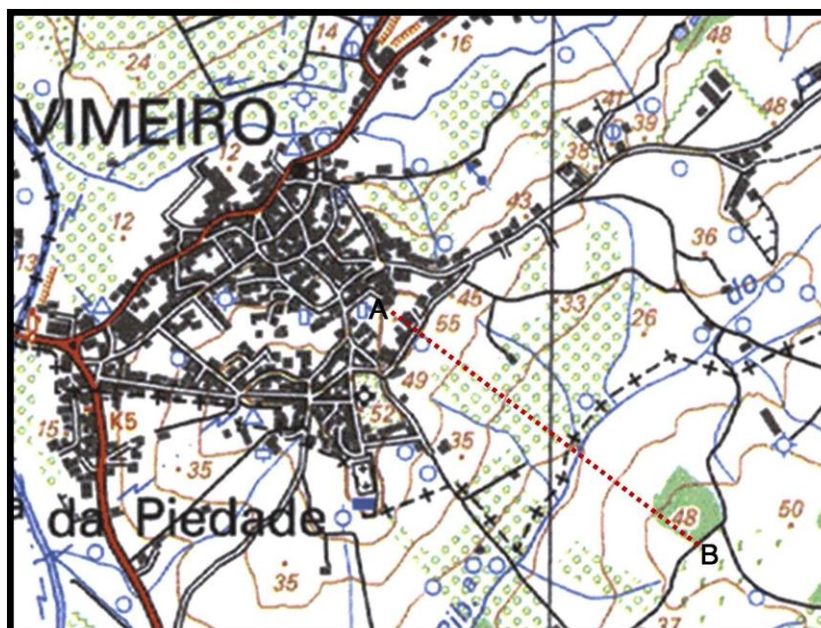


Figura 24 – Corte A-B representado num pormenor da carta militar nº361 Torres Vedras, A-dos-Cunhados. As figuras seguintes apresentam o perfil deste corte.

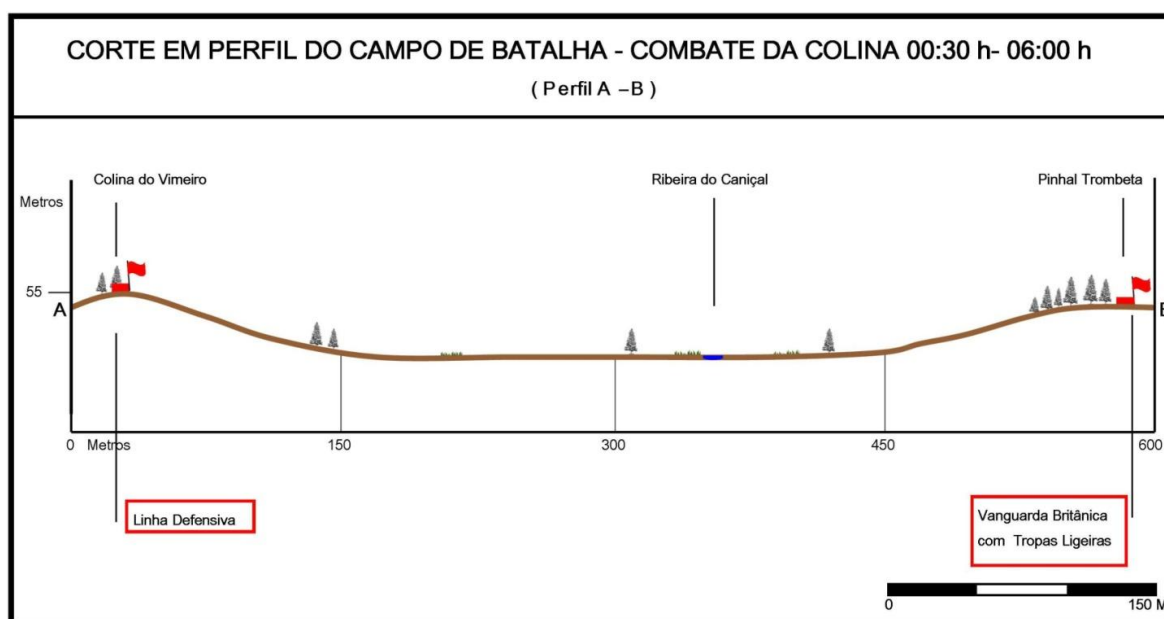


Figura 25 – Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 00:30 horas e as 06:00 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes. Desenho do autor.

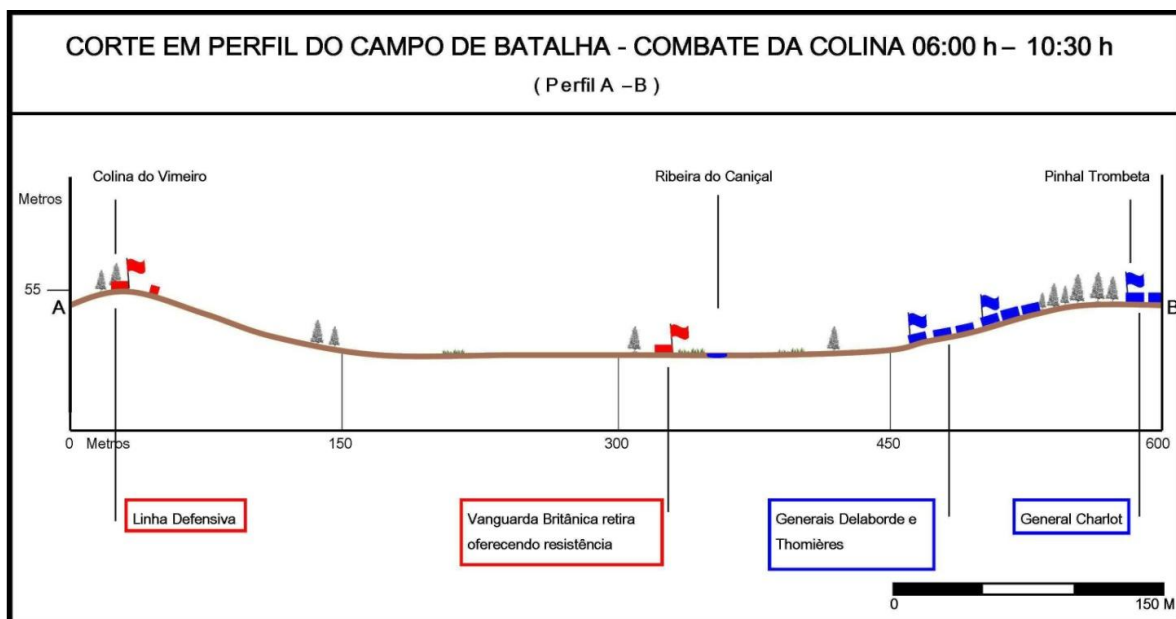


Figura 26 - Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 06:00 horas e as 10:30 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes. Desenho do autor.

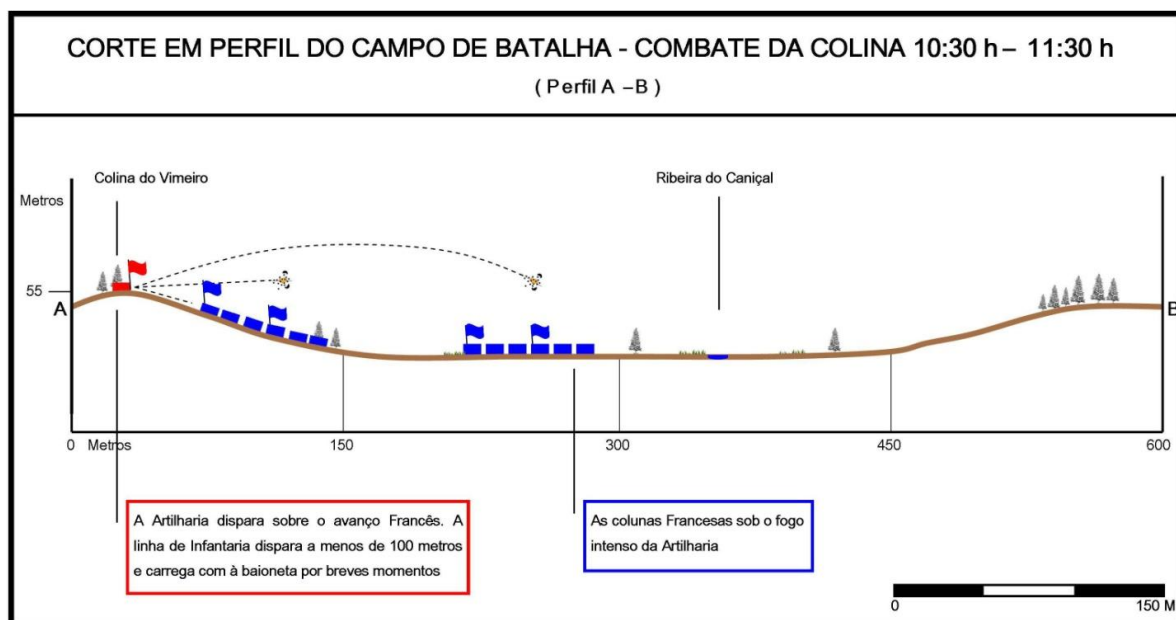


Figura 27 - Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 10:30 horas e as 11:30 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes documentais e os dados arqueológicos recolhidos. Desenho do autor.

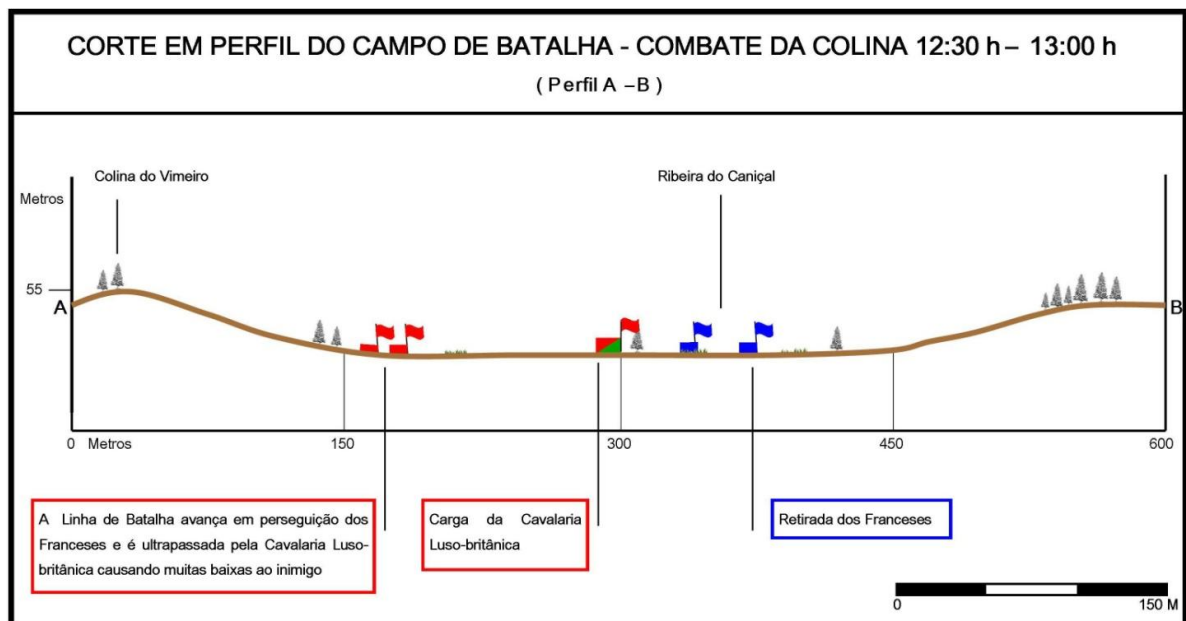


Figura 28 - Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 12:30 horas e as 13:00 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes.

Conclusão

A prospeção das áreas designadas resultou na recolha e identificação de um conjunto de artefactos relacionados com a batalha. Embora fosse nossa intenção a prospeção de um transepto que incluísse o topo da colina, tal foi impossibilitado pela ocupação da área por algum casario e quintais murados. A pesquisa decorreu nas áreas mais próximas, que a nosso ver permitiriam uma amostra das ações militares na colina do Vimeiro.

O espólio recolhido foi submetido ao estudo nas suas características particulares e na sua relação quanto à localização e espaço designado por campo de batalha. Esta constatação permitiu a confrontação dos dados recolhidos com as fontes documentais (testadas de uma forma crítica), de modo a identificar diferentes fases dos acontecimentos refutando-as, comprovando-as ou enriquecendo-as com a informação arqueológica. Não esquecendo que os artefactos falam por si e providenciam uma imagem visceral da batalha e dos homens que nela combateram (POLLARD, 2011: 153).

Num primeira impressão dos vestígios recolhidos foi possível observar de uma forma geral os seguintes factos (Figura 21, página 64):

- a) Uma proximidade da maior concentração de vestígios (40-50 metros) com as cotas máximas do topo da colina (49 a 55 metros);
- b) Uma maior concentração de objetos na Área 1, com diversas tipologias;
- c) Parecem formar-se linhas irregulares de objetos, tendo como referencia os projéteis de armas ligeiras, com a Rua da Victória e logo com a Linha de cotas máximas da colina;
- d) Na Área 2 verifica-se uma maior dispersão de artefactos ao distanciar-se perpendicularmente e de forma descendente em relação à Área 1;

Interpretação Geral: Espólio, Espaço e Táticas⁷⁴

Foi possível constatar que a Área 1 apresentava a maior concentração de vestígios da batalha, tendo sido esta implantada com a finalidade de detetar uma zona de choque entre defensores e atacantes. A proximidade dos vestígios de combates com a crista da colina, distante a apenas 40 a 50 metros, parece-nos indicar que em determinada fase da ação os combates estiveram muito próximos do que podemos considerar a localização da linha defensiva Britânica (seguindo a crista da colina sudoeste - nordeste). Esta situação parece indicar que a vanguarda Francesa ao subir a encosta conseguiu chegar muito perto dos Britânicos, quer por seu mérito, sustendo o fogo das salvas de espingarda e de artilharia na colina ou porque os Aliados assim o permitiram. A leitura dos testemunhos Britânicos parecem apontar para uma intenção de atrair e permitir o acesso dos Franceses àquela localização:

The 50th were in line, on the right of the reserve guns, and just sufficiently retired from the crest of the hill to be out of sight of the enemy, and instead of advancing in line, or by divisions or companies, to fire to the enemy, each man advanced singly when he had loaded, so as to see into the valley, and fired, on having taking his aim, he then fell back into this place to reload. By this management the enemy concluded that the guns were supported by a small number of light infantry only (LANDMAN, 1854: 203).

Walker immediately advanced his gallant 50th to the crest of the hill (...) Then Walker called out, raising his drawn sword and waving it high over his head "Three cheers and charge, my brave fellows!" and away went this gallant regiment, huzzaing all the time of their charge down the hill, before the French had recovered from their astonishment at discovering that the guns were not unprotected by infantry, as I afterwards was informed they had up to that instant fully believed (LANDMAN, 1854: 213-214).

⁷⁴ Ver coleção de plantas no Apêndice III e Figura 21.

Astonished at not being fired upon, they halted for a moment, and were in the act of proceeding with their attack when the gallant "half Hundred"⁷⁵ first, and the other corps as they could find room, meet them with loud shouts and a most resolute charge of the bayonet, driving and scattering back in all directions (BART, 1868: 103-104).

Pela leitura destes testemunhos parece-nos que a intenção do comando Britânico seria ocultar o número de tropas Britânicas na Colina, levando os Franceses a acreditar que a colina se encontrava desprotegida, apenas com algumas peças de artilharia e alguma infantaria defendendo-as. Assim podemos encontrar explicação para a proximidade da grande concentração de espólio perto da crista, que demarca o local (Área 1 sudoeste – nordeste) onde a vanguarda Francesa foi parada. Voltaremos a esta questão.

Trata-se do conceito de tática de Contracosta, *Reverse Slope*, onde se ocultam as linhas principais por de trás da colina não deixando o inimigo ter uma ideia dos números. Quando os Franceses se aproximaram a poucos metros do topo da colina, as linhas Britânicas surgem apressadamente e inesperadamente fazendo um intenso fogo de espingarda e carregando de imediato à baioneta, aproveitando momento do choque e surpresa do inimigo (HAYTHORNTHWAITE, 2008: 44-45).

Interpretar o Combate da Colina

Os projéteis de Armas Ligeiras

Foi recolhido um conjunto de vinte exemplares de projéteis de armas ligeiras. A maioria foi recolhida dentro da Área 1 paralelamente à colina, sensivelmente acompanhando a hoje Rua da Victória. Neste conjunto encontramos uma maioria de projéteis compatíveis com as armas Britânicas que podemos atribuir ao fogo efetuado pela linha defensiva Britânica sensivelmente de noroeste para sudeste, para

⁷⁵ O Regimento nº 50 Britânico

determinados alvos nesta localização. Esse fogo foi feito da crista para a encosta descendente de modo a travar as colunas Francesas.

Ao observar a georreferência destes projéteis (Figura 21, página 64 e Planta 3 Apêndice III) é possível determinar linhas irregulares que poderão representar disparos Britânicos realizados em formação linear com uma pontaria baixa. Este facto deve-se muito provavelmente ao fumo da pólvora negra que não permitia ver os alvos durante o combate tal como nos descreve o soldado Harris presente no combate:

I myself was very soon so hotly engaged, loading and firing away, enveloped in the smoke I created, and the cloud which hung about me from the continued fire of my comrades, that I could see nothing for a few minutes but the red flash of my own piece amongst the white vapor clinging to my very clothes (HARRIS, 1970: 26-27).

Dos projéteis recolhidos alguns apresentavam marcas óbvias de impacto, não querendo dizer que as outras não tenham sido disparadas e atingido os alvos. As mais deformadas podem sugerir tiros a curta distância resultantes de um impacto violento, quando o projétil detém a máxima força. Outros exemplares recolhidos sem deformação aparente, não significa que não tenham atingido o alvo, visto que podem ter trespassado os tecidos moles de um corpo não deixando deformação no chumbo (POLLARD, 2011: 155, 159). Um dos exemplares (CBV-049) apresenta as características de ter atingido osso ou árvore pela sua forma hemisférica. Exemplares semelhantes foram recolhidos no campo de batalha de Monmouth (SIVILICH, 2005: 10).

Foram recolhidos cinco exemplares compatíveis com a espingarda Francesa (CBV-003; CBV-004; CBV-009; CBV-020 e CBV-023) possivelmente disparados aquando do avanço dos Franceses em direção ao topo da colina, numa primeira fase contra os serventes de artilharia e depois contra a linha Britânica. Podem também estar relacionados com disparos à queima-roupa quando a linha Britânica carregou à baioneta sobre a vanguarda Francesa.

Foram recolhidos apenas três exemplares na Área 2 sendo dois deles compatíveis com a carabina Baker.

Os Projéteis de Artilharia

Dos cinco exemplares de artefactos relacionados com a artilharia, quatro são fragmentos/estilhaços de bombas ou granadas e um possivelmente atribuível a projétil de lanterneta. A artilharia desempenhou um papel importante durante a batalha. As peças Britânicas posicionadas na colina utilizaram diversos tipos de projeteis, lanterneta, projéteis sólidos, bombas e um novo tipo de explosivo, a granada Shrapnel:

Eighteen pieces of cannon⁷⁶ opened on them at once, and the Shrapnel-shells at the first discharge struck down the files of a platoon, and then exploded in the platoon that followed (FOY, 1827: 521).

During the whole progress of this column, the artillery kept up a most destructive fire, each of the guns being loaded with a round shot, and over that a canister, and I could most distinctly perceive at every discharge that a complete lane was cut through the column from front to rear by the round shot, whilst the canister was committing dreadful carnage on the foremost ranks (LANDMAN, 1854: 211).

Comum à progressão dos três ataques Franceses foi o seu constante bombardeamento pela artilharia do alto da colina. O projétil identificado como possivelmente de lanterneta (CBV-033) recolhido na Área 1 é indicador do uso de projéteis antipessoais mais eficazes na proximidade de grandes massas. Os fragmentos de estilhaços recolhidos nas duas Áreas de estudo são, possivelmente, da artilharia Britânica no topo da colina. Os calibres correspondem provavelmente a peças Britânicas e a sua localização parece apontar no sentido de prejudicar a progressão dos Franceses. Embora estas granadas ou bombas possam ter sido disparadas com o inimigo a alguma distância, os estilhaços resultantes da explosão da espoleta podem espalhar-se num grande cone (picaretada) e nessa lógica pode-se explicar a existência destes fragmentos perto da suposta linha defensiva.

⁷⁶ O General Foy exagerou no número de peças no topo da colina. O número exato não é conhecido mas seriam cerca de 16 as peças de artilharia Britânicas em todo o campo de batalha.

Da parte dos Franceses parece ter havido uma maior dificuldade no uso das peças de artilharia. Esta situação resulta na quase omissão nas fontes Britânicas ou relegado para um papel secundário. As poucas referências indicam tiros que passavam por cima da colina, falhando o alvo e caindo no casario do Vimeiro como nos relata o soldado Harris (HARRIS, 1970: 24-25) e Landman (LANDMAN, 1854: 201). O General de artilharia Francesa Foy refere que os animais de tiro das peças foram sendo mortos, os oficiais artilheiros mortos ou feridos e a confusão da massa de soldados Franceses dificultava as manobras das peças (FOY, 1827: 521). O alargamento da área de prospeção em futuros trabalhos poderá recolher mais dados em relação a este assunto.

O Destroço: Botões, Equipamento e Outros

A quantidade e variedade de espólio recolhido na Área 1 parecem apontar para um cenário de combate corpo-a-corpo⁷⁷. Para além dos já mencionados projéteis uma outra variedade de objetos classificados nas tipologias de botões, fivelas, objetos pessoais, fragmentos de armas, cavalaria e outros indeterminados parecem apontar para o choque entre os dois exércitos descrito nas fontes históricas:

Walker now ordered his men to prepare to close attack and he watched with eagle eye the favorable moment for pouncing on the enemy. When the latter, in a compact mass, arrived sufficiently up the hill, now bristled with bayonets, the black cuffs poured in a well directed volley upon the dense array. Then cheering loudly, and led on by its gallant chief, the whole regiment rushed forward to the charge, penetrated the formidable columns, and carried all before it. (PATTERSON, 1837: 45-46)

⁷⁷ Situação idêntica foi constada nos trabalhos arqueológicos no campo de batalha de Culloden, Escócia (POLLARD, 2011).

Cada ataque Francês parece ter sido travado, em última instância, por salvas de espingarda e artilharia e finalmente por uma carga à baioneta por parte da infantaria Britânica. Desse choque ainda que por momentos podemos imaginar uma luta violenta corpo-a-corpo, com tiros disparados em proximidade, duelos de baioneta resultando nos fragmentos de armas partidas, botões arrancados, mochilas tombadas, etc. Estes vestígios indicam onde esse tipo de combate foi mais intenso (POLLARD, 2011: 143). Foram recolhidos dois fragmentos pertencentes ao mecanismo de uma espingarda Britânica Brown Bess (CBV-017 e CBV-029) embora não possamos ter a certeza se pertencem à mesma arma (ambos recolhidos em proximidade), podem pertencer a uma arma usada como moca e quebrada na zona onde a madeira é mais frágil, o mecanismo. Na impossibilidade de carregar a arma e ou na perca da baioneta, as espingardas apresentavam na cronha uma chapa de coice que permitia causar danos físicos no inimigo.

Um conjunto de dez botões foi recolhido nas duas áreas, oito na Área 1 e dois na Área 2. Dois botões foram identificados como Franceses e pertencentes aos Regimentos 82º (CBV-027) e 58º (CBV-052) ambos presentes no ataque à colina. O Regimento 82º juntamente com o Regimento 32º formavam a Brigada do General Charlot, sendo um indicativo que estas unidades foram travadas neste local. O botão do Regimento 58º pertence certamente a um soldado granadeiro presente no último ataque à colina. Embora este Regimento estivesse envolvido no ataque à Colina da Ventosa, Junot decidira retirar aos Regimentos Franceses em Portugal as companhias de granadeiros, formando dois Regimentos provisionais de elite para serem utilizados num momento decisivo (CHARTRAND, 2001: 39). Poderá pertencer a um dos granadeiros mortos durante o intenso bombardeamento:

The grenadier regiment pushed on till it came within a hundred yards of the flat summit (...) the first two platoons of grenadiers disappeared, as if they had been annihilated (FOY, 1827: 521).

Para além destes botões que não apresentavam dúvidas quanto à nacionalidade foram recolhidos outros sem marcas identificadoras e três possivelmente relacionados com Regimentos Britânicos (CBV-008, CBV-028 e CBV-053)

Para reforçar a interpretação desta área como de combate corpo-a-corpo conta-se um conjunto de fivelas, relacionadas com diversos elementos do equipamento dos soldados. Dois exemplares encontram-se partidos parecendo corresponder a marcas da violência dos combates (CBV-005 e CBV-021). Foi de igual modo recolhida uma pequena medalha religiosa, com a anilha partida, provavelmente perdida na confusão dos combates. Outros elementos pessoais dos soldados foram identificados sob a forma de um fragmento de uma navalha (CBV-036) e dois talheres (CBV-045 e CBV-054).

Dois artefactos identificados como decoração de arreios de cavalos podem estar relacionados com um cavalo de oficial Francês tombado ao comandar o ataque:

I could also distinguish the animated looks and gestures of the mounted officers, who, with raised swords, waving forwards, strongly manifested their impatience at the slowness of their advance ... (LANDMAN, 1854: 212)

Outra hipótese é estarem relacionados com a carga de Cavalaria Luso-britânica que na última fase da Batalha carregou sobre os Franceses ou um dos animais de tiro pertencentes às peças de artilharia Britânica na colina.

Os resultados obtidos pelos trabalhos de arqueologia realizados na colina do Vimeiro permitiram de um modo geral responder a alguns dos objetivos propostos inicialmente. Foi possível identificar e atribuir uma localização definitiva para o contexto arqueológico da encosta da colina – tendo sido possível localizar a Linha defensiva Britânica bem como a área de confronto corpo-a-corpo. Constatou-se ainda a importância da geografia do terreno na provável ocultação inicial das tropas aliadas e a sua rentabilização face a um exército Francês veterano.

Bibliografia

[ANÓNIMO] (1808) – *Relação da Batalha do Vimeiro, em que forão completamente derrotadas, e vencidas as tropas Francezas*. Minerva Lusitana.

[ANÓNIMO] (2009) «*Pesquisas Arqueológicas da Batalha do passo do Rosário/Ituzaingó*» in A Retoma 2009, Órgão de Divulgação de Atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Brasil.

ATHAÍDE, Maria, et al. (2006) «*Vestígios Materiais da Guerra – A Destruição da Capela de S. Marcos em Trancoso, no ano de 1395*» in Da Idade Média à Contemporaneidade nº4. Figueira de Castelo Rodrigo.

BARKER, Philip (1993) – *Techniques of Archaeological Excavation*. London: B.T. Batsford Ltd.

BART, Richard (1868) – *Historical records of the Forty-third Regiment, Monmouth shire Light Infantry*. London: W. Clowes & Sons.

BERNARD, Gilles; **LACHAUX**, Gérard (2005) - *Waterloo, Les Reliques*. Paris: Histoire et Collections.

BINDER, Michaela; **OBERTHALER**, Sylvia Sakl (2014) «*Battle Dead of Aspern: Discovering Napoleon's Defeated Army*» in Current World Archaeology Magazine nº62. London: CWM, pp. 26-31.

BRANCO, Pedro Soares (2008) – *Os Uniformes Portugueses na Guerra Peninsular*. Lisboa: Tribuna da História.

BUTLER, Scott (2011) - *Metal Detector Survey and Battlefield Delineation of the Buford's Massacre (Waxhaws) Revolutionary War Battlefield, SC Route 9 and SC Route 522 Intersection Improvements*. Columbia: South Carolina Department of Transportation, Columbia, South Carolina.

CALVER, William (1928) «*Consider the Revolutionary Bullet*» in New York Historical Society Bulletin 11. New York: New York Historical Society, pp. 120-127.

CATARINO, Helena (2003) «*De novo Sobre a Batalha de Aljubarrota: Os Resultados da Intervenção Arqueológica de 1999*» in *Arqueologia Medieval* 8. Mértola: Afrontamento.

CHARTRAND, René (2001) - *Vimeiro 1808. Wellesley's first victory in the Peninsular*. Oxford: Osprey Publishing.

CIPRIANO, Rui (2008) – *Comemorações do Primeiro Centenário da Batalha do Vimeiro*. Lourinhã. Câmara Municipal da Lourinhã.

CLUNN, Tony (2005) – *The Quest for the Lost Roman Legions*. Spellmount: Savas Beatie.

COOKSEY, Jon (2005) - *Battlefields – Annual Review*. South Yorkshire: Pen & Sword Military.

DARLING, Anthony (1970) - *Red Coat and Brown Bess*. Ottawa: Museum Restoration Service.

FALLOU, Louis (1915) - *Le Bouton Uniforme Français. De l'Ancien-Régime à fin juillet 1914*. Seine: La Giberne.

FILIFE, Rui Ribolhos (2008) - *A Batalha do Vimeiro. 2º Centenário da Batalha*. Lourinhã: Câmara Municipal da Lourinhã.

FILIFE, Rui Ribolhos (2011) «*A Igreja “Fortaleza” de São Miguel durante a Batalha do Vimeiro*» in *Revista CEAMA*, nº7. Almeida: Câmara Municipal de Almeida.

FILIFE, Rui Ribolhos (2013) «*Botões de Uniforme da Guerra Peninsular: Contributo Para o Estudo dos Botões Militares/Patrióticos D. João VI, Príncipe Regente*», in *Telheiras Cultural* nº6. Lumiar.

FILIFE, Rui Ribolhos (2015) «*O Campo de Batalha do Vimeiro – Estudo e Conservação de Património Histórico e Militar da Guerra Peninsular*» in *Atas do Seminário A importância das Linhas de Torres na Europa em 2008*. Arruda dos Vinhos: PILT. No Prelo.

FLETCHER, Ian (2001) – *Voices From the Peninsula, Eyewitness Accounts by Soldiers of Wellington's Army 1808-1814*. London: Greenhill Books.

FOARD, Glenn (2004) – *Bosworth Battlefield. A Reassessment*. Leicestershire County Council & Glenn Foard. Leicestershire: Chris Barnett Associates.

FOREMAN, Laura; **PHILLIPS**, Ellen Blue (1999) - *Napoleon's Lost Fleet*. London: Discovery Books.

FOY, Maximilien (1827) – *Histoire de la Guerre de la Péninsule sous Napoléon*. Paris: Badouin Frères Éditeurs.

GARCIA, Catarina; **MONTEIRO**, Paulo; **ALVES**, Francisco (1999) – «*Estratégias e metodologias de intervenção arqueológica subaquática no quadro do projeto de construção de uma marina na baía de Angra do Heroísmo*». in Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 2, nº2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GLEIG, George Robert (1837) – *The Hussar*. Volume I. London: Henry Colburn Publishers.

GRIFFITH, Paddy (2007) – *French Napoleonic Infantry Tactics 1792-1815*. London: Osprey Publishing.

GUILLEMARD, Robert (1826) – *Memories of a French Sergeant, During His Campaigns In Italy, Spain, Germany, Russia, &c. From 1803 to 1823*. London: Henry Colburn.

GURWOOD, Colonel (1835) – *The Dispatches of Field Marshal the Duke of Wellington, K.G.* London: John Murray Albemarle Street.

HAECKER, Charles M. (1994) - *A Thunder of Cannon, Archaeology of the Mexican-American War Battlefield of Palo Alto*. Santa Fé: National Park Service New Mexico.

HEITERT, Kristen (2009) - *Archaeological Overview and Assessment Bunker Hill Monument*. PAL.

HENRY, Chris (2002) - *British Napoleonic Artillery – Field Artillery 1793-1815*. London: Osprey Publishing.

HARRIS, John (1970) – *The Recollections of Rifleman Harris as told to Henry Curling*. London: Century Publishing.

HARRIS, Edward (1991) – *Principios de Estratigrafía Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

HAYTHORNTHWAITE, Philip (1983) – *Napoleon's Line Infantry*. London: Osprey Publishing Ltd.

HAYTHORNTHWAITE, Philip (2008) – *British Napoleonic Infantry Tactics 1792-1815*. Oxford: Osprey Publishing Ltd.

IRIA, Carlos (2010) – *A Invasão de Junot no Algarve*. Olhão: APOS

JUNOT, Jean-Andoche (2008) – *Diário da Primeira Invasão Francesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

LANDMAN, Colonel (1854) - *Recollections of My Military Life*. Vol. II. London: Hurst and Blackett Publishers.

LATHAM, Robert (2006) – *Discovering British Military Badges and Buttons*. Buckinghamshire: A Shire Book.

LEACH, Jonathan (1831) – *Rough Sketches of the Life of an Old Soldier*. London: Longman, Rees, Orme, Brown and Green.

LEMAIRE, Frédéric (2010) - «*Le Matériel du Camp Napoléonien 1803-1805* » in Rapport de Opération de Fouille Préventive. INRAP.

LESLIE, Jonh (1908) – *The Services of the Royal Regiment of Artillery in The Peninsular War 1808 to 1814*. London: Hugh Rees Limited.

LYNCH, Tim; **COOKSEY**, Jon (2007) - *Battlefield Archaeology*. Gloucestershire: Tempus Publishing Ltd.

MASCARENHAS, António; **BERGER**, José (2013) – *As Linhas de Defesa de Lisboa Construídas na Guerra Peninsular. Memórias de Engenheiros Militares Coligidas por Ocasão do 2º Centenário*. Lisboa: Direção de Infra-Estruturas do Exército.

MCCONNELL, David (1988) – *British Smooth-bore Artillery*. Ontario: National Historic Parks and Sites.

MONTEIRO, Mário; **PEREIRA**, André (2008) – *O Forte das Batarías sobre a Ribeira do Alvito (Proença-a-Nova). Análise Preliminar da Intervenção Arqueológica*. Vila Velha de Rodão: AÇAFA

- MOORE**, Stephen (2009) – *Rediscovering History*. Texas: Garret Metal Detectors.
- NAYLER**, Peter (1993) – *Military Button Manufacturers from the London Directories 1800-1899*. Ontario. Archaeological Services, National Historic Sites.
- NEALE**, Adam (1809) - *Letters From Portugal and Spain, Comprising an account of the operations of the armies under their excellencies Sir Arthur Wellesley and Sir John Moore from the landing of the troops in Mondego Bay to the Battle of Corunna*. London: Printed for Richard Phillips.
- NEVES**, José Acúrsio das (2008) - *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino*. Porto: Edições Afrontamento.
- OMAN**, Charles (1902) – *A History of the Peninsular War 1807-1809. From the Treaty of Fontainebleau to the Battle of Corunna*. Vol. I. Oxford: Clarendon Press.
- PACHECO**, António (1809) – *História Crítica dos Franceses em Portugal em 1807, 1808 e 1809*. Documento Policopiado AHM-DIV-1-14-512-07. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.
- PAÇO**, Afonso (1959) «*Escavações de Carácter Histórico no Campo de Batalha*» in *Aljubarrota*. Lisboa: Horus.
- PATTERSON**, Jonh (1837) – *The Adventures of Captain Jonh Patterson*. London: T. & W. Boone.
- PEREIRA; FERNANDEZ** (2009) «*Proyecto de prospección Arqueológico del Campo de Batalla de San Pedro*» in *Jornadas de Investigación en Humanidades*. Montevideo.
- PIGEARD**, Alain (2006) «*La Grande Armée à Vilnius, Souvenirs d'une Campagne*» in *Tradition Magazine* nº 225. Paris: Tradition Magazine, pp. 41-44.
- PLANAS**, Mercedes (2004) – *A Short Guide to GPS*. British Archaeological Jobs and Resources, Souterrain Archaeological Services.
- PLEINEVILLE**, Natalia Griffon (2010) «*Le Dossier du Mois: Vimeiro 1808*» in *Gloire & Empire* nº 29. Paris: Gloire & Empire, pp. 9-100.
- POLLARD**, Tony (1999) «*Looking For the Thin Red Line*» in *Skirmish Magazine*. Dorset: Pike & Shot Events Ltd.

POLLARD, Tony e **OLIVER**, Neil (2002) - *Two Men in a Trench. Battlefield Archaeology, The Key to Unlocking the Past*. London: Penguin Books.

POLLARD, Tony (2011) - *Culloden- The History and Archaeology of the Last Clan Battle*. South Yorkshire: Pen and Sword.

PUÉRTOLAS, Ana (2011) «*Fougueux, História de um Navio*», in National Geographic nº 127. Lisboa: National Geographic Portugal, pp. 37-49.

REID, Stuart (1997) – *British Redcoat (2) 1793 – 1815*. London: Osprey Publishing.

SCOTT, Douglas D. (1987) – *Archaeological Insights into the Custer Battle: An Assessment of the 1984 Field Season*. Oklahoma: University of Oklahoma Press.

SCOTT, Douglas D. (2006) - *Archaeological Mitigation of the Federal Lands Highway Program Plan to Rehabilitate Tour Road, Route 10, Little Bighorn Battlefield National Monument, Montana*. Midwest: Midwest Archaeological Center Technical Report, United States Department of the Interior.

SELVAGEM, Carlos (1999) – *Portugal Militar*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SIGNOLI, Michel; et Alii (2002) - *Les Oubliés de La Retraite de Russie, Vilna 1812-Vilnius 2002*. Paris: Éditions Historiques Teissèdre.

SILBERMAN, Neil (2012) – *The Oxford Companion to Archaeology*. Oxford: Oxford University Press

SILVA, José António; **REGALADO**, Jaime Ferreira (2010) - *Armamento Ligeiro da Guerra Peninsular 1808-1814*. Porto: Fronteira do Caos Editores.

SIVILICH, Daniel M. (2005) - «*Revolutionary War Musket Ball Typology – An Analysis of Lead Artifacts Excavated at Monmouth Battlefield State Park*» in Southern Campaigns of the American Revolution, South Carolina. Lugoff: S.C.A.R., Vol. 2, N. 1, pp. 7-19

SIVILICH, Daniel M. (2005) - «*Evolution of Macro-Archaeology of the Battle of Monmouth – 1778 American Revolutionary War*» in Battlefields Annual Review. South Yorkshire: Pen and Sword.

SOUSA, Maria Leonor Machado (2007) - *A Guerra Peninsular em Portugal, Relatos Britânicos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

SUTHERLAND, Tim. (2005) - *Battlefield Archaeology, A Guide to the Archaeology of Conflict*. Bradford: Department of Archaeological Sciences University of Bradford.

TERENAS, Gabriela Gândara (2000) - *O Portugal da Guerra Peninsular. A Visão dos Militares Britânicos (1808-1812)*. Lisboa: Edições Colibri.

THIEBAULT, Baron (1817) - *Relation de L'expédition du Portugal faite en 1807 et 1808, par le 1er Corps d'observation de la Gironde, devenu Armée du Portugal*. Paris: Chez Magimel, Anselin et Pochard.

THIEBAULT, Baron (1896) - *The Memoirs of Baron Thiebault*, vol. II. London: Smith, Elder & Co.

TURNER, Pierre (2006) - *Soldiers' Accoutrements of the British Army 1750-1900*. Wiltshire: The Crowood Press Ltd.

URBANUS, Jason (2014) «*Bonnockburn Booty*» in *Arcaheology Magazine*, volume 67, issue 4. New York.

VICENTE, António (2007) - *Guerra Peninsular 1801-1814*. Lisboa: Quidnovi.

VICENTE, António (1995) «*Invasões Francesas*» in *História de Portugal Vol. VIII*. Alfragide: Clube Internacional do Livro.

WARRE, William (1909) – *Letters from the Peninsula 1808-1812*. London: John Murray

WASON, David (2003) – *Battlefield Detectives*. London: Granada Media

WHITEHEAD, Ross (1996) – *Buckles 1250-1800*. Essex: Greenlight Publishing.

Carta Militar Portuguesa, Folha nº 361, A-Dos-Cunhados – Torres Vedras, escala 1: 25 000. [Série M888, Edição 4 – Instituto Geográfico do Exército 2004].

Lista de Figuras

Figura 1 – Localização na Carta Militar dos vários Topónimos identificados com a Batalha do Vimeiro – Pág. 15

Figura 2 – A gloriosa carga de cavalaria Portuguesa – A visão Portuguesa – Pág. 18

Figura 3 – Metodologia de aplicação prática do detetor de metais no Vimeiro. Esta metodologia teve como objetivo a cobertura de 100% das áreas designadas – Pág.21

Figura 4 – Pormenor da Fecharia de Pederneira de uma pistola Francesa – Fig. 41

Figura 5 – A organização dos Batalhões Franceses e Britânico à data da Batalha do Vimeiro – Pág. 44

Figura 6 – Batalhão Britânico em Linha de combate – Pág. 44

Figura 7 – Duas versões da Coluna Francesa em ataque por Batalhões – Pág. 45

Figura 8 – Mapa representativo dos vários combates que constituem a Batalha do Vimeiro – Pág. 49

Figura 9 – Área em pormenor do Vimeiro e Combate da Colina. Com base na Carta Militar Portuguesa nº361. 1:25000 – Pág. 50

Figura 10 – O Combate da Colina. A área de Intervenção em relação ao monumento comemorativo do Primeiro Centenário. Com base na Carta Militar Portuguesa nº361. 1:25000 – Pág. 50

Figura 11 – Localização geral dos dois transeptos para prospeção. Com base na Carta Militar Portuguesa nº361. 1:25000 – Pág. 54

Figura 12 - Implantação dos transeptos para prospeção sobre Ortofotomapa. Imagem base disponibilizada pelo Serviço Nacional de Informação Geográfica – Pág. 55

Figura 13 – Planta Geral das duas áreas intervencionadas com recurso a prospeção – Pág. 56

Figura 14 - Prospeção com detetor de metais e colocação de bandeirolas – Pág. 58

Figura 15 – Limpeza do manto herbáceo para proceder à escavação do alvo – Pág. 58

Figura 16 - Escavação dentro de caixa de sondagem, marcação de coordenadas através de sistema *Global Position System* e preparação para fotografia – Pág. 59

Figura 17 - Recolha e identificação de artefactos – Pág. 59

Figura 18 – Esquema geral das caixas de sondagem abertas para identificação e recolha de espólio – Pág. 61

Figura 19 – Pormenor da limpeza do manto herbáceo sendo visível imediatamente a única unidade estratigráfica identificada. A profundidade máxima alcançada foi de 15cm – Pág. 61

Figura 20 – Gráfico representativo da quantidade de artefactos por categoria – Pág. 63

Figura 21 – Planta Geral referente ao Espólio – Pág. 64

Figura 22 – O Vento. Esquema demonstrativo do interior do cano de uma espingarda – Pág. 67

Figura 23 – Localização dos dois Fragmentos em relação à espingarda – Pág. 88

Figura 24 – Corte **A-B** representado num pormenor da carta militar nº361 Torres Vedras, A-dos-Cunhados. As figuras seguintes apresentam o perfil deste corte – Pág. 101

Figura 25 – Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 00:30 horas e as 06:00 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes – Pág. 101

Figura 26 - Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 06:00 horas e as 10:30 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes – Pág. 102

Figura 27 - Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 10:30 horas e as 11:30 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes – Pág. 102

Figura 28 - Corte diacrónico da Batalha do Vimeiro entre as 12:30 horas e as 13:00 horas da manhã de 21 de Agosto de 1808. Proposta apresentada com base na interpretação das fontes - 103

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Calendarização dos Trabalhos Arqueológicos – Pág. 47

Tabela 2 – Coordenadas do sítio. Localiza-se a Este do Monumento do Primeiro Centenário da Batalha do Vimeiro com fácil acesso através da Rua da Victória. Numa área de encosta em direção à Ribeira do Caniçal – Pág. 53

Tabela 3 – Características das Principais armas presentes na Batalha do Vimeiro – Pág. 68

Tabela 4 – Características do conjunto quanto ao peso, diâmetro, nacionalidade e marcas visíveis – Pág. 75

Tabela 5 – Diferentes tipos de projéteis em uso ao tempo da Guerra Peninsular – Pág. 75

Tabela 6 – Relação dos Calibres com base na obra de David McConnell (MCCONNELL, 1988) – Pág. 76

Tabela 7 - Cronologia dos acontecimentos na Colina do Vimeiro. Proposta – Pág. 99

APÊNDICE I
ORDEM DE BATALHA

Ordem de Batalha dos Aliados, 21 de Agosto de 1808¹

ORDEM DE BATALHA – Comandante – Tenente-general Sir Arthur Wellesley <u>As unidades presentes no Combate da Colina encontram-se a cinzento</u>	
Unidades	Nº de Efectivos
<u>1ª Brigada</u>	
Major-general Rowland Hill	
1ºBatalhão do 5º Regimento	944
1ºBatalhão do 9º Regimento	761
1ºBatalhão do 38º Regimento	953
<u>2ª Brigada</u>	
Major-general Ronald Ferguson	
36º Regimento	591
1ºBatalhão do 40º Regimento	923
1ºBatalhão do 71º Regimento	935
<u>3ª Brigada</u>	
General de Brigada Miles Nightingall	
29º Regimento	616
1ºBatalhão do 82º Regimento	904
<u>4ª Brigada</u>	
General de Brigada Bernard Bowes	
1ºBatalhão do 6º Regimento	943
1ºBatalhão do 32º Regimento	870
<u>5ª Brigada</u>	
General de Brigada Catlin Craufurd	
1ºBatalhão do 45º Regimento	915
91º Regimento	917
<u>6ª Brigada</u>	
General de Brigada Henry Fane	
1ºBatalhão do 50º Regimento	945
5ºBatalhão do 60º Regimento Ligeiro	604
2º Batalhão do 95º Regimento Ligeiro	456
<u>7ª Brigada</u>	
General de Brigada Robert Anstruther	
2ºBatalhão do 9º Regimento	633
2ºBatalhão do 43º Regimento	721
2ºBatalhão do 52º Regimento	654
2ºBatalhão do 97º Regimento	695
<u>8ª Brigada</u>	
General de Brigada Wroth Acland	
2º Regimento	731
20º Regimento	401
1ºBatalhão do 95º Regimento Ligeiro	200
<u>Brigada Portuguesa</u>	
Tenente-coronel Nicholas Trant	
4º Regimento de Artilharia ² , 12º Regimento, 21º Regimento, 24º Regimento, Caçadores do Porto	2286
<u>Cavalaria Luso-britânica</u>	
Tenente-coronel Charles Taylor	
Regimento Portugueses: 6º, 11º, 12º e Real Guarda de Policia	299
Regimento Britânicos: 20º de Dragões Ligeiros	240
<u>Artilharia</u>³	
Tenente Coronel William Robe	
Royal artillery	226 (16 Peças de Artilharia)

¹ Com base nos dados recolhidos por René Chartrand (CHARTRAND, 2001:91-92) e Charles Oman (OMAN, 1902: 250-251).

² Sem peças de Artilharia.

³ Algumas Peças de artilharia estavam colocadas na Colina do Vimeiro.

Ordem de Batalha dos Franceses, 21 de Agosto de 1808⁴

ORDEM DE BATALHA – Comandante – General Jean Andoche-Junot As unidades presentes no Combate da Colina encontram-se a cinzento	
Unidades	Nº de Efectivos
Divisão do General Henri-François Delaborde	
1ª Brigada: General Antoine-François Brenier	
3º Batalhão do 2º Regimento Ligeiro	1075
3º Batalhão do 4º Regimento Ligeiro	1098
1º e 2º Batalhões do 70º Regimento de Linha	2358
2ª Brigada: General J. Thomière	
1º e 2º Batalhões do 86º Regimento de Linha	1945
4º Regimento Suiço	246
Divisão do General Louis Henri Loison	
1ª Brigada: General de Brigada Jean Baptiste Solignac	
3º Batalhão do 12º Regimento Ligeiro	1253
3º Batalhão do 15º Regimento Ligeiro	1305
3º Batalhão do 58º Regimento de Linha	1428
2ª Brigada: Brigadeiro-general Hugues Charlot	
3º Batalhão do 32º Regimento de Linha	1034
3º Batalhão do 82º Regimento de Linha	963
Brigada de Reserva: General François de Kellermann	
1º Regimento Provisional de Granadeiros 2º Regimento Provisional de Granadeiros	Constituídos a partir das companhias de Granadeiros dos vários Regimentos presentes no Vimeiro e dos que ficaram em Lisboa
Divisão de Cavalaria: General de Brigada Pierre Margaron	
1º Regimento Provisional de Caçadores a Cavalo	263
3º Regimento Provisional de Dragões	640
4º Regimento Provisional de Dragões	589
5º Regimento Provisional de Dragões	659
Esquadrão de Voluntários	100
Artilharia: General de Brigada Albert Tavier⁵	
Artilheiros e condutores	700 (23 Peças de Artilharia)

Forças em Confronto – Totais⁶

Aliados	Franceses
<u>Total no Campo de Batalha</u> 19,363	<u>Total no Campo de Batalha</u> 15,656⁷
<u>Total no Combate da Colina</u> 5,247	<u>Total no Combate da Colina</u> 5,188 (4188 + 1000 Granadeiros)

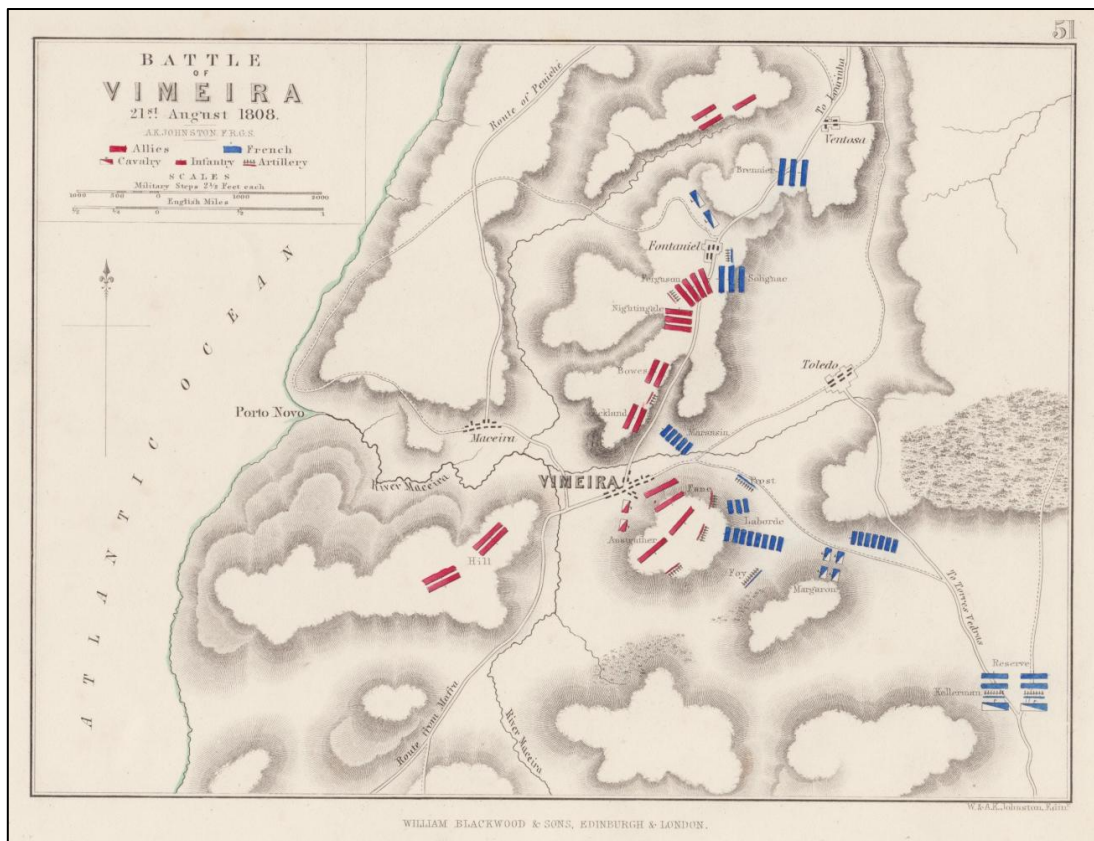
⁴ Com base nos dados recolhidos por René Chartrand (CHARTRAND, 2001:91-92).

⁵ Algumas Peças de Artilharia apoiaram a Infantaria no ataque à Colina do Vimeiro.

⁶ Os valores são obviamente debatíveis.

⁷ Outros autores colocam o número de tropas Francesas no Vimeiro nos 13 mil homens.

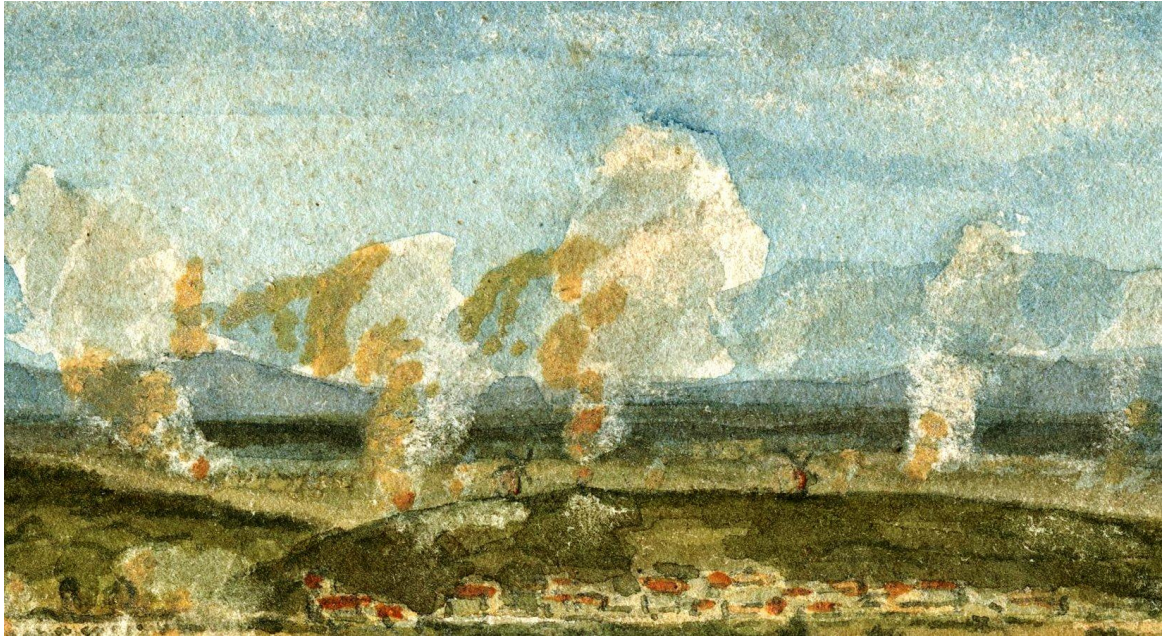
APÊNDICE II
ICONOGRAFIA



Mapa da Batalha do Vimeiro do século XIX - A sudeste da povoação do Vimeiro encontra-se a Colina do Vimeiro onde se desenrolou o Combate da Colina. William Blackwood & Sons. Coleção particular.



O último ataque à colina do Vimeiro – Os granadeiros Franceses fazem uma última tentativa para tomar a Colina do Vimeiro. Pintura de Alexander Yéjov. Coleção particular.



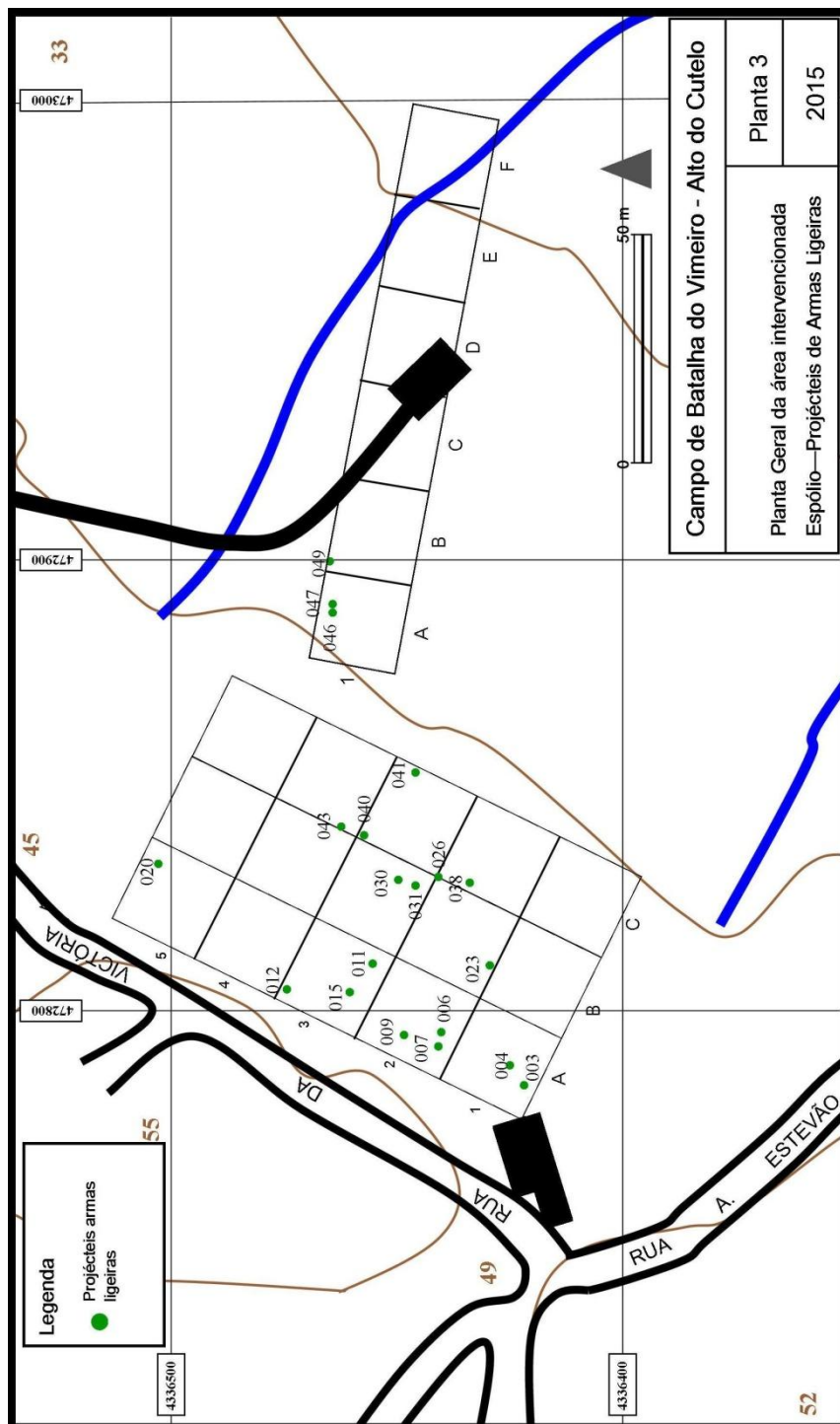
A Batalha do Vimeiro – Pormenor de uma pintura de Adam Neale, que testemunhou a batalha, onde se pode observar a povoação do Vimeiro e a colina do Vimeiro. Repare-se nos dois moinhos no topo da colina e o fumo do disparo das armas. Colecção particular.



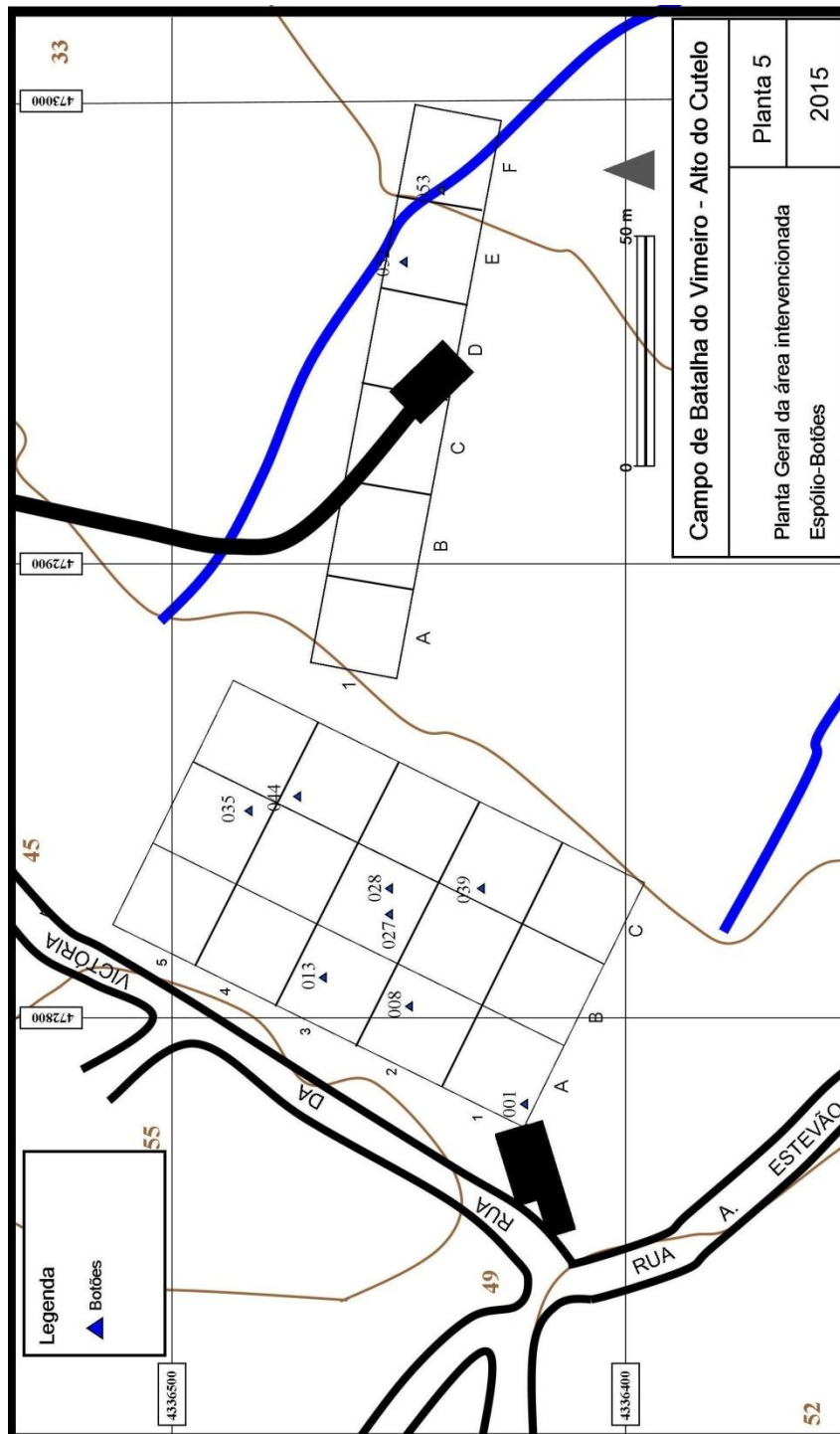
A Repulsa da Brigada Charlot – Pintura de Christa Hook. A linha defensiva Britânica inicia uma carga à baioneta sobre a Brigada do General Charlot. Ao fundo à esquerda, o moinho do Vimeiro. Coleção particular.

APÊNDICE III

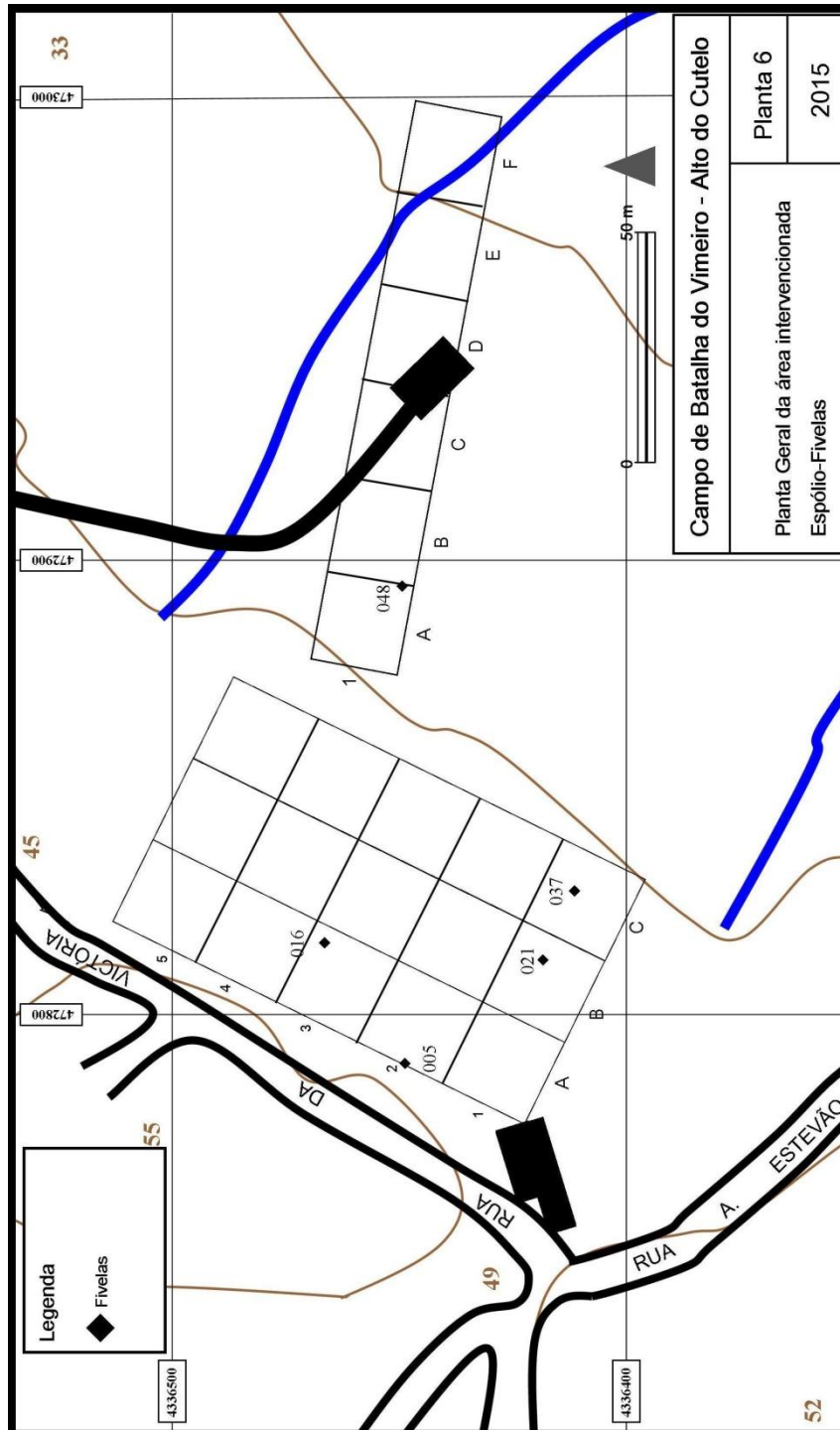
PLANTAS



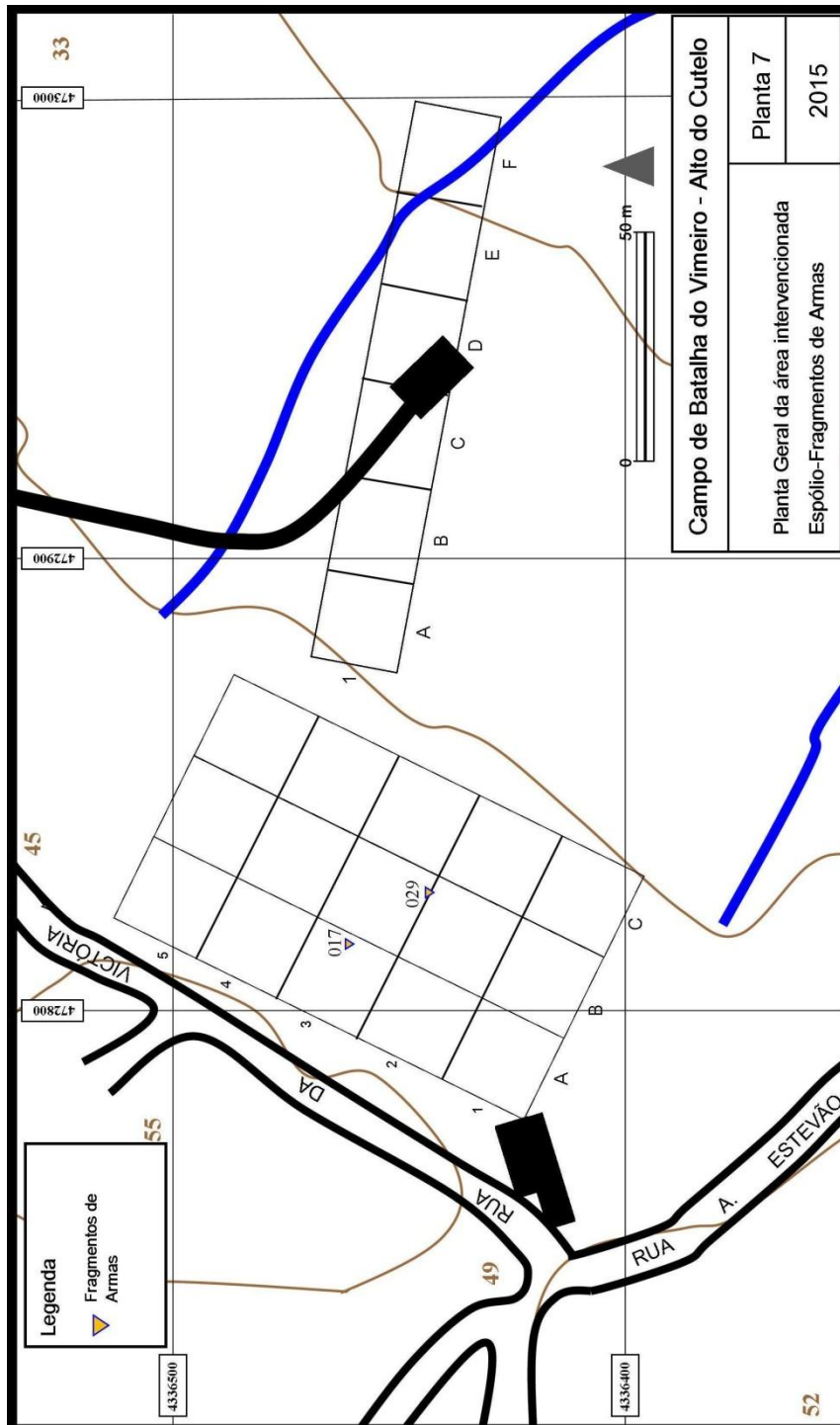
Planta 3 – Projecteis de Armas Ligeiras



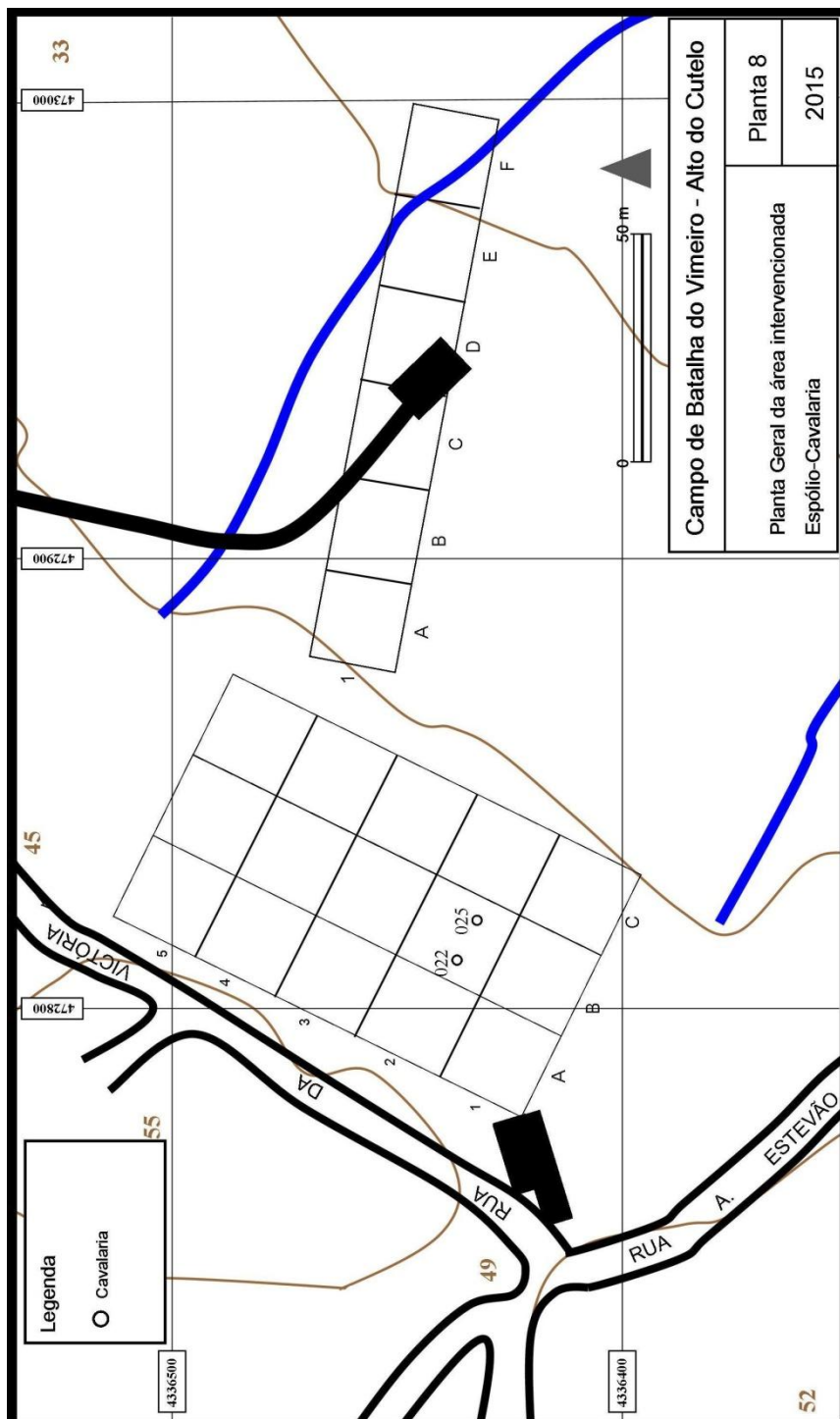
Planta 5 - Botões



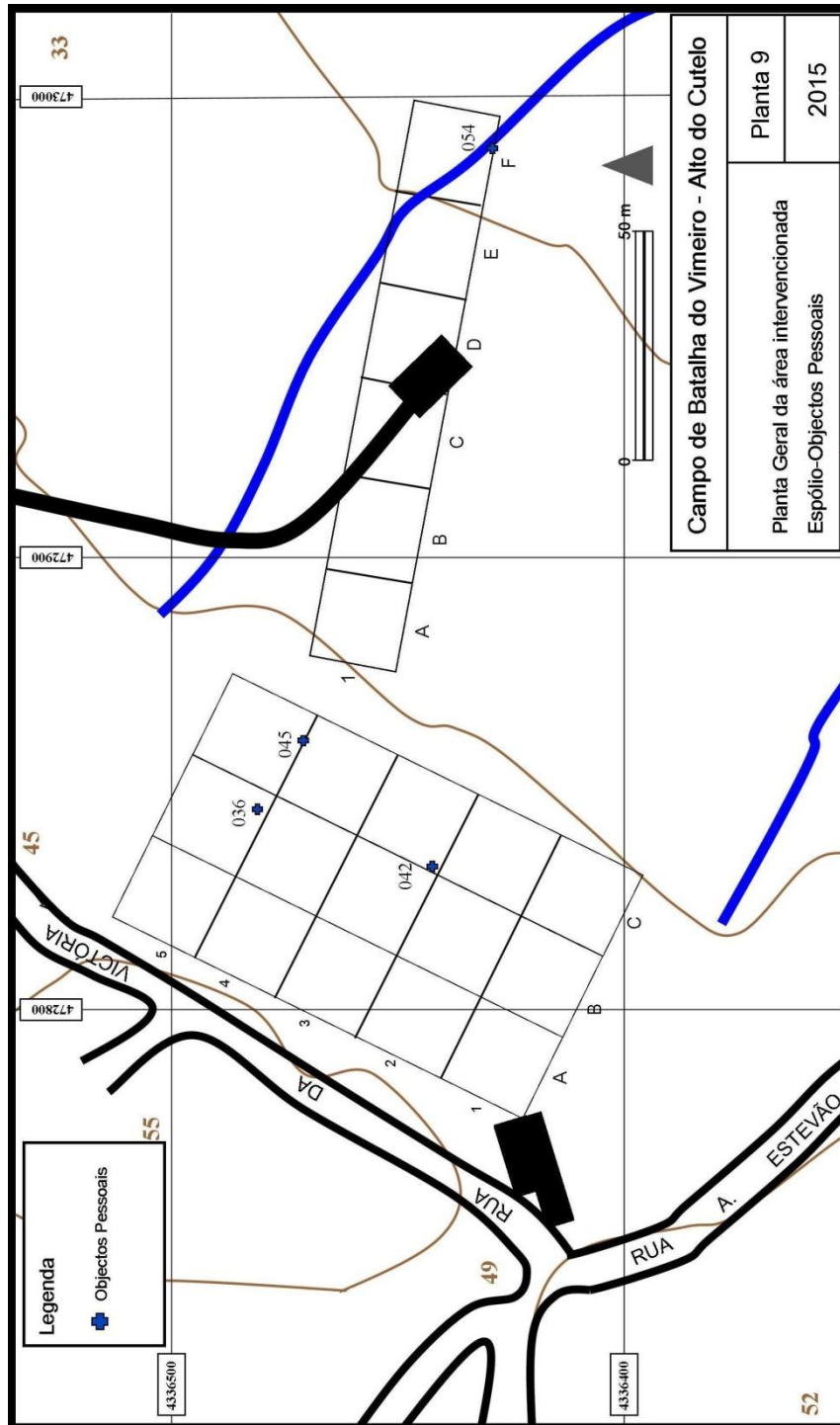
Planta 6 - Fivelas



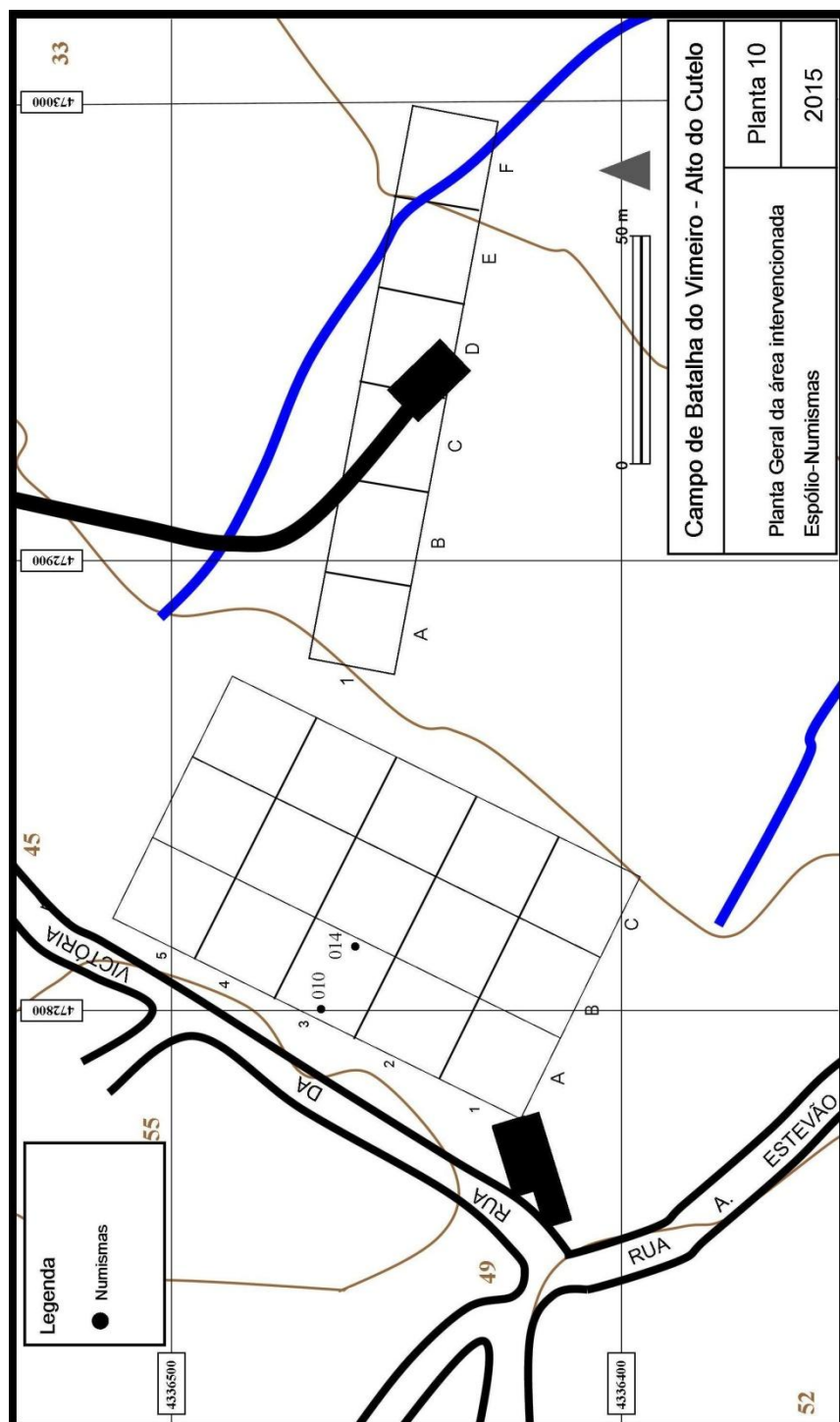
Planta 7 – Fragmentos de Armas



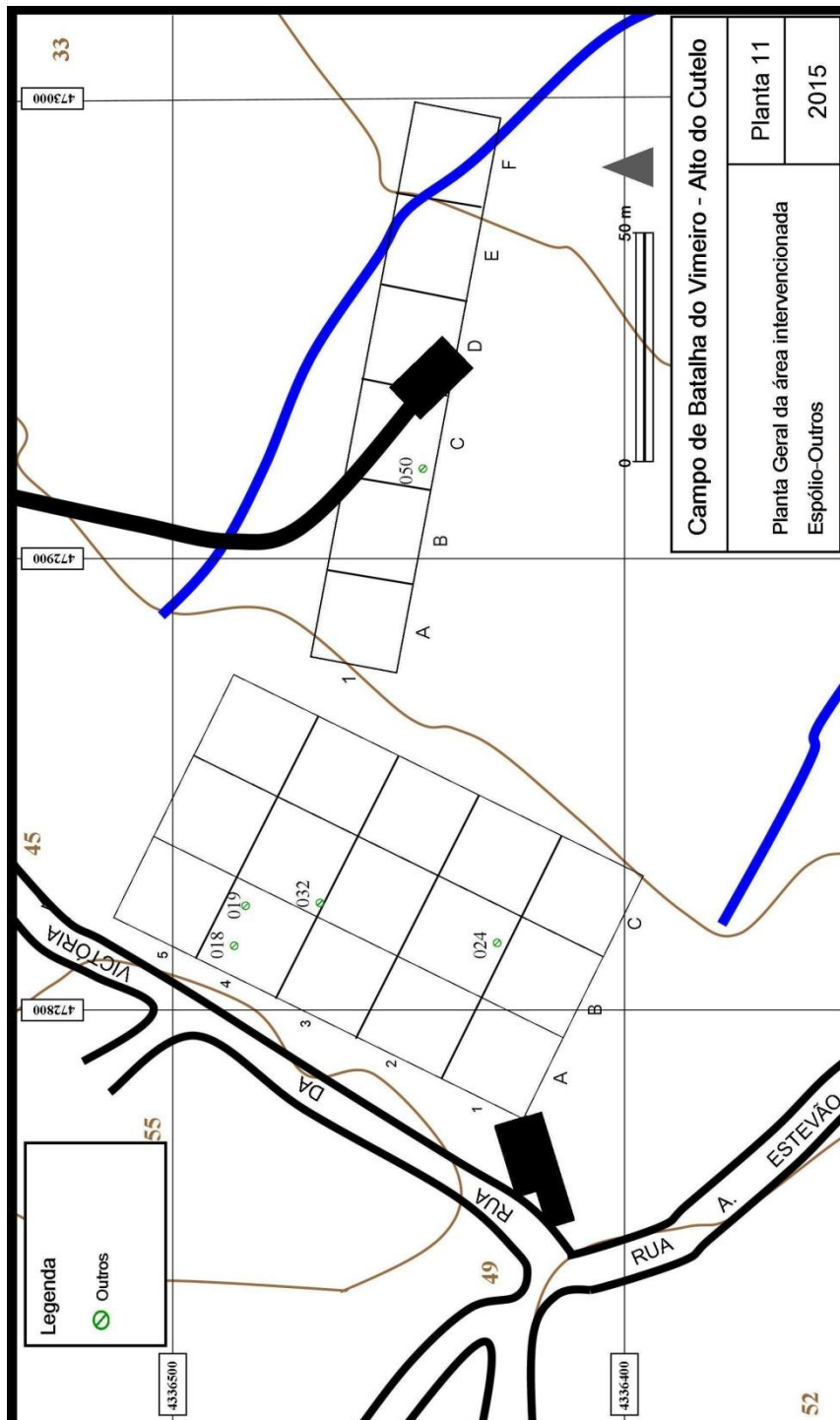
Planta 8 - Cavalaria



Planta 9 – Objetos Pessoais



Planta 10 - Numismas



Planta 11 - Outros

APÊNDICE IV

Catálogo

CAMPO DE BATALHA DO VIMEIRO – CATÁLOGO GERAL

Página 1/3

Inventário	Coordenada	Descrição	Matéria-prima	Metrologia				
				Peso (g)	Diâmetro (mm)	Dimensão Máxima (mm)	Largura Máxima (mm)	Espessura Máxima (mm)
CBV-AR1-A1-001	29S 472782 4336423	Botão	Liga de cobre	1,09	14,54	-	-	-
CBV-AR1-A1-002	29S 472788 4336429	Fragmento de Granada	Ferro	239,02	-	66,24	49,71	33,07
CBV-AR1-A1-003	29S 472784 4336422	Bala (marca de molde)	Chumbo	20,57	15,51	-	-	-
CBV-AR1-A1-004	29S 472788 4336425	Bala	Chumbo	21,88	15,84	-	-	-
CBV-AR1-A2-005	29S 472789 4336448	Fragmento de fivela	Liga de cobre	3,85	-	-	-	2,29
CBV-AR1-A2-006	29S 472795 4336439	Bala	Chumbo	30,37	17,68	-	-	-
CBV-AR1-A2-007	29S 472793 4336440	Bala	Chumbo	29,06	17,42	-	-	-
CBV-AR1-A2-008	29S 472804 4336447	Botão	Liga de cobre	2,92	19,82	-	-	-
CBV-AR1-A2-009	29S 472795 4336448	Bala	Chumbo	25,30	16,64	-	-	-
CBV-AR1-A3-010	29S 472800 4336466	Moeda	Bronze	2,57	20,31	-	-	1,15
CBV-AR1-A3-011	29S 472812 4336455	Bala	Chumbo	18,40	14,97	-	-	-
CBV-AR1-A3-012	29S 472805 4336474	Bala	Chumbo	31,24	17,86	-	-	-
CBV-AR1-A3-013	29S 472810 4336466	Botão	Liga de cobre	2,36	14,80	-	-	1,89
CBV-AR1-A3-014	29S 472815 4336458	Moeda	Alpaca	3,98	22,48	-	-	1,62
CBV-AR1-A3-015	29S 472805 4336460	Bala deformada	Chumbo	29,52	-	-	-	-
CBV-AR1-A3-016	29S 472817 4336466	Fivela	Liga de cobre	6,11	-	29,63	22,62	2,89
CBV-AR1-A3-017	29S 472816 4336460	Guarda-mato	Latão	31,76	-	47,32	21,20	9,71
CBV-AR1-A4-018	29S 472816 4336486	Indeterminado	Ferro	19,63	-	53,42	25,21	5,31
CBV-AR1-A4-019	29S 472824 4336482	Placa prensada	Liga de cobre	0,67	-	31,43	14,79	0,60
CBV-AR1-A5-020	29S 472833 4336503	Bala	Chumbo	21,24	15,70	-	-	-
CBV-AR1-B1-021	29S 472814 4336417	Fivela	Liga de cobre	4,71	-	-	21,60	3,04
CBV-AR1-B2-022	29S 472812 4336437	Acessório para arreios	Liga de cobre	5,51	18,08	-	-	-
CBV-AR1-B2-023	29S 472811 4336429	Bala	Chumbo	22,86	16,06	-	-	-
CBV-AR1-B2-024	29S 472816 4336428	Cravo	Liga de cobre	5,16	21,85	-	-	1,02mm
CBV-AR1-B2-025	29S 472821 4336433	Acessório para arreios	Liga de cobre	4,34	22,54	-	-	-
CBV-AR1-B2-026	29S 472831 4336440	Bala	Chumbo	29,88	17,58	-	-	-

CAMPO DE BATALHA DO VIMEIRO – CATÁLOGO GERAL

Página 2/3

Inventário	Coordenada	Descrição	Matéria-prima	Metrologia				
				Peso (g)	Diâmetro (mm)	Dimensão Máxima (mm)	Largura Máxima (mm)	Espessura Máxima (mm)
CBV-AR1-B3-027	29S 472823 4336452	Botão Francês	Liga de cobre	2,01	15,86	-	-	1,18
CBV-AR1-B3-028	29S 472829 4336452	Botão	Liga de cobre	2,09	19,03	-	-	0,98
CBV-AR1-B3-029	29S 472827 4336443	Contra platina	Latão	5,29g	-	27,14	16,71	-
CBV-AR1-B3-030	29S 472830 4336449	Bala	Chumbo	28,48	17,28	-	-	-
CBV-AR1-B3-031	29S 472829 4336445	Bala	Chumbo	29,16	17,46	-	-	-
CBV-AR1-B4-032	29S 472824 4336467	Chapa para Boldrié	Liga de cobre	3,37	-	25,00	17,78	3,19
CBV-AR1-B4-033	29S 472835 4336473	Metralha	Ferro	165,00	36,47	-	-	-
CBV-AR1-B4-034	29S 472830 4336473	Fragmento de granada	Ferro	172,00	-	53,58	37,14	24,01
CBV-AR1-B5-035	29S 472847 4336483	Botão	Liga de cobre	0,46	9,12	-	-	1,07
CBV-AR1-B5-036	29S 472845 4336480	Fragmento de navalha	Ferro e Liga de cobre	18,27	-	36,69	13,73	12,81
CBV-AR1-C1-037	29S 472828 4336412	Fivela	Liga de cobre	2,92	-	20,21	17,56	2,83
CBV-AR1-C2-038	29S 472829 4336434	Bala	Chumbo	19,14	15,17	-	-	-
CBV-AR1-C2-039	29S 472829 4336433	Botão	Liga de cobre	1,18	9,71	-	-	-
CBV-AR1-C3-040	29S 472839 4336457	Bala	Chumbo	29,26	-	-	-	-
CBV-AR1-C3-041	29S 472854 4336454	Bala	Chumbo	18,49	14,99	-	-	-
CBV-AR1-C3-042	29S 472833 4336442	Medalha Religiosa	Liga de cobre	0,48	-	12,38	7,67	1,53
CBV-AR1-C4-043	29S 472842 4336462	Bala	Chumbo	28,83	17,36	-	-	-
CBV-AR1-C4-044	29S 472849 4336472	Botão	Liga de cobre	0,66	8,34	-	-	-
CBV-AR1-C4-045	29S 472860 4336469	Colher	Liga de cobre	10,12	-	70,37	19,33	2,22
CBV-AR2-A1-046	29S 472887 4336463	Bala	Chumbo	16,81	14,49	-	-	-
CBV-AR2-A1-047	29S 472890 4336463	Fragmento de bala	Chumbo	12,82	-	-	-	-
CBV-AR2-A1-048	29S 472895 4336449	Fragmento de fivela	Liga de cobre	1,13	-	20,88	12,35	2,77
CBV-AR2-B1-049	29S 472899 4336464	Bala	Chumbo	17,17	14,60	-	-	-
CBV-AR2-C1-050	29S 472919 4336445	Argola	Ferro	9,58	34,72	-	-	-
CBV-AR2-D1-051	29S 472953 4336440	Fragmento de granada	Ferro	106,02	-	52,30	31,76	25,44

CAMPO DE BATALHA DO VIMEIRO – CATÁLOGO GERAL

Página 3/3

Inventário	Coordenada	Descrição	Matéria-prima	Metrologia				
				Peso (g)	Diâmetro (mm)	Dimensão Máxima (mm)	Altura Máxima (mm)	Espessura Máxima (mm)
CBV-AR2-E1-052	29S 472966 4336448	Botão Francês	Liga de cobre	2,01	20,01	-	-	-
CBV-AR2-F1-053	29S 472982 4336440	Botão	Liga de cobre	3,02	18,16	-	-	-
CBV-AR2-F1-054	29S 472989 4336429	Fragmento de garfo	Ferro	44,51	-	104,86	17,62	10,25
CBV-AR2-F1-055	29S 472994 4336429	Fragmento de granada	Ferro	299,02	-	79,83	60,28	19,90